

SUMMARIO

- Pela Educação Nacional.
Escola Normal de Campos.
O Solo — Barboza Vianna.
Miragem — Maria Sabina de Albuquerque.
Resumo da Constituição — Carlos Porto Carreiro.
Da pratica da pedagogia na Escola de Applicação — Joaquina Daltra.
Differenciação entre Glottologia e Philologia — Francisco Ant. Dias Abreu.
Origem do Inglez — Jasper L. Hasben.
Arvore da Vida — Arthur Lemos.
Chimica Organica — Correggio de Castro.
Algebra — Lacerda Coutinho.
Cancão Maternal — Letra de J. B. Mello e Souza — Musica de J. Rosey.
Esperanto — Porto Carreiro Neto.
Actividade sensorial — Antenor Costa.
A Linguagem e sua evolução — Celso Lemos.
Prova da addicção — Tio Ratão.
Poesia da Dôr — Pereira da Silva.
O homem que tudo achava — Malba Tahan.
Parnaso Infantil — Minha filha — Luiz Carlos.
Problemas de Chimica (Notas de aula do Prof. Pedro A. Pinto) Nair Granja Machado Vieira.
De agulha e linha — Gloria Swanson.
A Caridade — Myrthes Angelica Ribeiro.
O Ensaio do Balão — Adelina Picango da Costa.
Bibliographia.
Varias Noticias.



Escola Normal

— A ESCOLA NORMAL —

PUBLICAÇÃO MENSAL

EXPEDIENTE

Orgão dos Corpos docente e discente da Escola Normal do
Districto Federal e de suas congengeres nos Estados.

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO

RUA DE SÃO CHRISTOVÃO, N.º 23

AGENCIA

Rua Chile — 17, Tel. Central 1181

RIO DE JANEIRO

Assignatura annual para todo o Brasil....	20\$000
Numero avulso	2\$000
“ atrazado	3\$000

Todas as assignaturas terminam em Março
NÃO SE RESTITUEM ORIGINAES

Representantes junto ás Escolas Normaes nos Estados.

S.PAULO

CAPITAL — Prof. Armando Gomes de Araujo
Vice-Director da Escola

BRAZ — Alarico Borelli
Amanuense da Escola

PIRASSUNUNGA — Prof. Mello Ayres
Cathedratico da Escola

PIRACICABA — Prof. Joaquim Antonio do Canto
Director do Grupo Escolar

S. CARLOS — Dr. Domingos de Vilhena
Cathedratico da Escola

E. DO RIO

NICTHEROY — Prof. Evangelina A. de Azevedo Cruz
Cathedratica da Escola

ESPIRITO SANTO

ESCOLA NORMAL DE VICTORIA
D. Maria Stella de Novaes
Professora de Sciencias Physicas e Naturaes

BAHIA

CAPITAL — Dr. Antonio Augusto Machado
Cathedratico da Escola

PERNAMBUCO

ESCOLA NORMAL OFFICIAL DO RECIFE

Prof. Eustorgio Wanderley
Cathedratico da Escola

AGENTES:

ARARAQUARA — Dourival Alves
Prefeitura Municipal

A Escola Normal

REVISTA DE EDUCAÇÃO

DIRECTOR:

Dr. Barboza Vianna

Prof. da Escola Normal e da Faculdade de Medicina



SECRETARIA:

Zenaide Guerreiro

Professora pela Escola Normal

RIO DE JANEIRO

PELA EDUCAÇÃO NACIONAL

O Sr. Dr. Arthur Bernardes, eminente Presidente da Republica, dirigiu ao povo brasileiro, na data anniversaria da proclamação da Republica, as seguintes palavras, que virão de certo dar grande impulso ao movimento em prol da Educação Nacional, do qual tem sido esta revista um modesto mas decidido trabalhador.

.....

“Aproveito a oportunidade para fazer um appello aos meus compatriotas, no sentido de consagrarem um pouco mais de attenção á formação espiritual dos nossos jovens patricios, incutindo-lhes no coração um sentimento de arraigado amor e grande interesse pelo Brasil e aprimorando-lhes, ao mesmo tempo, as qualidades moraes, que hoje tanto seduzem e fazem tão felizes o homem e a sociedade.

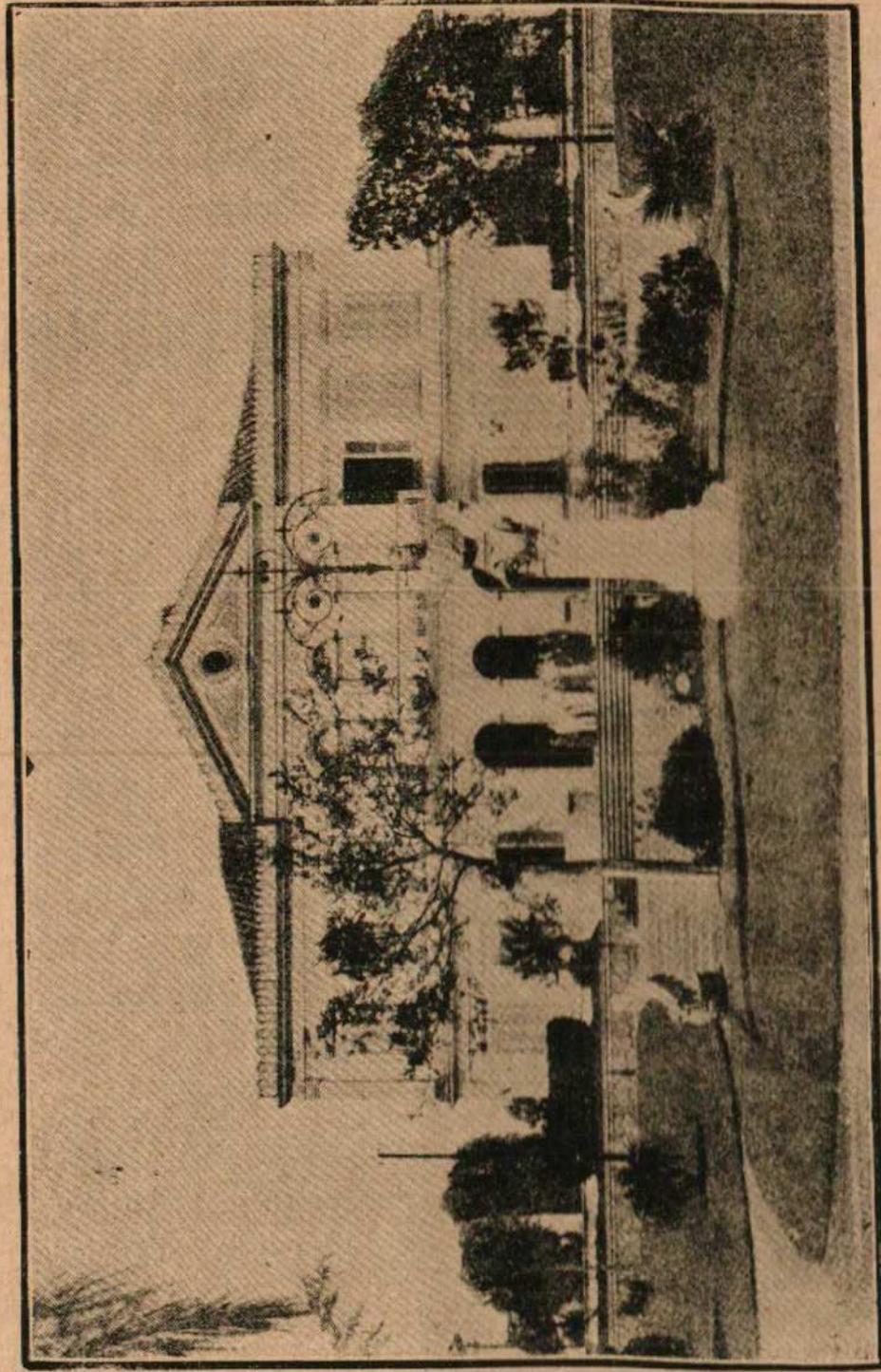
Sendo elles os cidadãos de amanhã, velar cuidadosamente por sua educação moral e civica é velar pelo futuro da nossa Patria.

Repito hoje palavras que já tive ensejo de proferir; ensinar a juventude a conformar-se com a sua sorte e condição; a condemnar a vaidade, o orgulho, a ostentação, o luxo; influir na formação do seu character, incutindo-lhe coragem moral para o cumprimento de seus deveres e para affrontar e vencer as difficuldades da vida, conquistando assim independencia pessoal e vivendo na honradez, é o melhor programma de educação e uma necessidade nos tempos hodiernos.

Com a educação da mocidade nestes moldes pouparemos a ella e á Patria grandes males futuros, como sejam a corrupção, a deshonestidade, o aviltamento de character.”

.....

"A ESCOLA NORMAL" no Estado do Rio



Escola Normal e Lyceu de Campos

O SOLO (*)

Barboza Vianna

Cathedratico de Anatomia

Apezar de tres quartas partes da terra serem occupadas pelas aguas é no solo e do solo que vive a maior parte dos animaes e entre elles o homem.

Hoje é ahi que elle constróe a sua morada (cessada que foi a causa da habitação lacustre), é ahi que acha a agua para os varios misteres de sua vida, e onde encontra os alimentos de que vive.

Para se poder estudar a influencia sanitaria do solo, faz-se necessario recordar algumas theorias da formação da terra.

Pela cosmogonia mosaica, que é a historia da criação do mundo, segundo Moysés, foi a terra creada em seis dias, conforme se lê na Biblia.

A theoria scientifica, acceita hoje, é a de LAPLACE-HERSCHEL, que explica a constituição dos varios planetas, pela condensação de nebulosas e consequente resfriamento, tornando-se as porções que dellas se desprendem, seus satellites, de onde a formação, no espaço, dos varios systemas planetarios.

LAPLACE, tendo adoptado, em relação ao systema solar, a theoria de HERSCHEL, é justo que se denomine a sua idéa, como fez FLAMARION, de theoria de LAPLACE-HERSCHEL.

Assim, do sol, em estado de nebulosa, se desprenderam pequenas porções que foram formar os varios planetas do systema solar — *Terra, Marte, Jupiter, Saturno, Urano, Neptuno, Venus* e a *Lua*, os quaes, pela força centrifuga, giram dentro da orbita solar.

Pode-se no laboratorio demonstrar esta theoria, por uma experiencia chamada de PLATEAU.

Colloca-se em um copo, quantidade igual de alcool e agua, pingando-se após um pouco de azeite. Enfiando-se no meio da bola de oleo que se forma no meio do liquido por causa da densidade, uma haste qualquer e fazendo-se um movimento para que o oleo se mova em grande velocidade, ver-se-ha desprender particulas de oleo, as quaes ficam girando em torno da bola maior.

E' uma experiencia bem demonstrativa.

A terra, sendo primitivamente uma nebulosa, foi aos poucos se resfriando, até a temperatura haver permitido o apparecimento dos seres vivos.

Este resfriamento não é inda total, pois existe no centro da terra um nucleo, cuja temperatura se calcula seja de 2.000°, na qual são fusiveis todos os metaes.

Sabe-se da existencia desse nucleo, por crescer a temperatura de um gráo de 32 em 32 metros, á medida que se desce na profundidade do solo.

E' assim formada a terra de quatro rochas primordiaes: a *hydrosphera*, constituida pelas aguas, a *atmosphera*, formada pelo ar, a *lithosphera*, representada pelo solo, e a *ignosphera*, que é o nucleo igneo central, tambem chamado de fogo central, nome improprio, pois no centro da terra não ha oxygenio necessario para que haja chamma.

A lithosphera subdivide-se em tres rochas principaes: rochas *igneas*, *sedimentarias* e *metamorphicas*.

As rochas formadas pelo resfriamento da crosta da terra são as rochas igneas, cujo typo é o granito.

Estas rochas estão sujeitas á acção dos varios factores atmosphericos, como sejam os ventos, as chuvas, etc., que aos poucos vão desagregando particulas das rochas igneas, as quaes se vão sedimentando no solo para formar camadas, merecendo, por isso, o nome de rochas sedimentarias. A areia é um bom exemplo dessa especie de rocha.

Como a crosta da terra é relativamente fragil pela sua disformidade, havendo nella grandes elevações e profundas depressões, dão-se, de quando em vez, falhas por onde se transborda uma parte do nucleo igneo central, formando-se os vulcões, cujo periodo de actividade, segundo as modernas theorias, corresponde a communicções com o mar, sendo a tensão do vapor d'agua a causa das erupções vulcanicas.

Quando a lava, cuja temperatura attinge mais de mil grãos, se põe em contacto com as rochas sedimentarias, forma-se uma rocha compacta, que se chama rocha meta-

(*) Lição dada em 1922, quando Docente de Hygiene.

morphica. E' uma acção semelhante á que se obtem quando se leva a argilla ao fogo para fazer o tijolo.

E' assim que o giz, que é carbonato de calcio amorfo, rocha sedimentaria, transforma-se em marmore, pela crystallização do carbonato de calcio, mudando-se assim em rocha metamorphica.

A desagregação dessas rochas e a sedimentação consecutiva constitue a terra vegetal, ou solo aravel, cuja influencia sanitaria temos que estudar, pois o homem só poderá viver onde houver vegetação.

A influencia da composição da terra é tão grande que é ella que dirige os destinos do mundo, orientando os movimentos de emigração, pela riqueza das terras, permittindo os surtos da industria dependentes dos elementos de força motriz — carvão e agua, e finalmente se apropriando á cultura, sendo a fortuna agricola de um povo, função dos elementos componentes do solo.

Aqui no Brasil, podemos acompanhar a evolução de nossa politica estudando a composição do solo.

Descoberto, por procurarem os portuguezes um novo caminho para as Indias, onde o solo e o clima permittiam a cultura das preciosas especiarias, o Brasil, pela sua extensão, apresenta uma grande diversidade de climas e de composição do solo, que tornam muito desigual a vegetação do Amazonas, da do Rio Grande do Sul, a do littoral da do planalto central, e assim por deante.

Os primeiros terrenos explorados foram os calcareos chamados "massapé", de Pernambuco, Alagôas e Rio de Janeiro (Campos), que se prestam admiravelmente á cultura da canna de assucar, que foi, a principio, a principal riqueza do Brasil.

Depois veio a exploração dos terrenos da Bahia, que, pela sua diversidade, se prestam ás culturas da canna de assucar, tabaco, cacau, algodão, etc., dominando esta Provincia, então, pela riqueza de sua polycultura.

A chegada das sementes de café (*Coffea arabica*) aqui á Capital Federal, e sua introdução consecutiva em S. Paulo, onde os terrenos de decomposição da diabase e do porphyrito, formando a terra rôxa, tanto se prestam á cultura da preciosa rubiacea, trouxeram para esse Estado a principal fonte de riqueza do Brasil.

A geada que ha tres annos cahiu em S. Paulo, destruindo em uma noite cafezaes immensos, mostrou aos paulistas o perigo da monocultura, havendo hoje nesse Estado grande movimento de plantações de algodão, alfafa, videiras, etc.

Durante algum tempo os terrenos de alluvião do Amazonas consituiram, pela *hevea braziliensis*, de onde se extrahê a borracha, uma consideravel riqueza, que cessou porque o Governo Rodrigues Alves mandou fornecer sementes aos inglezes, que fizeram grandes plantações na India, cuja concurrencia impediu a extracção de nossa borracha, lançando a miseria á Amazonia.

Os terrenos pantanosos do Paraná, permittindo o desenvolvimento das varias especies de *ilex*, dão a esse Estado a primazia na industria do matte, que é a sua principal riqueza.

Os campos geraes, que se iniciam em Goyaz e Minas e vão até o Rio Grande do Sul, permittem a criação de animaes, que lhes dão immenso proveito.

O aproveitamento das quedas d'agua e a exploração das minas carboníferas estão transformando o Brasil em um paiz industrial, quando antes eramos *um paiz essencialmente agricola*.

Como se vê, o homem vive do solo, aproveitando-o, transformando-o, melhorando-o, quando não faz o contrario. Assim o deserto do Sahara e o nosso nordeste foram transformados de terrenos ferteis, pela queima de suas florestas, em terras inhospitas.

A conservação das florestas e a configuração geral do solo tem uma grande influencia sobre os climas e o curso das aguas, de que muito depende a composição do solo.

Os romanos, antigamente, e hoje os francezes e americanos, têm obtido, pela irrigação artificial, a mudança de terras estereis em valles fertilissimos.

Só podendo o homem viver onde houver agua em quantidade sufficiente, a questão de humidade do solo importa muito ao nosso estudo.

A agua que existe na terra é sempre a mesma, não variando a sua quantidade e sim o seu estado physico.

E' o que se chama o cyclo da agua, primeiro em estado liquido ou solido nos mares, rios, lagos, geleiras, etc., depois em estado de vapor para formar as nuvens, pela sua condensação, transformando-se em chuva, que cahindo no solo, vae escorrer para os rios e mares, ou vae embeber a terra penetrando no solo. Esta embibição depende da declividade do terreno, impermeabilidade e finalmente porosidade, da qual decorre a capacidade do solo em conservar a agua.

Assim, segundo SCHUBLER, o granito compacto póde conter sómente 0,60 % d'agua, reduzido a pó 27 %, a areia 45 %, o calcareo 54 %, a argilla 60 %, o humo 80 %. As materias organicas podem absorver muita humidade: a palha até 300 %, as folhas até 500 % e a turfa até 1.000 %, isto é, dez vezes o seu volume.

Segundo ARNOULD, é necessario distinguir a *capacidade para a agua* que traduz a quantidade d'agua que um peso ou um volume dado do solo póde admittir no conjuncto dos espaços lacunares (saturação ou capacidade maxima de saturação de certos autores), e a que exprime a quantidade d'agua que o mesmo peso ou volume do proprio solo póde reter sem deixar escoar (*capacidade absoluta, capacidade maxima ou minima de retenção ou de absorpção* dos autores).

Se collocarmos terra em um funil e formos deixando cahir lentamente agua, ella não se escoará enquanto a *capacidade para a agua*, tambem chamada capacidade de absorpção, capacidade de retenção ou facultade de embibição não fôr satisfeita. Depois que o escoamento começar a se produzir, pode-se, fechando com o dedo o respectivo tubo, continuar a introduzir agua no funil, que só transbordará quando a saturação da agua fôr attingida. E' o segundo caso.

Depois de obtida a saturação, a agua começa a penetrar no solo, obedecendo, no emtanto, ás leis da cohesão mollecular e da capillaridade. A attracção mollecular se exerce não só sobre os liquidos como tambem sobre os diversos corpos ahi em suspensão e sobre as materias ahi dissolvidas. E' o mecanismo da filtração no solo, que é muito lenta.

HOFFMANN, em Leipzig, achou que a chuva levava 114 dias a atravessar um metro de areia cujos grãos tinham de 3 a 5 decimos de millimetro de diametro, pelo que a agua devia caminhar mais de um anno para atravessar as camadas de solo até chegar ao lençol d'agua subterraneo.

Além da lentidão que produz, a força attractiva do solo exerce uma fixação differente sobre os diversos materiaes suspendidos ou dissolvidos na agua, uma força semelhante, no dizer de DUCLAUX, á que fixa a materia tinturial sobre os tecidos mergulhados em um banho de tintura.

Este autor chamou-a de *poder selectivo* e BONJEAN de *força fixadora*.

Esta passagem da agua pelo solo depende da natureza deste, sendo que não merece confiança a filtração em solo que tenha os canaes existentes entre as particulas solidas, bastante largos. Por isso DUCLAUX escreveu: "E' necessario crêr no poder filtrante do solo, não se devendo, entretanto, crer que seja elle absoluto".

Esta penetração da agua no solo vae formar os lençoes d'agua, que podem ser superficies e profundos. A agua dos primeiros póde ser potavel se o terreno que o formou era permeavel; mas se era impermeavel como o granito, ou o calcareo, e foi atravez de suas fendas ou diaclases que a agua desceu, essa agua é impura, pois não soffreu filtração.

O lençol d'agua profundo é formado de aguas duras, isto é, carregadas de saes de calcio e de bario, por causa da grande pressão e augmento de temperatura, que agem sobre os terrenos em que o lençol se fórma, permittindo a dissolução de saes na agua.

A agua que encontra terrenos impermeaveis sem fendas e sem declives, vae formar poças e pantanos, que tem uma má influencia sanitaria, pois permite a criação de mosquitos, tornando os logares paludosos.

Além da agua devemos estudar o ar do solo.

A capacidade do solo para o ar é egual ao volume dos póros, ella é por consequencia tanto maior quanto menores forem as particulas de areia e quanto mais frouxa fôr a terra. As quantidades de ar e de agua são complementares, havendo, portanto, menos ar no solo humido que na terra secca. O ar do solo contem, além de uma certa quantidade de vapor d'agua, uma quantidade notavel de anhydrido carbonico, ammoniaco e algumas vezes hydrogenio sulfurado ou carbonado.

O anhydrido carbonico forma-se á custa da oxydação da materia organica do solo, transformando-se o azoto em ammoniaco.

BOUCHARD emittiu a opinião que, além desses gazes, podia o ar do solo vehicular certas toxinas volateis produzidas no decorrer de putrefacções organicas e capazes de influir desfavoravelmente sobre a saude do homem. Talvez isso succeda, pelos movimentos que se produzem no ar do solo, provocados pela differença de pressão e pela acção dos ventos, o que foi demonstrado por PETENKOFER.

Este autor attribuia uma grande importancia a esses movimentos, pois os accusava de serem causa de desprendimento dos miasmas que iam produzir as epidemias.

Hoje é esta opinião uma recordação historica. Os gazes são absorvidos pelo solo, que tem a propriedade de desodorizal-os.

Este conhecimento tem a sua applicação pratica no emprego de terra secca na desodorização dos gazes fetidos, provenientes das materias fecaes.

Esta desodorização torna muito perigosos os escapamentos de gaz de illuminação no solo, que se podem propagar até aos porões das casas, havendo casos conhecidos de intoxicação por esta fórmula, não sentindo o individuo a presença do gaz, pela perda de cheiro que este soffreu.

A humidade, o arejamento e a temperatura é que permitem os phenomenos vitales que têm séde no solo.

O calor do solo tem tres origens: o *nucleo igneo central* (augmento de 1° de 32 em 32 metros de profundidade), o *calor solar*, de que chegam 64 % á terra, e os *phenomenos physico-chimicos*, que se dão na materia organica do solo.

Este, recebendo os restos de cadaveres dos animaes e as plantas mortas, e mais os excretos animaes e os variados detrictos que resultam da existencia humana, tem necessidade de fazer destes materiaes uma transformação de que resultem novas fontes de energia para a vida dos seres.

Esta mudança processa-se sob fórmula de fermentações, de que o solo é séde.

BERTHELOT disse que "a terra tem alguma cousa de vivo", querendo assim significar a importancia dos phenomenos vitales, que ahi se passam, de que são agentes os seres infinitamente pequenos.

Ha dois processos de fermentação: por oxydação e redução. O primeiro faz-se por meio do oxygenio do ar e por influencia de uma serie de microorganismos que transformam o carbono em acido carbonico, o azoto em ammoniaco, este em acido nitroso, este, por sua vez, em acido nitrico, que por sua combinação ou do proprio acido nitroso com as bases, dá nitritos e nitratos, ultimo termo de regressão da substancia azotada, por intermedio das quaes a materia organica morta se mineraliza, torna-se imputrescivel e propria para ser absorvida pelo vegetal para retomar o seu logar entre os seres vivos (cyclo vital de Claudio Bernard).

Os microbios responsaveis por esta oxydação são o *bacillus mycoides* dos autores allemães, o *fermento nitroso* (nitro-monada), o *fermento nitrico* (nitro-bacter), etc.

O processo de redução se exerce quando não ha oxygenio em quantidade sufficiente para que a oxydação se faça.

Neste ha uma redução das materias organicas com phenomenos de putrefacção.

O que o caracteriza é a formação de numerosos productos gazosos mal odorantes: acido carbonico, formena, hydrogenio sulfurado ou carbonado, acidos aminados diversos, aminas primarias, leucina, tyrosina, indol, escatol, ptomainas, e outras toxinas mais ou menos perigosas.

Dahi uma differença capital entre os resultados da oxydação e da putrefacção, havendo neste a formação de detrictos abundantes por accumulo de residuos, quando na oxydação ha desappareição completa da materia organica.

Os microbios da putrefacção são quasi todos anaerobios, tendo-se assignalado o *bacillus denitificans* de BURRI e STUTZER, o *bacillo coli* (WASSENBERG), o *bacillus denitificans A e B* de GUYON e DUPETIT, etc.

HELBRINGEN e WILFARTH descobriram nas raizes das leguminosas (feijão, accacia, ervilhas, etc.), varios microbios que exercem uma acção contraria á redução, absorvendo o azoto do ar e formando nitratos, servindo assim á riqueza do solo. Entre estes microbios podem ser citados o *clostridium pasteurianum* e o *azoto bacter* de BEIJERINK e DELBEN.

Além desses microbios saprophytas existem normalmente no solo innumerous microbios pathogenicos, variando naturalmente o seu numero, a sua diversidade e a sua proporção com os saprophytas do solo que se considera.

De uma maneira global, FRAENKEL estabeleceu o seguinte quadro, resultante de suas pesquisas em Berlim:

Quadro de germens por cm. cubico:

Profundidade	Solo de floresta	Solo de jardim	Solo de habitação
0 m.	150.000	450.000	160.000
0,50 m.	200.000	300.000	40.000
1 m.	20.000	150.000	10.000
1,50 m.	15.000	80.000	10.000
2 m.	2.000	20.000	6.000
2,50 m.	500	700	6.000

<i>Profundidade</i>	<i>Solo de floresta</i>	<i>Solo de jardim</i>	<i>Solo de habitação</i>
3 m.	350	100	600
3,50 m.	0	100	600
4 m.	0	100	600

A leitura attenta deste quadro dispensa commentarios.

Os microbios que se vehiculam pelo solo são: o vibrião septico ou bacillo do edema maligno, o bacillo do carbunculo ou bacteridia carbunculosa e o bacillo do tetano ou de Nicolaier. Estes dois ultimos microbios são esporulados.

Accidentalmente ahi se encontram o bacillo de KLEBS-LÖEFFLER da diphteria, o pneumo-bacillo de FRIEDLANDER, o cocco-bacillo de YERSEN-KITASATO da peste, o bacillo pyocianico do pús azul, o bacillo do cholera morbus, o bacillo de KOCH da tuberculose, o bacillo de EBERTH da febre typhoide, os bacillos paratyphicos *a* e *b*, o bacillo de SHIGA e FLEXNER, os estaphilococcos, os estreptococcos, etc.

Ao lado dos microbios encontram-se no solo: parasitas (amebas, esporozarios, infusorios, ovos e larvas de vermes e nematelmintos: ovos e larvas de lombrigas (*ascaris lumbricoides*), de tricocephalos trichiurus, de oxyurus vermiculares, de ancylostomos duodenalis e nector americanus, o cysticerco, larva da tenia solium, o echinococcos, larva da tenia do mesmo nome, a ameba dysenterie, etc.)

Os ovos e larvas do ancylostomo duodenalis que penetrando pelo tubo digestivo ou pela pelle, como mostrou LOOS, produzem a ancylostomose ou uncinariose, ou opilação, mal da terra, cansaço, etc., que constitue um flagello no Brasil, onde se calcula haja mais de 10 milhões de individuos infestados.

Para se sanear o solo usam-se varios processos: *Desinfecção*. Quando se retira terra de esgotos, etc., mistura-se á terra uma certa quantidade de cal, sulfato de ferro, etc., obtendo-se assim um enfraquecimento do poder virulento dos microbios.

Drenagem — Que consiste em seccar a superficie do solo por meio de vallas, tubos, etc.

Aterro — Como se está fazendo em Manguinhos.

Cultura — A plantação de certas arvores contribue enormemente para se obter o desecamento do solo. Assim o eucaliptus (para nós *eucaliptus rostrato* de preferencia) evapora por dia 20 vezes o seu peso d'agua. O gyrasol (*helianthus annus*), a paulownia imperialis, o sycomoro, etc.

Por estes processos obtem-se o desecamento do solo e conseqente saneamento.



MIRAGEM

Maria Sabina de Albuquerque

E vou seguindo pela vida a fóra
na vã procura deste sonho incerto,
tanto mais lindo quanto mais demora
a ser achado no árido deserto.

E para o sonho que esfumado embora
se vai tornando nitido e mais perto
estendo os braços... Tudo se evapora
diluido ao longe no horizonte aberto...

Enganadora, pérfida miragem...
Porque, perante os olhos delirantes
surge tão perto a tentadora imagem ?

Pela extranha visão santalisada
se estende para o amor as mãos tacteantes
é para vê-lo após desfeito em nada...

Resumo da Constituição

Carlos Porto Carreiro

Docente da Escola Normal

Constituição é a lei que serve de base á organização politica dum paiz e define os direitos dos cidadãos (assim como os direitos de que possam gozar os estrangeiros no territorio nacional).

A nossa Constituição foi promulgada em 24 de fevereiro, 1891.

Pode-se dividir a materia da Constituição da Republica dos E. U. do Brasil em quatro partes principaes:

- I) Organização politica.
- II) Organização do governo.
- III) Garantias constitucionaes.
- IV) Reforma da Constituição.

I — ORGANIZAÇÃO POLITICA — 1º) A FORMA DE GOVERNO é a republica federativa (art. 1º), e não póde ser abolida (art. 90 § 4). O *territorio* constituido: pelas antigas provincias que hoje formam Estados e pelo Districto Federal (art. 2º), e, ainda, pelo planalto central destinado á futura Capital (art. 3º). (*) 2º) A UNIÃO é o conjuncto do paiz politico: é ella que encerra a soberania nacional. (art. 15). A) *Compete á União*: decretar impostos de importação estrangeira, decretar direitos sobre navios, instituir bancos emissores, crear e manter alfandegas, fazer executar leis, actos e sentenças federaes nos Estados (art. 7º), decretar o que se refere á moeda, pesos e medidas, e divida publica, fixar as forças de terra e mar, regular as eleições federaes, mudar a Capital da Republica, legislar sobre o direito civil, commercial e criminal da Republica, etc. (art. 34). B) O *patrimonio* da União é constituido por todos os bens publicos federaes (territorios: terrenos de marinha, zona da fronteira, planalto central, districto federal); minas federaes, navios, material bellico, immoveis e material das repartições federaes, moeda, etc. C) *A União pode intervir nos Estados* para repellir invasão estrangeira, ou de um Estado em outro; para manter a forma republicana federativa; para restabelecer a ordem nos Estados á requisição dos respectivos Governos; para assegurar a execução das leis e sentenças federaes (art. 6º). D) *A União pode prestar soccorros a um Estado* que esteja soffrendo calamidade publica, si este os solicitar (art. 5º). 3º) A DIVISÃO POLITICA do Brasil é a seguinte: A) *Os Estados*: a) *Compete a cada Estado* reger-se pela Constituição e leis que adoptar (art. 63); prover ás necessidades do seu governo (art. 5º); decretar impostos sobre exportação, sobre immoveis sobre transmissão de propriedade e sobre industrias e profissões (art. 9). b) *Os Estados podem incorporar-se, subdividir-se, desmembrar-se para annexar a outro* ou para formar novos Estados, mediante certas condições (art. 4º); celebrar entre si ajuste ou convenções sem character politico (art. 65); exercer qualquer direito que não lhes fôr vedado, expressa ou tacitamente, pela Constituição (art. 65 § 1º) c) *O patrimonio dos Estados* consta de: seu territorio, minas e terras devolutas, os immoveis destinados aos seus serviços, etc. (art. 64). B.

(*) O Territorio do Acre só foi incorporado muito tempo depois da Constituição

Os municípios em que estão divididos os Estados e cuja organização lhes compete, assegurada a respectiva autonomia (art. 68). 4º) AS RELAÇÕES INTERNACIONAES competem á União. Abrangem: a) a *representação* diplomatica e consular (*activa e passiva*) (art. 48, ns. 12 e 13). b) *os tratados*, negociações, ajustes e convenções com as nações estrangeiras (art. 34, n. 12; e art. 48, ns. 14 e 16). c) *a guerra e a paz* (art. 34, ns. 11, 19, 20 e art. 88); d) *a segurança externa: forças de terra e mar* arts. 14, 17, 18, 20 e 48, ns. 3, 4, 5, 7 e 8; arts. 85, 86, 87); e *a segurança das fronteiras* (art. 34, n. 16, e art. 64).

II — ORGANIZAÇÃO DO GOVERNO

Compreende: a instituição dos *Poderes Publicos*, a sua distribuição, modo de sua formação, órgãos, competencia e attribuições.

Os poderes publicos são: o Legislativo, o Executivo e o Judiciario; são órgãos da soberania nacional, e são harmonicos e independentes entre si (art. 15)

A) 1º) O *poder legislativo* é exercido pelo *Congresso Nacional* com a sancção do Presidente da Republica (art. 16).

2º) O *Congresso Nacional* compõe-se de *Senado e Camara dos Deputados* (art. 15 § 1º); é eleito pela nação (art. 16 § 2 e arts. 28 e 30); reune no dia 3 de maio de cada anno (art. 17); e mandato dos deputados dura tres annos (artigo 17 § 2º); o dos senadores, nove (art. 31); renovando-se o Senado pelo terço triennialmente (art. 31).

3º) Compete ao *Congresso Nacional*, além do que foi mencionado quanto á competencia da União: orçar a receita e fixar a despeza da União, annualmente; regular o commercio internacional; legislar sobre: a navegação que interessa á União; decretar o estado de sitio e amnistia; regular as eleições federaes, a naturalização, a extradicação entre os Estados, etc.; e prorogar ou adiar suas sessões. Ha algumas competencias exclusivas da Camara; outras do Senado. A' approvação deste é sujeita a nomeação dos ministros diplomaticos e dos ministros do Supremo Tribunal.

4º) *A Camara tem a iniciativa* do processo de responsabilidade do Presidente da Republica e dos altos funcionarios; o Senado é que profere a sentença, presidido pelo Presidente do Supremo Tribunal Federal.

5º) *Para ser deputado* é preciso estar de posse dos direitos de cidadão, ser alistavel como eleitor, e ter mais de quatro annos de cidadão brasileiro (para os naturalizados).

6º) *Para ser senador*, exigem-se iguaes condições e mais: ter 35 annos de idade, pelo menos, e ter mais de seis annos de cidadão (para os naturalizados).

7º) *A lei pode ser iniciada* na Camara ou no Senado (salvo si for lei de impostos, ou de fixação de forças, ou decreto de adiamento das sessões, cuja iniciativa compete á Camara); da Camara iniciadora passa o projecto á outra. Adoptado, sobe á sancção do presidente da Republica. O Presidente tem dez dias para a sancção. Si elle sanciona, o projecto torna-se lei. Si não sanciona, nem *veta*, é lei igualmente. Si *veta*, volta o projecto á Camara iniciadora e depois passa á outra Camara. Si ambas as Camaras fôr de novo votado, e passar por dois terços dos presentes, é lei. (arts. 36, 37, 38). A promulgação da lei compete ao Presidente da Republica, como órgão do Poder Executivo.

B) 1º) O PODER EXECUTIVO tem por órgão o Presidente da Republica. (art. 41), eleito por 4 annos (art. 43) por suffragio directo e maioria abosuta de votos (art. 47), no dia 1º de março do ultimo anno do quadriennio (art. 47 paragrapho 1º).

2º) A apuração da eleição é feita pelo Congresso (art. 47 § 1º); e, si a maioria fôr relativa, o Congresso escolherá um dos mais votados (art. 47 § 2º). Si houver empate, considerar-se-á eleito o mais velho.

3º) O Presidente *não pode ser reeleito* para o periodo immediato (art. 43).

4º) O *quadriennio conta-se* de 15 de Novembro a 14 de Novembro.

5º) O *Vice-Presidente*, o substitue em caso de vaga, concluindo o periodo se a vaga se deu no segundo biennio (art. 41 § 1º, art. 42).

6º) O Vice-Presidente é eleito e escolhido pelo mesmo processo e para o mesmo periodo que o Presidente (art. 47) e tem as mesmas incompatibilidades (art. 43 § 1º).

7º) O Vice-Presidente preside ao Senado (art. 32).

8º) Para ser Presidente ou Vice-Presidente é preciso ser brasileiro nato, ter pelo menos 35 annos de idade e estar no exercicio dos seus direitos politicos (art. 41 § 3º).

9º) *Compete* ao Presidente da Republica: sancionar e promulgar as leis; nomear e demittir os ministros de Estado; prover os cargos federaes; indultar e commuttar penas; dar conta ao Congresso da situação do paiz; convocar o Congresso extraordinariamente; nomear os magistrados federaes, os diplomatas e consules; declarar a guerra e fazer a paz, e decretar o estado de sitio (estas ultimas medidas, porém, somente em caso de urgencia, e na ausencia do Congresso); manter as relações internacionaes (art. 48), etc.

10º) O Presidente tem 48 horas para promulgar a lei de qualquer modo acabada. Senão o faz, compete ao Presidente do Senado promulga-la. Si este não a promulga dentro de 48 horas, cabe esta attribuição ao Vice-Presidente do Senado e assim por deante.

11º) O Presidente *pode ser processado nos crimes de responsabilidade* (artigo 54), por denuncia de qualquer do povo; responderá perante a Camara; si fôr pronunciado será julgado pelo Senado (presidido pelo Presidente do Supremo Tribunal) (art. 53).

12º) *Os Ministros de Estado* são escolhidos pelo Presidente (art. 49); não tomam parte nas sessões do Congresso (art. 50); são chefes dos departamentos ministeriaes; (art. 49); não são responsaveis pelos conselhos dados ao presidente da Republica, nem perante o Congresso nem perante os Tribunaes (art. 52); mas são responsaveis pelos crimes funcionaes (art. 52 § 1º), pelos crimes communs (julgados pelo Supremo Tribunal), e pelos crimes connexos com o Presidente da Republica (julgados na mesma forma que este) (art. 52 § 2º).

C) 1º) O *Poder Judiciario* tem opor orgãos: o Supremo Tribunal Federal (na Capital da Republica) e os Juizes e Tribunaes Federaes (nos Estados) (art. 55).

2º) Os Ministros do Supremo Tribunal são em numero de 15; escolhidos pelo Presidente da Republica com a approvação do Senado, dentre os cidadãos de notavel saber, que sejam elegiveis para o Senado (art. 56); são vitalicios (art. 57).

3º) *Compete* ao Supremo Tribunal: processar e julgar: o Presidente da Republica, os Ministros de Estado; os Ministros diplomaticos; os conflictos entre a União e os Estados, ou entre os Estados; a reclamações entre as Nações estrangeiras e a União; ou entre ellas e os Estados; etc., rever os processos findos (artigo 59).

4º) *Competem* aos Juizes Federaes: todas as outras causas que, por sua natureza, não sejam de competencia da justiça dos Estados. (Como, por exemplo: causas fundadas na Constituição Federal; causas em que é parte a União ou a Fazenda Nacional; causas em que é parte Estado Estrangeiro, etc.) (art. 60).

III — CIDADANIA E GARANTIAS CONSTITUCIONAES

A) 1º) E' CIDADÃO BRASILEIRO quem nasce brasileiro: quer *tenha nascido no Brasil*, ainda que de pae estrangeiro, si este aqui não reside a serviço de sua nação (art. 69 n. 1); quer tenha nascido em paiz estrangeiro, si é filho de pae brasileiro ou illegitimo de mãe brasileira, caso venha (o cidadão) domiciliar-se no Brasil (art. 69 § 2º); quer seja filho de pae brasileiro, nascido no estrangeiro, si o pae estava ali a serviço do Brasil (art. 69 § 3º).

2º) *Tambem é brasileiro: o estrangeiro* que, estando no Brasil em 15 de Novembro de 1889, não fez declaração de nacionalidade até 24 de Agosto de 1891; o estrangeiro que possui bens immoveis no Brasil e é casado com brasileira ou tiver filho brasileiro, uma vez que resida no Brasil; o estrangeiro naturalizado por outro modo (art. 69 §§ 4, 5, 6).

B) 1º) AS ELEIÇÕES. OS DIREITOS POLITICOS. O caracteristico *do cidadão activo* é o direito do voto. Todos os poderes publicos emanam da eleição, directa ou indirectamente; e é garantida a representação da minoria (art. 28).

2º) *São eleitores* os cidadãos maiores de 21 annos, devidamente alistados (art. 70).

3º) Não podem alistar-se: os mendigos, os analphabetos, as praças de pret (excepto os alumnos das escolas militares superiores) e os religiosos sujeitos a voto de obediencia.

4º) Não podem ser eleitos os não alistaveis (art. 70 §§ 1, e 2).

5º) Em certos casos suspendem-se os direitos de cidadão brasileiro; e noutros, se perdem (art. 71).

C) LIBERDADES PUBLICAS — O ARTIGO 72 (*)

1º) A Constituição assegura, tanto a brasileiros como a estrangeiros residentes no Brasil a inviolabilidade dos direitos concernentes á liberdade, segurança individual, e propriedade (art. 72) e garante todos os direitos que decorrem do regimen republicano (art. 78).

2º) Todos são *iguales perante a lei*; não ha privilegio de nascimento nem ordens honorificas (art. 72 § 2º); só a lei obriga a fazer ou deixar de fazer alguma cousa (§ 1).

3º) Ha liberdade de crença e exercicio de qualquer religião (§ 3, § 5, § 6, § 7, § 28, § 29).

4º) Não ha religião official: o casamento é o civil; o ensino é leigo; os cemiterios, secularizados (§§ 4º, 5º, 6º e 7º).

5º) Ha liberdade de manifestação do pensamento (§ 12), de reunião e associação (§ 8), de representação contra o abuso da autoridade (§ 9), de locomoção (§ 10), de profissão (§ 24).

6º) Ha inviolabilidade do domicilio (§ 11), da liberdade pessoal (§§ 13 e 14); do sigillo da correspondencia (§ 18).

7º) Mantem-se o direito de propriedade (§§ 17, 25, 26 e 27).

8º) A pena não passa da pessoa do delinquente (§ 19); não ha pena de morte nem de galés, nem banimento judicial (§§ 20 e 21); dá-se *habeas-corpus* a quem soffrer violencia ou coação por abuso de poder, ou estiver apenas ameaçado; não ha fôro privilegiado, salvo nos casos especiaes de trata a Constituição (§ 23).

(*) Todos os paragraphos citados nesta parte pertencem ao artigo 72.

D) O ESTRANGEIRO NO BRASIL.

1º) *O estrangeiro residente no Brasil* goza de todos os direitos civis e de todas as liberdades publicas, com algumas excepções (arts. 72 e 13).

2º) Não pode exercer a navegação de cabotagem (art. 13) como proprietario, nem como capitão de navio.

3º) Não tem direitos politicos, salvo si fôr naturalizado.

4º) Não póde ser eleito presidente nem vice-presidente da Republica (artigo 41 § 3, n. 1).

5º) Só pode ser deputado, tendo 4 annos pelo menos de naturalizado, e senador tendo 6 annos (art. 26, n. 2).

E) O ESTADO DE SITIO.

1º) *O Estado de Sitio* suspende as garantias: *por tempo determinado*; em parte do territorio do Brasil; e em caso de aggressão estrangeira ou commoção intestina (art. 80).

2º) E' decretado pelo Congresso (art. 34, n. 21).

3º) Só pode ser decretado pelo Presidente da Republica si o Congresso não estiver reunido, e correndo a Patria eminente perigo (art. 48, n. 15 e art. 80 § 1).

4º) As medidas de repressão contra as pessoas *limitam-se*, durante o estado de sitio, ás seguintes: *detenção* em lugar não destinado aos réos de crimes communs; *desterro* para outros pontos do territorio nacional (art. 80). O estado de sitio é, pois, *limitado*: no tempo, no espaço e nos effeitos.

5º) Logo que se reuna o Congresso, o Presidente é obrigado a relatar o seu proceder durante o sitio, motivando-o; e será responsabilizado, assim como as demais autoridades (art. 80 §§ 3 e 4).; pelos abusos commettidos.

IV — REFORMA DA CONSTITUIÇÃO.

A Constituição pode ser reformada pelos seguintes processos: (art. 90).

1º *Turno*: A PROPOSTA. PRIMEIRO PROCESSO. Apresentado o projecto por quarta parte, pelo menos, dos membros da Camara ou do Senado, si for accedido em tres discussões, por dois terços de votos, numa e noutra Camara.

SEGUNDO PROCESSO: Solicitada a reforma por dois terços dos Estados *no decurso de um anno*, representado cada Estado pela maioria de votos de sua Assembléa.

Qualquer destes dois processos significa que a *proposta foi devidamente apresentada*.

2º *Turno*: A APPROVAÇÃO. A proposta apresentada é submettida *no anno seguinte* ao Congresso: si passar, mediante tres discussões, por maioria de dois terços dos votos nas duas casas do Congresso, estará *approveda*.

Approveda, será publicada com a assignatura dos presidentes e secretarios das duas Camaras.

GRANDE ESTABELECIMENTO GRAPHICO
JERONYMO SILVA
 Livraria, Papelaria e Encadernação
GILBERTO SILVA
 Rua da Conceição, 59 - Tel. 60 - NICTHEROY

Curso Normal de Educação
 Preparam-se alumnos para os exames da Escola Normal
 Directoras—Zenaide Guerreiro e Sylvia de Leon Chalcés
 Professoras pela E. Normal
 Rua S. Christovão, 23

Da Prática de Pedagogia na Escola de Applicaçào

PELOS PEQUENINOS

JARDIM DA INFANCIA

Joaquina Daltro

Professora adjuncta de 1ª classe da
Escola de Applicaçào

No Jardim da Infancia são admittidas as crianças que, por não terem a idade regular, não podem frequentar a escola primaria. São crianças de tres a seis annos a requererem incessantemente tanto o movimento que estimula suas faculdades phisicas como as noções que satisfazem suas necessidades espirituas; são alumnos que precisam de um guia intelligente, carinhoso e devotado e de um ambiente rico em estimulantes capazes de favorecer o seu desenvolvimento psycho-sensorial. O guia é a mestra, a jardineira, que no collegio substitue a mãe, com vantagem, muitas vezes, quando esta desconhece os primeiros elementos indispensaveis á sua missão educadora; o ambiente é a classe — o Jardim da Infancia, a continuação do lar. Na educação dos sentidos, a miudo solicitados por uma serie graduada de pequenos jogos e pequenas experiencias pessoas, ora livres, ora habilmente provocados pela jardineira, se resume todo o programma desses primeiros annos passados na escola.

A verdadeira missão da jardineira, portanto, é a de collocar a criança em condições de educar-se com a maxima liberdade em todas as suas manifestações espontaneas.

Para isso é necessaria e imprescindivel a cuidada preparação do meio ambiente onde ella se possa expandir, onde deve encontrar os estimulantes proprios a exercitar-lhe os sentidos, sem fadiga, sem imposições. A educação elementar tem em vista, não apurar as aptidões espirituas, artisticas ou mecanicas, mas principalmente encaminhar o alumno e velar para que o esforço dispendido em sua auto-educação não seja demasiado; todos os entretimentos — occupações manuaes, palestras, adiyinhações, canções e jogos — não têm por fim ensinar-lhe as côres, as formas, as variadas qualidades dos objectos, mas preparal-o para aprender. Por meio delles a criança desenvolve as pernas, os braços, a voz; habitua-se a ver, ouvir, manusear, imitar, crear, responder; adquire costumes e curiosidades intellectuaes, base, mais tarde, do programma de ensino primario; aprende a viver em sociedade, affeiçoando-se aos mestres, aos collegas.

Desenvolver os sentidos, na primeira educação, é habitual-os a obedecer ao impulso do espirito, é disciplinal-os, é assentar as bases para a educação intellectual e moral.

O valor da mestra de um Jardim não é dado pelo numero de noções ministradas, mas pelo conhecimento e pela solicitude manifestados a proposito da saude e do bem estar do alumno (cuidados relativos ao ar, á alimentação, ao vestuario, á limpeza sob todas as formas, etc.), assim como pelo conjunto de boas influencias sobre elle e a familia, pelo prazer que lhe proporciona nas varias occupações, pelos habitos de ordem, polidez, obediencia, attenção, trabalho manual e actividade intellectual que lhe vai dando pouco a pouco.

O methodo da observação deve ser o guia fundamental das lições que correspondem sempre a uma experiencia, a uma verdadeira pesquisa experimental, segundo Montessori. E' preciso observar si a criança se interessa pelo objecto, como se interessa e por quanto tempo; observar a expressão physionomica, os gestos, as attitudes. E si a lição ministrada, em torno dos objectos do Jardim, não é comprehendida, não deve a jardineira insistir nem deixar que o alumno perceba que erra ou não comprehende, para evitar tanto quanto possivel a duvida, o desanimo; para não perturbar a sua actividade espontanea; para não prejudicar, em summa, as observações psychologicas.

*
* * *

E' preciso que a escola permita as manifestações livres e espontaneas da criança porque dellas resulta o desenvolvimento da personalidade — physiologica e psychica, a livre expansão da consciencia, a actividade, a vida, emfim.

Será impedido que a criança pratique tudo quanto possa prejudicar ou offender quem quer que seja, mas todas as manifestações com fim util devem ser permittidas.

Deste modo ella se habitua á disciplina activa, que é a verdadeira. A disciplina sem actividade é apenas apparente; pode impedir de fazer o mal, mas não induzirá nunca á pratica do bem. A unica disciplina accetavel deve exercitar todas as energias para realizar o bem; a passividade é contraria ás leis da natureza.

A primeira noção que a criança deve ter para ser activamente disciplinada, portanto, é a do bem e do mal, sem confundir este com a actividade e aquelle com a immobibilidade, a passividade.

Desenvolver os sentidos respeitando sempre a liberdade da criança já era principio, ainda que embryonario, da pedagogia de Pestalozzi, que não admittia outra disciplina senão a do dever ou antes da affeição, do amor. "Toda a instrucção seria improduyente, si fizesse a criança perder sua coragem e sua alegria", pensava o grande educador.

A disciplina activa depende apenas do prestigio moral da professora e basêa-se especialmente na boa organização do trabalho, nunca arbitrariamente imposto, mas suggerido sempre com habilidade: os programmas e horarios do Jardim não são feitos pelos alumnos, mas á mestra compete discretamente conseguir que a criança queira justamente o que mais lhe convenha, alternando, é obvio, as occupações que demandam maior esforço intellectual e os jogos livres, ou seja variando o ambiente. A boa escola é aquella em que todos agem conjuntamente, professora e alumnos; é aquella em que a criança pratica o bem e aprende porque quer, porque sente que precisa, porque nisso tem prazer; é aquella em que trabalha sem emulação nem temor, sem interesse em recompensas materiaes nem medo de punições. "Tutte le vittorie e tutto il progresso umano riposano sulla forza interiore".

Premios e castigos são legitimos entraves a toda a obra educativa. E' pela expansão que a alma se aperfeiçoa. O castigo, que é uma repressão, só será util, si o fôr, para os seres essencialmente máos; os premios, dando curso á vaidade, poderão desviar uma vocação que desperta. As penalidades, quando muito, submettem a criança á mestra e nunca ás leis sociaes — tolhem por momentos a maldade, mas nunca se-meiam qualidades de coração; as recompensas fazem-na ambiciosa, muitas vezes.

Que a criança se submeta ás leis da disciplina exigidas no collegio, á pequena sociedade infantil, habituando-se pouco a pouco ás leis moraes da grande sociedade da qual fará parte; que se interesse pelos companheiros, prestando-lhes serviços, evitando-lhes desgostos — advertida unicamente por suas proprias acções de que o mal que faz lhe causa o mal e só o bem lhe proporciona o bem.

Quando uma criança não sabe dominar-se e, pela sua inquietação se torna prejudicial á disciplina da turma, cabe á mestra observá-la immediatamente de maneira muito especial. Verificado que se não trata de um doente, sob qualquer ponto de vista, basta isolá-la do convívio das outras, como se fôra um ser differente, basta sentá-la distante e para ahí levar-lhe os brinquedos, para estimular-lhe o amor proprio e o desejo de trabalhar como os seus camaradas e ao lado delles. Basta isso, mesmo porque

"Nous ne devons faire aux enfants
Nulle peine, même légère,
Car ils auront toujours le temps
De connaître notre misère."

E só um meio tem a mestra para conseguir tudo isso: é a estima. E' preciso amar a criança para bem conhecê-la e assim poder corresponder ás exigencias intimas de seu ser, para dar-lhe vividos exemplos e dizer-lhe boas falas, para comprehender e sentir o papel de observadora, para ser emfim verdadeiramente professora, pois "aquelle que na instrucção da infancia só ama o lucro que ella dá é um triste professor, porque esse lucro é mediocre, mas o seu ensino mais mediocre ainda".

Eis o ideal da jardineira que deseja ir dando aos alumnos iniciativa, perseverança, methodo, bondade, juizo.

(Continúa).

Este artigo é o primeiro de uma serie constando de lições, tendo por objectivo dar aos Srs. normalistas sciencia minuciosa da instituição denominada "Jardim de Infancia" ou sejam: a) dissertações sobre o caracter, o fim e a expansão do Jardim e os seus methodos pedagogicos; b) lições modelo, que evidenciarão o modo pelo qual devem ser conduzidas as crianças na turma, já quanto á dosagem da materia, já quanto ao horario.

BARÃO
PUTKAMER



O presente mais prático:
uma caixinha de
PARA TINGIR EM CASA. **GERMANIA**
à venda em toda parte em 20 cores



Creme Kaloderma de fama verdadeiramente universal.

Indispensavel para a toilette.

Sabonete Kaloderma. O sabonete de toilette mais puro e hygienico que existe.

Pó de Arroz Kaloderma, muito apreciado para a toilette, para uso das creanças, e para o banho.

Sabonete { Kaloderma em estojo de aluminio, para a barba.
Kaloderma em estojo de aluminio, para viagem.

A' venda em todas as casas importantes d'este artigo

F. WOLFF & SOHN

KARLSRUHE

Os unicos Perfumes de Luxo vendidos a peso

CALYPSO

75 %
de economia

F. de Séguier & C.^{ia}



-- RUA BETTENCOURT DA SILVA N. 16 --

Edificio do Hotel Avenida

Reducção de 5 % a quem trazer este annuncio N. 885

Diferenciação entre Glottologia e Philologia

Francisco Antonio Dias de Abreu

Docente de Portuguez

Entendemos por semica ou linguagem o conjunto de signaes oraes de que se serve a humanidade para a expressão do pensamento, e por lingua a forma e pronuncia que os vocabulos tomam na expressão do pensamento de um ou de varios povos.

Temos observado, entretanto, que os vocabulos linguagem e lingua exprimem a mesma cousa, aquella genericamente e esta concretamente.

A linguagem não exprime sómente o meio ou a faculdade de produzir a falla; mas tambem o producto dessa faculdade.

A semica póde ser glottica, graphica e mimica.

Glottica ou linguagem fallada é a manifestação do pensamento por meio de sons articulados, isto é, produzidos nos orgãos vocaes.

Graphica é a representação do pensamento por meio de signaes fixados em papel, em madeira, em pedra, etc. A *graphica* é uma representação fiel da *glottica* e por este motivo chama-se escripta ou escriptura.

A *mimica* é a expressão das idéas por meio de contracções do rosto e movimentos dos membros, do corpo, etc.

Esses movimentos expressivos dos membros e do corpo são particularmente denominados gestos, resultando disto terem-lhe dado a designação de linguagem gesticulada, quando não forem empregados systematicamente para a representação do pensamento.

A *mimica* póde a seu turno ser uma representação exacta da escripta, como na linguagem dos dedos, quando fallamos com os surdos-mudos.

Podemos ainda ás vezes exprimir o pensamento, empregando objectos moveis, naturaes, ou artificiaes, como symbolos, etc.

Glottologia é a sciencia da linguagem. E' a sciencia que tem por fim a expressão do pensamento por meio de signaes oraes ou graphics, considerados em relação aos seus elementos, ás condições de producção, á evolução e ás relações dos diversos systemas que constituem as linguas falladas no globo.

A glottologia distingue-se do estudo pratico das linguas; porque, quando é muito extensa e desenvolvida num individuo, denomina-se polyglottica, pois ella não tem por fim mais do que o desenvolvimento da capacidade de entender e fallar uma ou mais linguas extranhas; distingue-se por sua vez da Philologia porque o seu fim é mais amplo e geral, ao passo que o desta ultima é mais restricto, em virtude de se referir a um ou mais linguas dum grupo determinado, cuja filiação nos é mais ou menos conhecida.

O polyglotta em geral procura fallar diversas linguas praticamente, sem indagar ou investigar os phenomenos ou as leis que regem a linguagem em geral.

O fim da Glottologia não é sómente o de vulgarizar o conhecimento das diversas linguas existentes no globo; o seu objectivo é muito mais elevado e util, é de resolver as innumeradas questões, que têm sido suscitadas nestes ultimos tempos, como sejam: as causas que concorreram para a multiplicidade das linguas, qual a lingua primitiva, que se decompondo ou se corrompendo, formou os diversos dialectos e quando estes se transformaram em linguas, etc.

Devemos comprehender, por dialecto, uma lingua em seu inicio, desprovida de litteratura e que ainda não possui uma disciplina grammatical. Tem sido com esta significação que todos os glottologos a têm empregado.

Philologia propriamente dita é o conjuncto de conhecimentos que se referem á litteratura de um ou mais povos e á linguagem que serve de instrumento a essa litteratura, considerada como a mais completa manifestação do espirito desses povos, cujas linguas tenham a mesma origem e afinidade.

Foi primeiramente em relação á litteratura grega e latina, que esta expressão foi empregada; porém modernamente empregamol-a com mais amplitude, quando tratamos duma philologia germanica, isto é, que tem por objecto as linguas e litteraturas dos povos germanicos; duma philologia romanica ou neo-latina, tendo por objecto o estudo das linguas e litteraturas dos povos neo-latinos.

A philologia estuda os monumentos litterarios sob todos os pontos de vista; procura restituil-os a uma fórmula tão approximada quanto possivel daquella em que elles foram produzidos por seus autores, uma vez que as copias e impressões se alteraram,

procura explicar todas as particularidades de linguagem, de estylo, as allusões historicas, as tradições, as lendas, os costumes, que nos apparecem nesses monumentos litterarios; procura determinar as influencias diversas, que elles revelám, a formação das idéas e principalmente o desenvolvimento dos typos litterarios, etc.

O estudo das linguas ainda não estava constituido, quando se começou o estudo das litteraturas, de modo que os que se occuparam com a Philologia, confundiram-se com a archeologia, paleographia, epigraphia e a historia.

Vemos, entretanto, que estas sciencias são suas correlatas e seus valiosos auxiliares.

Segundo a concepção de alguns escriptores, ella se subdiviria em dous grandes ramos de conhecimentos: um, a philologia, que estudaria tudo quanto o homem realizou no dominio do pensamento e da acção; outro, a philosophia, ou a sciencia propriamente dita, estudaria o que é verdadeiro.

O primeiro constituiria a base do segundo, que por sua vez daria o criterio para julgar o passado. Não lhe damos tal extensão de sentido, mesmo alguns pretendem reduzi-la ainda mais do que fazemos.

Este estudo exige muitos conhecimentos geraes e um methodo perfeitamente definido.

Muitos têm empregado este termo para indicar o estudo das linguas, quando elle tem um fim, que não é puramente pratico, confundindo-a com a glottologia, pois esta estuda as linguas de um modo geral, ao passo que a philologia de um modo particular, isto é, mais restricto.

Devemos entender por philologia portugueza o estudo de todos os trabalhos litterarios da lingua portugueza sob todos os pontos de vista, por exemplo: o estudo philologico dos Cancioneiros da Ajuda, do Vaticano, Brancuti, que nos conservam composições dos poetas portuguezes dos seculos XIII e XIV, tem de comprehender principalmente as seguintes partes: o estudo completo da lingua, sem o qual não podemos comprehender essas composições, pois só podemos fazel-o baseados na comparação dos outros documentos do mesmo periodo, com o confronto do latim, das outras linguas neo-latinas e ainda de outras linguas de que então havia elementos no portuguez; o estudo da metrica, na arte da versificação, que necessita tambem de uma base comparativa importante (fórmulas metricas populares latinas e das outras linguas irmãs e especialmente das provençaes; o estudo das allusões historicas, etc.; o estudo dos autores das composições, das particularidades biographicas que sobre elles podemos colher, quer nos cancioneros, quer nos documentos diversos do mesmo periodo ou posteriores; estudo das relações dos cancioneros com a poesia popular portugueza, com a poesia provençal, etc.; historia dos manuscriptos; determinação da authenticidade das composições, que poderiam ser attribuidas a autores da época dos Cancioneiros, sendo aliás reputadas falsas; restituição dos textos a uma fórmula tão proxima quanto possivel do original, tendo por base principalmente os factos da lingua e da metrica; determinação do valor litterario e historico desses trabalhos.

Vemos, pelo que acabei de explanar, que só ha philologia propriamente dita no dominio das linguas que servem de instrumento a litteraturas; qualquer dialecto barbaro que não possua o menor monumento litterario poderá ser objecto da glottologia.

Em todas as sociedades, mesmo nas mais rudimentares, o homem ignorante não deixa de ter vida espirital, que se traduz em productos da arte da palavra e que são transmittidos oralmente, como sejam: poesias, canções, adagios, concepções mythicas da natureza. Estes productos espirituaes, embora attemem um estado rudimentar do homem, não deixam de ser estudados pela philologia, sob a denominação de *folk-lore* (de duas palavras inglezas), que quer dizer saber popular.

O *folk-lore* é, como vemos, um ramo importante da philologia applicada aos productos intellectuaes do espirito humano, que não se acham representados pela escripta.

No proximo numero continuaremos este importante estudo.

A entrada para uma diversão, que traz cada numero d' "A Escola Normal",
vale tanto ou mais que o custo no *guichet*.

Ganhe dinheiro comprando "A ESCOLA NORMAL"

ORIGEM DO INGLEZ

LICÇÃO DOS FACTOS

Jasper L. Harben

Cathedratico de Inglez

Diversas raças ou antes *tribus gothicas*, incluindo os *Cimbri*, no fim do segundo seculo, antes da era Christã, derrotaram os mais fortes exercitos romanos.

Fazendo um supremo esforço os romanos enviaram uma grande e bem organizada força sob as ordens de Caius Marius que foi victorioso em 104-101 depois de luta titanica.

Marius ainda derrotou os godos em Aix (*Aquæ Sextiæ*) no anno 102 antes de Christo; um anno depois nos Campos Raudianos, perto de Vercellæ em 101, Marius tornou a derrotar um grande exercito dos *Cimbros*...

Mas foi em 311 da era Christã, que nasceu Ulfila ou Wulfila, (pequeno lobo), que falleceu em 381 em Constantinopla, (Cidade de Constantino); o qual foi consagrado Bispo dos Moeso-Godos, no Synodo de *Antiochia* em 341; Principe descendente da familia real de Cappadocia.

O Bispo Ulfila — protegido pelo Imperador — Constancio — derrotados e expulsos os Godos do seu paiz ao norte do baixo Danubio, por Athanorico, rei dos Godos do Occidente, estabeleceu seu povo na Moesia, com a capital Nicopolis. Ulfila era grande philologo, falava o grego, o latim bem como o gothico — convocou uma reunião de sabios e fez traduzir a Biblia Sagrada, do *hebraico*, comparando este com uma original grega. Para a comprehensão dos godos (filhos de Deus) Ulfila inventou, ou antes adaptou, novo alfabeto supplementando o grego nas faltas de sons pelas lettras runicas-gothicas. Sua bella traducção demonstra um trabalho methodico de grandes mestres e cuidadosa revisão. O principal manuscripto que existe se chama *Codex Argenteus*, escripto com lettras de prata sobre um fundo de purpura e se encontra na Universidade de Upsala, Suecia, (a original Gothlandia).

Existem outros manuscriptos dessa Obra Monumental em Wolfenbuttel, na Allemanha, em Milão e Turim, mas estes são fragmentarios.

Esta traducção gothica é o mais antigo monumento litterario das linguas *teutonicas* e contem quasi todos os verbos primitivos das linguas teutonicas e da actual lingua ingleza — por outras palavras, a grammatica das linguas gothicas, exhibida nesta traducção de Ulfila, é de valor inestimavel — impossivel de calcular; pois ante data por mais de 300 annos qualquer historia e continha phrases e inflecções havia muito perdidas, que explicam expressões das linguas chamadas teutonicas, ou gothicas e especialmente os verbos da lingua ingleza — até hoje intitulos verbos *irregulares* — simplesmente porque os autores de grammaticas e dictionarios e outras obras famosas — preferem copiar servilmente Shakespear, Ben Jonson e Milton, sem se lembrar que na época destes grandes autores não havia grammatica da lingua ingleza.

Rogério Ascham — o barão de Ramis Galvão da época de Eduardo VI, Mestre da Princeza Jane Grey e da grande Rainha Isabel, que estudaram com este professor polyglotta, Latim, Grego, Francez, Italiano e Allemão — o inglez se aprendia em casa, e o professor conversava e ensinava nestas varias linguas.

Aqui vem a pello affirmar: *Shakespear*, que se encontra escripto de 22 modos differentes, era um *mytho litterario*. Um moço esperto — mas quasi analphabeto — illiterato, pois jamais frequentou uma escola de instrucção secundaria, *testa de ferro* de Lord Leicester, que representava a grande Isabel: — condemnada por

sua posição a ser toda a vida — a *Rainha Virgem* — si ella casasse com um príncipe estrangeiro era a guerra com outras nações — si ella casasse com qualquer fidalgo inglez, era a guerra *intestinal*. Por outro lado, si professasse a religião catholica, todas as outras seitas se combinariam contra ella; assim tambem os Puritanos, os Presbyterianos, os Anglicanos, os Lollards — todos os Protestantes. — Ella pois acceitou a situação, era como seu pae, o grande Rei Henrique VIII, *favorito* do povo inglez que perdoava todos seus *peccadilhos*...

Afinal de contas William Shakespear, ou Shagspear — como se assignou no registo do seu casamento com Anna, ou Agnes Hathaway de Shottery, tendo então 18 annos — cinco annos depois, convidados por Lord Leicester, foram para Londres onde depois de varias tentativas o rapaz estudou para ser actor.

Em breve elle começou a vida de *revisor*, em nome de Lord Leicester, mas na realidade, por conta da rainha, que mandava substituir nomes e trechos e fazia publicar, dando aos autores pequena pensão: eram centenas.

Eis porque *Shakespear* representa realmente as obras de varios escriptores *instruidos*, fallando diversos dialectos, empregando estylos *variados*.

“*Shakespear*”, testa de ferro da grande rainha, era o *Homero* (colleccionador) da era de Elizabeth, a qual jamais teve igual; era mais ou menos o “*Nicolau Alves*” da Academia Brasileira, fornecendo o dinheiro necessario para sustentar a luta entre futuristas e... mas porque comparar, ou fazer comparações odiosas?! Em geral a *historia* é a mentira; o elogio é conforme o dinheiro dispendido; mas todos os *socios* são recebidos com grandes louvores...

A “*Historia*” da Grã Bretanha começou mais de 300 annos depois da época de Ulfila (Wulfila), mas a das nações *gothicas, celtas, saxonicas, escandinavas*, pode ser estudada, sem receio de errar, comparando os *nomes, verbos* e *connectivos primitivos*, — testemunhas mudas, sim, mas que bradam aos Céos.

Conta-se que o primeiro homem civilizado, que visitou as *Cassiterides* (Ilhas de Estanho), era Pytheas agente dos negociantes gregos de Marselha, commissionedo para estabelecer ali um commercio, no quarto seculo antes de Christo.

No tempo de Julius Cesar tres raças, duas arianas do ramo celta, Goidels e Brythons, e uma turiana, talvez a primitiva, Iberniana, (Hiberniana) occuparam a Grã Bretanha e a Irlanda...

O dominio de Roma (54 annos antes de Christo até 410 anno de Christo) deixou este paiz sujeito ás invasões das nações *celticas* e *gothicas*.

A luta desde 410 até 600 uniu os *goidels* e *brythons* em *Kymry* (camaradas)...

Os inglezes desse periodo eram da religião dos Druidas, adoravam os poderes da natureza: *Thor*, deus dos trovões; *Woden* Chefe Deus da raça gothica — Gott; Tuesco; Friga, etc. os Druidas tinham seus sabios que estudavam a *Astrologia*...

A grande differença entre as conquistas gothicas e celtas no continente e as da Grã Bretanha parece esta: estes procuravam conservar a religião e a lingua e os francos procuravam se romanisar...

A primeira historia (Bede) data de 650, mais de 300 annos depois de Wulfila. Os escandinavos estabeleceram na Grã Bretanha seu dominio até 1066 — collocando ali dialectos da mesma classe ariana — suas linguas eram da mesma classe que as inglezas: havia diversos dialectos.

Em 1066, a conquista dos normandos estabeleceu na Inglaterra o dominio destes, donde resultou modernamente uma lingua totalmente *bi-lingual*, — isto é especialmente nos verbos: os auxiliares ou formativos são de origem gothica, sendo os verbos usados de origem neo-latina — geralmente se chama *regulares*; sendo os verbos de origem differente, são primitivos os verbos mais antigos que os substantivos correspondentes.

FORMAÇÕES ANTIQUISSIMAS DA POESIA

Theod, antigo inglez para o povo: é certamente derivado de varias tribus culhas e gothicas.

Thiudans — Goth. (antes de Wulfila) *reis* e *principes* — sendo os povos eguaes aos chefes.

Thjodann norse (linguas scandinavas) — Reis do Mar.

Germans — germanos — guerreiros.

Theoden é *saxão*, donde dizer *espadista*.

O dental *th* das linguas gothicas e da Gallia foi escripto por todos os autores romanos como simples *i* assim Julius Cæsar escreveu Theutones, empregado por outros escriptores romanos.

Os Remi, celtas da Gallia, alliados de Cæsar, se chamavam *Principes* e filhos do Rei ou Deus. Os *Remi* habitavam o territorio vizinho de Rheims, capital de seu paiz. Assim outros povos celtas.

Os povos celtas *Caturiges* e *Catuvellauni* se chamavam *reis-guerreiros* e *Principes de batalha* — assim tambem os *Bituriges* que significava *Weltherrscher* (*Lord of the World*), ou senhores dominadores do Mundo.



Arvore da Vida

Especial para "A ESCOLA NORMAL"

Arthur Lemos

Verde; só folhas: estação primeira
 D'essa da vida arvore fecunda.
 Florindo toda: quadra azul, segunda,
 Da sonhadora e prodiga paineira.

O chão de flores ella agora inunda;
 Aos pés lhe cáe a coma; aza ligeira
 De beija-flores não lhe vem: terceira
 E frutescente época profunda

Painas — neves dos tropicos —, macias
 Como capulhos d'algodão, de leves,
 Voam dos mudos troncos, erradias....

Imagem viva, oh velho! do que escreves...
 Por sobre um cemiterio de ufanias,
 Painas, plumas ao ar, floccos de neves...

CHIMICA ORGANICA

Correggio de Iero
Docente da Escladnormal

PONTO 39

Fermentação: definição, fermentação alcoolica. — Alcool ethylico: procedencia, propriedades e applicações. — Vinho, cerveja e aguardente. — Panificação.

§ 1. FERMENTAÇÃO

1. *Fermentação.* Os succos adocicados (das fructas, da canna de açúcar, da beterraba, etc.), depositados em vaso aberto, tornam-se, no fim de algumas horas, effervescentes pelo desprendimento de gaz carbonico, adquirem sabôr azedo alcoolico, e depositam uma substancia cinzenta chamada *levedura*. Esta levedura adicionada a um succo adocicado ainda fresco, faz com que elle mais rapidamente enche effervescencia. Essa transformação de certos succos recebeu o nome de *fermentação* (de *fervere* = ferver), e era conhecida desde a mais remota antiguidade. Deu de Pasteur (1822-1895) verificou-se que esse phenomeno, como os phenomenos da putrefacção das substancias organicas, do azedamento do vinho, etc., são provocados por certas substancias que se denominaram *fermentos*. Distinguiam-se a principio dois typos de fermentos: os fermentos vivos (tambem chamados *fermentos figurados* ou *fermentos insolúveis*), que são microbios, como a levedura; e os *fermentos figurados* ou *fermentos solúveis* ou *enzymas*, que são substancias chimicas definidas, como os fermentos da nossa saliva, do succo pancreatico, a diástase da cevada grãa etc. Mas depois dos estudos de Berthelot (1827-1907) ficou verificado que as fermentos são todas produzidas por substancias chimicas definidas (*diástases*), como a pepsina da nossa saliva, a invertina do succo pancreatico, etc. Certos microbios, como a levedura da cerveja, têm a propriedade de excretar diástases: assim a fermentação dos succos doces não é devida directamente á levedura, mas sim a duas diástases (a *invertina* e a *zymase*) produzidas pela levedura.

Tomanda-se como typo a fermentação dos succos doces, podemos dizer que fermentação é a reacção chimica produzida por uma diástase.

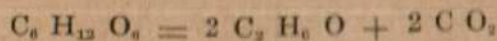
As diástases são produzidas exclusivamente pelos seres vivos: quando a diástase é produzida por um microbio, este recebe o nome de *fermento* e tambem a diástase se pôde chamar fermento, como a levedura; quando a diástase é produzida por microbio, não deve ser chamada fermento.

O antiseptico impede a fermentação provocada pelos fermentos (microbios) porque os mata e paralysa a producção da diástase; mas o antiseptico não impede a fermentação provocada por uma diástase.

Uma quantidade minima de fermento pôde fermentar uma quantidade qualquer de substancia, desde que as condições permittam a reproducção do fermento, consequentemente, o aumento da diástase necessaria.

A fermentação recebeu muita vez o qualificativo de um dos seus productos: assim *fermentação alcoolica* é aquella em que se produz principalmente alcohol; *fermentação acética* é aquella em que se produz principalmente acido acetico, etc.

A fermentação alcoolica é a transformação que, em dadas condições, a levedura de cerveja e outros fermentos produzem nos succos doces, dando alcohol etílico, gaz carbonico e ainda glicerina, acido succinico, etc. Gay-Lussac suppoz que a fermentação alcoolica consistisse unicamente em transformar-se a glycose em alcohol etílico e gaz carbonico, de accôrdo com a equação



glycose alcohol

mas realmente parte da glycose é consumida para nutrição do fermento, e ainda se formou glicerina, acido succinico, etc.

A levedura de cerveja excreta duas diástases: uma, a *zymase*, transforma a glycose em alcohol; outra, a *invertina*, pôde transformar o assucar de canna (saccharose) em glycose.

§ 2. ALCOOL ETHYLICO

2. *Procedencia.* O alcool ethylico, tambem chamado alcool commum, espirito de vinho ou, simplesmente alcool, se forma na fermentação dita alcóolica e póde por distillação (porque se evapora antes da agua) ser retirado dos succos assim fermentados. A sua formula é $C_2 H_5 O$ ou $C_2 H_5 (O H)$, isto é, hydroxido de ethylio.

No Brasil o alcool se extrahe principalmente, nas usinas de assucar, do mel de tanque ou mellaço que se põe a fermentar; na Europa se extrahe principalmente do amido (fecula de batata, trigo, etc.), que é preliminarmente transformado em glycose pelo acido sulfurico, e tambem se extrahe muito da beterraba.

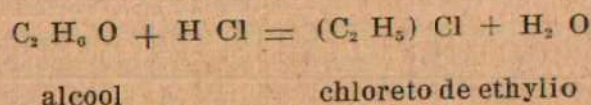
A primeira distillação dá aguardente, isto é, alcool com bastante agua e varias essencias ou substancias; redestillando-se o primeiro producto tem-se alcool mais concentrado ou rectificadado. Na industria as redestillações se fazem em apparatus denominados rectificadores. Para se ter alcool absoluto é preciso destillar o alcool rectificadado com cal virgem ou baryta anhydra.

3. *Propriedade.* Quando puro é liquido incolor, de cheiro agradavel, de sabor ardente e caustico. E' menos denso que a agua, evapora-se a 78° e solidifica-se só a -130° , sendo por isso empregado em thermometros para baixas temperaturas.

E' precioso dissolvente para gorduras, resinas, iodo, substancias corantes, camphora, essencias e alcaloides. Tambem dissolve a soda, a potassa, o chloreto de sodio, etc., sendo os solutos decomponiveis pela electricidade, isto é, o alcool é dissolvente ionizante. Dissolve pouco o phosphoro e o enxofre. E' soluvel na agua, mas o que se dá é realmente uma combinação porque ha augmento de temperatura e contracção de volume.

Arde com luz pallida, muito quente, dando agua e gaz carbonico. Submettido a oxydação lenta e prolongada se transforma em acido acetico.

Em presença dos acidos tem o papel das bases inorganicas: dá agua e compostos chamados ethers, analogos aos saes, e nos quaes o radical ethylio representa o metal. Assim com o acido chlorhydrico, temos o ether chlorhydrico ou chloreto de ethylio (ou chloretyla) e agua, sendo a equação



Como o acido sulfurico em temperatura inferior a 100° dá sulfato de ethylio, mas si a temperatura fôr mantida, mais ou menos, a 140° tem-se o oxydo de ethylio $(C_2 H_5)_2 O$, que é um ether-oxydo, o ether commum.

4. *Função alcool.* Esta propriedade, que tem o alcool commum, de dar ether-sal com um acido, é a propriedade mais caracteristica de um grupo de corpos analogos ou de mesma função, chamados genericamente *alcooes* e que constituem a *função alcool*. E' grandissimo o numero de compostos organicos pertencentes a esta função: a glycerina e o chamado impropriamente acido phenico são alcooes. Os alcooes têm na molécula o radical $O H$, isto é, são hydroxidos: a glycerina é hydroxydo de glyceryla $C_3 H_5 (O H)_3$. O alcool mais analogo ao alcool ethylico é o alcool methylico $CH_3 (OH)$, vulgarmente chamado espirito de madeira e que substitue muito o alcool commum como combustivel.

5. *Aplicações.* O alcool commum se applica como:

- a) combustivel — motores de explosão, fogareiros, lampadas, etc.;
- b) dissolvente — verniz de resinas, tintas, perfumaria (dissolve essencias, iodo, arnica, homeopathia), alcool camphorado, licores (dissolve as essencias), banhos (dissolve as gorduras), etc.
- c) antiseptico — desinfecção da pelle, conservar peças anatomicas, etc.;
- d) materia prima — na preparação do collodio, da celluloides, do algodão-polvora, do ether commum, do chloroformio, etc.

§ 3. VINHO. CERVEJA. AGUARDENTE

7. *Vinho.* O vinho é a bebida alcóolica que se fabrica com a uva fermentada. A cor póde ser palha, amarella, vermelha e negra. A composição varia principalmente com o terreno e a qualidade da uva, mas, além de 50 % de agua, ha nelle mais de 10 % de alcool ethylico, essencias, glycose, glycerina, tannino, tartaratos alcalinos, gorduras, gommas, acido suceinico, ethers, etc.

Eis em traços geraes o processo de fabricação.

A uva bem madura é esmagada nos lagares por meio de machinas ou pelo humano. O caldo resultante é o mosto. O mosto, geralmente de mistura com a casca, mantido em temperatura de 20° a 30°, fermenta pela acção de um fermento existente na propria casca da uva e tambem no ar. O gaz carbonico faz então virem á tona as principaes impurezas, que formam assim o vinhaço ou pé de vinho. O alcool formado dissolve as substancias corantes da casca da uva, ficando o vinho com a coloração bellas.

O mosto separado da casca é posto em toneis, onde a fermentação termina e as impurezas se depositam formando a borra ou fezes do vinho. O liquido separado da borra soffre a collagem: isto é, adiciona-se-lhe clara de ovo, sangue de boi ou colla forte. O alcool coagula essas substancias que se depositam levando nas malhas as ultimas impurezas. E o vinho está prompto.

O vinho branco se fabrica com uva branca ou com uva preta, mas com esta é necessario deixar o mosto fermentar já separado das cascas.

O vinho espumante deve a espuma ao gaz carbonico. Para ser obtido ou se enarrafa antes de completa fermentação, ou se põe na garrafa uma pedrinha de assucar candi que se decompõe dando gaz carbonico.

8. *Cerveja*. A cerveja é bebida, geralmente, pouco alcoolica fabricada com cevada fermentada e lupulo.

A fabricação obedece ás seguintes phases:

Germinação — A cevada humedecida é posta a germinar. Com a germinação desenvolve-se uma diástase. Torra-se depois de grellada, separam-se os grãos e faz-se com elles uma farinha grosseira chamada *malte*.

Saccharificação — O malto misturado com agua a 30° e aquecido depois até 60° é malaxado. Com isto o seu amido é, pelo diástase, transformado em glycose. (Deveriamos correctamente dizer glycosificação e não saccharificação, como está consagrado). O soluto resultante é o *mosto*.

Lupulação — O mosto é fervido, algumas horas, com flores de lupulo, que lhe deixa o aroma e gosto amargo. Depois de fervida deve ser rapidamente resfriada a 15°.

Fermentação — O mosto lupulado é posto a fermentar em toneis. Para isso adiciona-se-lhe levedura das fabricações anteriores. Dá-se fermentação tumultuosa e na bocca do tonel aberto se forma levedura que é recolhida para fabricações posteriores. Cessada a fermentação, colla-se com colla forte ou gelatina, e está prompta a cerveja.

Ha dois typos de levedura: a levedura baixa, que se desenvolve no fundo dos toneis, necessita de temperatura entre 2° e 8°, e dá cerveja muito pouco alcoolica, dita *cerveja de baixa fermentação* (é o typo allemão); e a levedura alta, que se desenvolve no alto dos toneis, em temperatura entre 20° e 30°, e dá cerveja mais alcoolizada que a outra e dita *cerveja de alta fermentação* (é o typo mais commum de cerveja).

A côr da cerveja depende principalmente da torrefacção da cevada e da preparação do malto, e o gosto pôde variar com a addição de substancias aromaticas.

9. *Aguardente*. A aguardente é a bebida fortemente alcoolica que se obtem pela destillação simples do succo fermentado da canna de assucar, das fructas, dos cereaes, da beterraba, etc.

A aguardente de canna se denomina, entre nós, cachaça ou paraty, por ser muito afamada a aguardente de Paraty, municipio do Estado do Rio de Janeiro.

Eis a marcha da sua fabricação: O caldo de canna é posto a fermentar em barris (meios toneis bem abertos). Para isto adiciona-se-lhe um pouco de caldo já fermentado, pois, perto ou longe sempre ha quem o tenha nas zonas de fabricação. Depois de fermentado o caldo é destillado em alambique de cobre ou de barro (que dá melhor producto).

A aguardente contem, pois, alcool com grande porção de agua, e ainda outros productos da fermentação.

O rhum é aguardente feita do mel de tanque ou melaço; a aguardente de cereja é o *kirsh* dos allemães; o *whisky* dos inglezes é aguardente de cevada.

Parece definitivamente assentado que qualquer aguardente é muito nociva á nossa saude.

§ 4. PANIFICAÇÃO

10. Os hydratos de carbono são os nossos alimentos solidos (porque em primeiro logar está o ar e em segundo a agua) mais importantes; a analyse da farinha de trigo revela a existencia de albumina, assucar, phosphato de calcio, saes de potassio e de sodio, além do amido e do gluten; e o *pão* é a fórmula por excellencia sob a qual recebemos a farinha: é por isso o symbolo dos alimentos.

A farinha é amassada com água, sal e fermento (preparado com massa de fabricação anterior). O fermento transforma o açúcar da farinha em álcool e gás carbônico. Por isso a massa posta (depois de cortada em pães) em temperatura conveniente, cresce: a água hidrata o gluten e o amido, e o gás carbônico aprisionado auxilia a dilatação ou crescimento. Si o fermento fôr levedura de cerveja tem-se pão mais leve (conhecido por pão allemão). Levada ao forno, o calor faz evaporar o álcool e parte da água da massa, o amido mais se hidrata, cresce e, em parte, se transforma em dextrina, o gluten, que é liqüente, fôrma a casca com amido torrificado.

Com algumas horas de preparação o pão amollece e depois começa a tomar consistência muito dura porque o amido e o gluten continuam a se modificar molecularmente. Por isso o pão dormido nunca mais poderá ter a consistência e o sabor do pão fresco.



ALGEBRA

Lacerda Coutinho

Docente da cadeira

Segundo refere a classificação das sciencias, para a Mathematica convergem todas as questões de numero, de fôrma e de movimento dos corpos que de nós se avizinham.

As questões de numero se subordinaram ao Calculo, as de fôrma á Geometria, e as de movimento á Mechanica.

O calculo estuda essas questões de numero sob dois aspectos differentes: o de obter a execução do problema, e o de obter o seu valôr final. D'ahi a divisão natural do calculo em calculo das funcções ou Algebra e calculo dos valôres ou Arithmetica.

Em Arithmetica para essas questões empregâmos signaes caracteristicos, com valôr fixo ou determinado; em Algebra para o estudo d'essas mesmas questões empregâmos signaes ou symbolos geraes cuja representação não admite esse valôr fixo, mas sim todos os valôres concebiveis.

Em Arithmetica, com esses caracteres proprios cujos valores são pontualmente defenidos, encontraremos a solução do problema sem que haja qualquer vestigio certo dos raciocinios e das operações com que fôra organizada; e, portanto, obrigatorios serão os raciocinios como consequentemente reproduziveis hão de ser as operações para novo problema que similhantemente se apresente á nossa attenção.

Em Algebra, com o emprego de symbolos geraes, as letras do alphabeto, cujo valôr não é definivel absolutamente pela sua contextura, o problema ou a questão se resolverá de uma só vez, por isso que não se desfiguram as operações que se reuniram accórdemente com os raciocinios propicios ao problema que ha de permittir a delineação de uma formula ou expressão algebrica, com a qual conseguiremos a solução de outras questões consonantes. Seja como exemplo o seguinte problema:

“Dividir a quantia de 35\$000 por 3 pessoas de modo que a segunda tenha 6\$000 mais do que a primeira, e a terceira 8\$000 mais do que a segunda”.

Em Arithmetica resolvemos a questão, acima esboçada, com a differença entre a importancia total 35\$000 e a importancia de 20\$000, correspondente á reunião dos excessos das duas ultimas partes sobre a primeira, para obtermos o valôr de 15\$000 que será igualmente repartido pelas 3 pessoas que participam no todo segundo as condições estabelecidas. Assim, havemos para a primeira pessoa a quantia de 5\$000.

Porém, a segunda pessoa devendo ter 6\$000 mais do que a primeira haverá a quantia de 11\$000, e a terceira requerendo 8\$000 mais do que a segunda ou 14\$000 mais do que a primeira, haverá a importancia de 19\$000; e por este modo fica conhecida a solução do problema.

Si porventura houvermos nova questão a resolver com as mesmas condições, estatuidas acima, porém, com valores diversos, é certo, temos de reproduzir os raciocinios e mesmamente as operações porquanto que a solução obtida não manifesta

por si só vestigio de especie alguma desses raciocinios e d'essas operações e concorreram para o resultado numerico que obtivemos.

Admittindo-se entretanto os signaes da Algebra, as letras do alphabeto como symbolos fieis de quantidades cuja extensão é variavel, poderemos conseguir a formula ou expressão algebraica pela qual haveremos as soluções requeridas para qualquer valores numericos que se entremeiarem com as condições de problemas em generes. Assim seja o mesmo problema de um modo geral como segue:

“Dividir a quantia m por 3 pessôas de modo que a segunda tenha o valor a mais do que a primeira, e a terceira o valor b mais do que a segunda”.

Ora, si imaginamos por momento conhecida a parte competente á primeira pessôa, parte cujo valôr representaremos por x , uma vez que d'essa parte dependem as outras duas, teremos para a segunda pessôa:

$$x + a$$

e para a terceira pessôa

$$(x + a) + b$$

Mas porque essas tres partes constituirão o todo m , segue-se que a somma delias será igual a m , e, dahi a expressão da egualdade ou a equação do problema:

$$x + (x + a) + (x + a) + b = m$$

ou, por ser x repetido tres vezes e a duas vezes como parcelas da somma,

$$3x + 2a + b = m$$

Porém, $3x$ sendo uma das addições ou parcelas da somma m , é claro, $3x$ deve de ser igual á differença entre a somma e a reunião das outras parcelas, isto é,

$$3x = m - (2a + b)$$

Sendo tambem $3x$ igual a certa quantidade, é obvio, x será equivalente a um terço d'essa mesma quantidade ou:

$$x = \frac{m - (2a + b)}{3}$$

que será a formula ou expressão algebraica com a qual conseguiremos a resolução de qualquer problema similhantemente organizado com os dados que se conceceram.

Para o exemplo numerico acima proposto, isto é, para $m = 35\$000$ $a = 6\$000$, $b = 8\$000$, teremos com a applicação da formula

$$x = \frac{35000 - (2 \times 6000 + 8000)}{3}$$

ou

$$x = \frac{35000 - (12000 + 8000)}{3}$$

ou

$$x = \frac{35000 - 20000}{3}$$

ou

$$x = \frac{15000}{3}$$

ou, finalmente, para a primeira pessoa

$$x = 5\$000$$

e, d'ahi, em consequencia, para a segunda pessoa

$$5000 + a = 5000 + 6000 = 11\$000$$

e para a terceira pessoa

$$11000 + b = 11000 + 8000 = 19\$000$$

Solução confirmante que eduzimos com os ensinamentos da Arithmetica, metica.

Pois bem, o que fizemos ultimamente com a applicação dos dados em questão proposta no inicio da licção, não é mais do que a determinação do valor numerico de uma expressão algebraica.

Em accrescentamento a isto que fallámos ha o estudo sobre as variantes do problema exposto, cujos raciocinios não podem desviar-se em contradicção das regras estabelecidas as quaes parece estarem conformes com o programma official.

De resto essas variantes, a que nos referimos, se interessam com o numero de partes capazes em um todo a dividir sob condições de excesso ou de addição de umas em relação ás outras.

Não differem, pois, da questão examinada circumstanciadamente sinão na organização do texto ou enunciado.

Forramo-nos agora da obrigação de exemplares especiaes para a analyse das soluções porque opportunamente daremos attenção a esses problemas que nos podem conduzir a solução sem acceitação convinavel ás condições estabelecidas.

Todavia, não nos desobrigamos de resolver os problemas, indicados no programma, por modo elementario, assim como é exigido, e tenhamos em memória os raciocinios que empregámos para o conhecimento das soluções respectivas.

Com esta licção podemos apprehender simultaneamente a linguagem algebraica, a noção de aquação, a expressão algebraica e seu valor numerico; e, d'ahi, deduzirmos que a Algebra tem por objecto o emprego de signaes proprios para simplificar e para generalizar os raciocinios que se manifestam em todas as questões que se relacionam com os numeros.

LIVROS

editam-se pelo minimo do custo, na

EMPRESA BRASIL EDITORA - CASTRO MENDONÇA & Cia.
RUA SENADOR DANTAS, 105

e vendem-se, um pouco mais caro, na

LIVRARIA SCIENTIFICA BRASILEIRA - SUSEKIND DE MENDONÇA & Cia.
RUA DE S. JOSÉ, 114

Canção Maternal

A's alumnas da 3. turma do 2.º anno da Escola Normal do Districto Federal

Letra de J. B. Mello e Souza

Musica de J. Rosey

Introd.

Dor me, dor-me ó meu a-mor Em tu-a fô-fa ca-mi-nha,

dolce
Fe-cha os o-lhos sem te-mor Que o pe-de a tu-a mãe-zi-nha

piu lento
1 Em teu so-nho de cre-an-ça Só gen-tis ve-sões se tem,
2 Co-mo as a-ves em seus ni-nhos A-bri-ga-das o-ra-es tão,

rall.
Bri-n-ca-rão com-ti-goos an-jos Que são cre-an-ças tam-bem ai..
Dor mi-rás sob os ca-ri-nhos Do ma-ter-nal co-ra-ção ai..



ESPERANTO

(4.^a LIÇÃO)

Porto Carreiro Neto

O *objecto directo* — Dissemos, na 3.^a Lição, que no exercício de formação de frases, não se procurasse construir locuções como esta: “Aprender Esperanto é agradável”, onde o termo “Esperanto” é *objecto directo* do verbo “aprender”. Para indicar que um termo na oração é *objecto directo*, juxtapõe-se um *N* á terminação da palavra:

O OBJECTO DIRECTO TERMINA EM N.

Assim:

Aprender Esperanto é agradável — *Lerni Esperanton estas agrable.*

O leão tem dentes agudos — *La leono havas akrajn dentojn.*

Havi — ter, haver.

Notem: de preferencia o adjectivo *antes* do substantivo.

A terminação *n*, que modifica, assim, o *caso* natural do nome, fórma o *caso accusativo*, conhecido em todas as linguas declinaveis: latim, grego, allemão, etc. O *caso* natural do nome chama-se *caso nominativo*. O Esperanto tem assim dois *casos*: *nominativo* e *accusativo*. Parece, á primeira vista, uma complicação em idioma tão simples, no qual foram expurgadas todas as difficuldades das linguas chamadas naturaes. O portuguez, o francez, o inglez, etc., não possuem sinão o *caso* natural *nominativo*. A quantas amphibologias, porém, não dá lugar o emprego duma só fórma do nome? O Esperanto é lingua essencialmente clara; ha um axioma conhecido dos esperantistas: “não é claro, não é Esperanto”. Em portuguez contornamos, ás vezes, as difficuldades com o emprego da preposição *a*: “Pedro matou a Paulo”; demais, sendo a ordem directa a mais natural, é de crer que o sujeito preceda o verbo e este *objecto*; todavia, a clareza em segundo lugar, após a correcção da linguagem, que é a primeira. Acresce que em Esperanto a ordem das palavras na phrase não é rigidamente fixada; naturalmente as indoles ds povos variam e cada um está habituado já a uma determinada ordem dos termos da oração; o Esperanto é assim uma lingua perfeitamente flexivel, na qual cada povo se sente extremamente a commodo, como na lingua materna.

Outros empregos do accusativo — Não só o *objecto directo* exige a fórma do *accusativo*; outras complicações, dirão. No entanto, essa pequena “complicação” simplifica a phrase e evita qualquer duvida. Enumeremos.

Os *complementos circumstanciaes* vêm em geral precedidos de preposição. Exemplos:

Viajei *durante* dois dias e duas noites. (duração da acção).

Nasci *a* 7 de Janeiro. (data).

Pela primeira vez fiz isso. (tempo).

Corri *para* o jardim. (movimento)

Além desses, ha *complementos circumstanciaes* de *preço* e *medida*, que não vêm acompanhados de preposição, aparentemente.

Este livro custou cinco mil réis. (preço)

Esta casa tem 20 metros de altura. (medida)

mas, que podem transformar em:

Este livro custou o preço *de* cinco mil réis.

Esta casa tem a altura *de* 20 metros.

Ha uma regra, em Esperanto, que diz:

Póde substituir-se o complemento no nominativo com preposição pela fórma do accusativo, sem preposição.

A fórma do *accusativo*, portanto, facilita a construcção da phrase, pois que no principio, pelo menos, se fica embaraçado diante da lista de preposições, sem se saber qual empregar. As preposições, em Esperanto, note-se, têm emprego justo e bem determinado. Vamos ser mais explicitos, com exemplos.

Data — No dia de S. João — *en la tago de Sankta Johano.*

ou: *la tagon de Skta. Johano.*

Portanto, em vez de: *en la tago*, preposição com o *caso* *nominativo* *tago*, podemos prescindir da preposição, que ás vezes não sabemos qual seja a melhor, e dizer no *accusativo* *tagon*.

Duração da acção — Durante o dia o homem trabalha — *dum la tago la homo laboras*; ou: — *la tagon la homo laboras.*

Preço — Escrevamos: Mil réis — *milrejsoj*.

O livro custou dois mil réis — *la libro kostis du milrejsojn*.

Medida — O complemento de medida diz-se de modo differente do portuguez: “Esta casa tem 20 metros de altura”, transforma-se em: “Esta casa é alta de 20 metros”. A preposição *de*, portugueza, nesse caso, se traduz por *je*, de sorte que:

Alta de 20 metros — *Alta je 20 metroj*; ou: — *Alta 20 metrojn*.

Movimento — Um dos casos mais interessantes é o do *movimento*. Citemos um exemplo já classico:

O gato salta em cima da mesa. O gato salta para cima da mesa.

O francez diz, em ambos os casos: “Le chat saute sur la table”, com sentido duplo. O Esperanto evita essa amphibologia com o nominativo, num caso, e accusativo no outro:

La kato saltas sur la tablo (já está ahi e ahi dá saltos).

La kato saltas sur la tablon (vae para cima da mesa, por meio dum salto).

Podemos definir o accusativo como o *ponto de terminação dum movimento, duma acção*. Com effeito, são identicos os casos:

Eu amo minha familia. Eu vou á Europa.

Ambos designam fim de movimento: um, o alvo do meu affecto, outro o alvo da minha viagem.

Todas as vezes que houver idéa de movimento, empregue-se o accusativo a menos que a preposição já por si indique movimento:

Pôr sobre a mesa o livro (...*sur la tablan*...)

Pôr sobre si a responsabilidade (...*sur sin*...)

Si — *Si* (pronome reflexo).

Elle sentou-se na cadeira (*seĝon*) — movimento.

Elle está sentado na cadeira (*seĝo*) — repouso.

Seĝo — cadeira.

Ainda ha outros casos de emprego do accusativo, dos quaes falaremos na proxima lição, para não accumularmos demasiada materia nesta.

O TEMPO FUTURO TERMINA EM OS.

Ex.: — Amanhã fará calor — *Morgaŭ estos varme*.

Notem a construcção: literalmente a phrase em Esperanto se traduziria: “amanhã será quente”; *varme* e não *varma*, porque o substantivo está occulto: o tempo — *la vetero*, isto é, o tempo que faz, o tempo meteorologico.

Morgaŭ la vetero estos varma (adjectivo).

Morgaŭ estos varme (adverbio).

THEMA III

Mi — Eu, mim.

Forpeli — Enxotar

Ricevi — Receber.

Legi — Ler.

Dolça — Doce.

Pomo — Maçã.

Rakonti — Contar, narrar

Juna — Jovem, moço (adj.)

Obstina — Teimoso.

Deziri — Desejar.

Mateno — Manhã.

Goja — Alegre.

Festo — Festa.

Hela — Claro.

Pala — Pallido.

Luno — Lua.

Stelo — Estrella.

Mi amas la patron. La knabo forpelis la birdojn. De la patro mi ricevis libron kaj de la frato mi ricevis plumon. Mi legas libron. La patro donis al mi dolĉan pomon. Mi rakontis al la juna amiko belan historion. Mi ne amas obstinajn homojn. Mi deziras bonan tagon, sinjoro! Bonan matenon! Ĝojan feston! (mi deziras). En la tago mi vidas la belan sunon, kaj en la nokto mi vidas la palan lunon kaj la belajn stelojn.

EXERCICIO III

Verte para o Esperanto:

Não gosto de (não amo) maçãs azedas. O homem tem dois olhos. Li um bom livro. O passaro agora foi para dentro da (*en la*) arvore. Bom dia! Boa noite! Quem ousará dar a mão a um leão? Falarei duas horas. Junto da casa baixa havia uma arvoresinha. As crianças riam alegremente no jardim.

ACTIVIDADE SENSORIAL

Antenor Costa
Docente da E. Normal

Nós somos, a cada momento, influenciados pelo meio exterior em que vivemos. Pode-se dizer, mesmo, que a nossa actividade, os actos pelos quaes nós exteriorisamos a nossa vitalidade não são mais que uma especie de resposta ás continuas excitações provocadas pelas acções do meio; cessado, caso fosse possível, esse conjuncto de impressões, cessariam tambem, parallelamente, as manifestações reaccionarias que caracterizam a nossa actividade vital. A vida, pois, não é mais que um complexo de reacções ás impressões do mundo exterior.

O organismo tem, desse modo, a faculdade de sentir aquillo que sobre elle actúa; é que possui funcções exactamente destinadas a essa receptividade, funcções que no seu conjuncto constituem a *sensibilidade*. Esta não é mais que a primeira phase da actividade nervosa integral, da qual as excitações motoras representam a phase final.

As excitações sensitivas são levadas em fibras nervosas de conducção centripeta (*fibras sensitivas*), enquanto as excitações motoras são trazidas por fibras de conducção centrifuga (*fibras motoras*).

Nos centros nervosos, ponto intermediario entre essas duas especies de fibras, realisam-se as elaborações pelas quaes as excitações sensitivas são transformadas em excitações ou estímulos motores. Nos organismos inferiores essas elaborações são muito simples: são uma rapida transformação de excitações sensitivas em motoras, e os phenomenos dahi resultantes são actos puramente reflexos. Nos animaes mais elevados em organização, em que os centros nervosos já são mais diferenciados, as elaborações são mais demoradas e complexas, e os actos nervosos não se cingem a simples reflexos: as suas reacções são guiadas não só por estes, como por phenomenos de ordem sensorial.

Mas é no homem que a phase intermediaria entre a sensibilidade e a motilidade assume o seu maximo desenvolvimento e complexidade. Embora existindo tambem multiplos reflexos, fórma primitiva de actos nervosos, em que a phase de elaboração é rapida, ha ainda uma serie interminavel de outros actos nervosos da maior importancia e de uma tal complexidade que delles nada se conhece quanto á sua essencia. Pois bem, esses actos, que constituem os factos intellectuaes, a affectividade e a vontade, isto é, todo o dominio da actividade psychica, se realisam inteiramente dentro da phase intermediaria entre as excitações sensitivas e as excitações motoras!

Ditas essas palavras, para a comprehensão geral do assumpto, passemos propriamente ao estudo da actividade sensorial.

Geralmente aquillo que nos impressiona é immediatamente sentido na nossa consciencia; desse modo, esta tem noção de tudo ou quasi tudo que affecta o nosso organismo. E' a essa repercussão immediata, na consciencia, de uma impressão recebida, que damos o nome de *sensação*.

São necessarias tres condições para que se realice a sensação: a) a existencia de um agente em condições de impressionar o organismo; b) a existencia de um nervo capaz de ser excitado pela impressão e de conduzir a excitação resultante; c) a existencia de um centro psychico, no cerebro, onde a excitação se torne consciente sob a fórma de sensação. Falte o agente impressionante, ou haja lesão destructiva do nervo ou do centro cerebral, e a sensação não se fará.

Sob o ponto de vista psychologico, a sensação é o phenomeno mais simples na actividade mental: é o phenomeno primitivo e fundamental de toda a representação psychica. Se tomarmos como exemplo a representação mais simples, a percepção, que é o conhecimento immediato do objecto que nos impressiona, veremos que ella não é mais do que o resultado de uma multiplicidade de sensações concurrentes, provocadas pelo objecto impressionante. Assim, quando temos deante de nós um objecto que reconhecemos como sendo, por exemplo, uma laranja, tal reconhecimento (percepção) é feito graças a sensações varias de luz, de côr, etc., despertadas por esse objecto. O mesmo succede para as percepções evocadas ou creadas (imagens), e até para as representações geraes e abstractas (idéas), embora para aquellas o fundo sensorial seja bem mais manifesto que nestas. Em comparação grosseira, poderíamos dizer que as sensações estão para as representações psychicas como os elementos simples da chimica (hydrogeno, oxygeno, carbono, etc.) estão para todos os corpos que existem no universo: da mesma fórma que a diferenciação destes é dada pelos seus elementos com-

ponentes e pela disposição molecular dos mesmos, também a distinção das percepções e das imagens é oriunda das sensações que as compõem e do arranjo de taes sensações.

Nas sensações temos a considerar quatro attributos: qualidade, intensidade, duração e extensão. A *qualidade* diz respeito á natureza do agente impressionante. A sensação sonora, a sensação luminosa e a sensação de cheiro, por exemplo, são de qualidades diferentes porque a natureza dos respectivos agentes impressionantes é também completamente diferente. A *intensidade* se origina da maior ou menor energia da impressão: o som de um grito é mais intenso que o de um gemido; a luz de uma vela é menos intensa que a de uma lampada de arco voltaico. A *duração* é o espaço de tempo em que perdura a sensação: a luz de um relampago tem menor duração do que a do sol. Finalmente, a *extensão* é a porção de espaço occupada pelo agente impressionante: a luminosidade de uma estrella é menos extensa que a do sol; a sensação provocada por um banho geral é mais extensa que a determinada por um jacto d'agua sobre a pelle.

Podemos assim, pelos attributos das sensações, distinguil-as umas das outras. Taes attributos têm por effeito augmentar sobremodo o seu numero, visto como, dentro de uma mesma qualidade de sensação (a provocada por um corpo luminoso, por exemplo), podemos varial-a indefinidamente como outras tantas sensações, desde que façamos variar a sua intensidade, duração e extensão.

E' preciso notar, entretanto, que por maior que possa ser o numero de sensações, muitos dos phenomenos do mundo exterior nos escapam á falta de apparatus receptores adaptados a taes impressões. A nossa vista é incapaz de permittir a visão dos corpos de grandeza microscopica; os raios ultra-violetas e os infra-vermelhos do espectro solar, embora dotados de propriedades chímicas e physicas muito intensas, passam inteiramente despercebidos á nossa vista.

Quando a energia da impressão é por demais fraca o nosso sensorio não é affectado. O grau minimo de sensação constitue o *limiar de consciencia*: é o ponto a começar do qual a impressão passa a ser consciente.

A sensação não se produz simultaneamente com a impressão: ha sempre um certo atrazo entre o primeiro e o segundo phenomeno. Podemos facilmente verificar esse facto, por exemplo, mergulhando a ponta do pé em agua um tanto quente: a sensação de calor se produz, não no mesmo momento da immersão, mas decorrido um certo tempo (uma fracção de segundo). Esse phenomeno se explica pelo tempo que leva a excitação em percorrer a distancia entre o ponto impressionado e a cortex cerebral.

Outro facto a assignalar é a persistencia da sensação (é verdade que por um tempo muito curto) depois que já terminou a impressão. Esse facto é notavel sobretudo nas sensações visuaes: quando fixamos um fóco luminoso e que este se extingue, continuamos ainda a ter a sensação desse fóco durante um certo espaço de tempo. A essa persistencia momentanea da sensação visual se chama *imagem consecutiva*. Ella dura cerca de um vigesimo de segundo. Se as percepções luminosas se succederem em tempo menor que esse, acontecerá que ainda bem uma imagem consecutiva não se extinguiu e já temos uma nova percepção: haverá continuidade de percepções. O cinematographo é uma applicação desse phenomeno.

Ao mesmo tempo que as sensações se revelam como dados de conhecimento (por isso que por seu intermedio conhecemos aquillo que nos impressiona), ellas fazem vibrar também a nossa affectividade, se manifestando como facto agradável ou desagradável. E' o que se chama *tonalidade affectiva* das sensações. Em geral, ella se torna agradável quando decorre de qualquer coisa que é conveniente ao organismo, e desagradável quando provem de uma excitação inconveniente ou lesiva: geralmente o que é prejudicial ao organismo (pressão e calor demasiado, muitas substancias venenosas, os causticos, etc.) tem uma tonalidade affectiva desagradável, emquanto os factos uteis (exercício moderado, satisfação das necessidades nutritivas, etc.) são agradáveis.

As sensações podem ser classificadas em internas e externas. São *internas* quando as impressões de que ellas resultam partem do proprio organismo: uma dôr espontanea, por exemplo, é uma sensação interna. São *externas* quando as respectivas impressões são produzidas por um agente exterior: os cheiros, os sabores, os sons são sensações externas.

De uma maneira geral, quando as sensações têm um fim de protecção, de defesa do organismo, originam-se de todas as partes do corpo, principalmente de sua periphéria, mais sujeita esta ás influencias exteriores. Se o seu objectivo, porém, é principalmente um facto de conhecimento, ellas se localisam em zonas restrictas do corpo. Assim, a sensibilidade á pressão, ao calor e á dôr, factores estes que podem ser altamente damnosos ao organismo, distribue-se a todas as partes do corpo. Desse modo, todos esses pontos estarão sempre alerta a qualquer influencia nociva que lhes possa

TUDO DE GRAÇA

Casa propria, automovel,
mobilia, piano e enxoval
etc., basta comprar um
bilhete da
:: SORTE GRANDE ::
na feliz

CASA ODEON

AVENIDA RIO BRANCO, N.º 137
(Junto ao Cinema Odeon)

RIO DE JANEIRO

Pyorrhéa Dr. Rufino Motta, especialista
e descobridor do específico
Rua S. José, 38 — Rio

FRAQUEZA DA SYPHILIS

MARIA engordou 6 kilos em 40
dias com 2 vidros de Luetyl, gastan-
do 12\$000 e ficou forte. — GLORIA
engordou 2 kilos em 3 mezes com 10
vidros de outro depurativo e gastou
35\$000.

LUETYL só em boas pharmacias

PHOTOGRAPHIA

Carlos Alberto & C.
RUA DO OUVIDOR, 130-2º andar
TEL. NORTE 5882
— RIO DE JANEIRO —

COMISSÕES DE CAFE' E INDUSTRIAS

LEITE PINTO & C.º

RIO DE JANEIRO
35, BECCO DO BRAGANÇA
TEL. 6441 NORTE

PETROPOLIS
Fabrica de Tecidos de Malha VALPARAISO
RUA VALPARAISO, 190
TELEPHONE 740

RETIRO ESPIRITUAL PARA AS NORMALISTAS E PROFESSORAS

A pedido de um grupo de distinctas Senhoritas Professoras e alumnas da Escola Normal, a Commissão de Piedade e Culto da Confederação Catholica do Rio de Janeiro, promoveu e organisou um Retiro Espiritual que se deve realisar em preparação á festa do Natal, nos dias 21, 22, 23 e 24 do corrente mez.

Será pregador destes exercicios o Revmo. Sr. Padre Madureira, conhecido e estimado Jesuita patricio, cujo nome não precisa de apresentações nem de elogios. S. Revma. está na altura do distincto auditorio, e se vem preparando com o mais vivo interesse, para este 1º Retiro das Normalistas.

Os exercicios se realisarão no Externato "Sacré-Coeur" á rua da Gloria, 78, onde as Exmas. Religiosas acolheram com vivo prazer esta magnifica idéa, pondo á Disposição da Commissão, as salas, o refeitório, o bello jardim, a Capella, promettendo cuidar do bom andamento do piedoso tentamen.

HORARIO

Introducção: — Dia 21 de Dezembro, ás 4 horas da tarde.

Dias, 22, 23 e 24.

7 3/4	Entrada.
8 horas	Missa
8 1/2	Café.
9 horas	1ª Meditação.
10 horas	Passeio. Tempo livre.
10 3/4	2ª Meditação.
12 horas	Almoço. Descanço. Passeio no jardim.
1 hora	Terço em commum. Via. Sacra.
2 horas	Instrucção pratica.
3 horas.....	Tempo livre. Ensaio de canto.
4 horas	3ª Meditação. Benção. Sahida.

O encerramento será na missa de meia-noite, na mesma Capella do Externato "Sacré-Coeur".

Listas de adhesão ao Retiro encontram-se na portaria do Externato onde podem ser assignadas.

Durante o retiro serão feitas duas collectas respectivamente para o Rev. Pregador e para as religiosas, deixando-se plena liberdade á generosidade das senhoras presentes.

affected. A vista, a audição, a olfação e a gustação, ao contrario, se localizam em regiões restrictas. No primeiro caso, temos a *sensibilidade geral*, e no segundo, a *sensibilidade especial*. Nesta ultima se deve incluir tambem a sensibilidade tactil, por isso que ella é uma preciosa fonte de conhecimento, para o que se localisa em partes restrictas do corpo (polpa dos dedos, ponta da lingua).

A sensibilidade especial comprehende, assim, cinco actividades sensoriaes, que são os chamados *sentidos*: tacto, visão, audição, olfação e gustação.

(Aula professada na Escola Normal.)



A Linguagem e sua Evolução

Celso Lemos

Docente de Historia Geral

(As linguas: evolução humana no ponto de vista de seu aperfeiçoamento subjectivo: quanto á symbolização das idéas: monosyllabismo, agglutinação, flexão).

No desenvolvimento da linguagem primitiva muito influiram o espirito mítico e o animismo. Outros elementos, porém, reuniram-se a elles para constituir a linguagem, verdadeira moeda, instrumento de troca que assegurou ao homem a conservação das idéas nascentes, indice e factor ao mesmo tempo da civilização dos povos.

O estudo da linguagem permite-nos remontar ás origens mais remotas, pois o homem primitivo traduzia no fiél espelho de sua alma as primeiras emoções e sentimentos que experimentava deante da Natureza.

A sciencia moderna tem applicado á linguistica o methodo das sciencias naturaes e estudado na linguagem as multiplas superveniencias que ella revela do estado social primitivo e como consequencia, ella se detem na idéa de uma humanidade apenas sahida da animalidade, sem palavra e sem pensamento.

O pensamento logico e sua notação, a linguagem articulada, desenvolveram-se primeiro e depois separaram-se pouco a pouco das imagens individuaes e dos meios puramente mimicos e inarticulados de expressão. Um minimo de pensamento logico expresso pela mimica deve ter sido o estado primitivo da linguagem.

O homem primitivo devia possuir a linguagem mimica e expressiva, pois os irracionaes a possuem. Os animaes, não só attestam as suas emoções e sentimentos por gestos e gritos, como algumas vezes reproduzem estes estados expressivos com a intenção de significar alguma cousa. Todos elles possuem esta linguagem em relação com a sua intelligencia e necessidades. Naquelles que se encontram no limite inferior da escala de seres vivos, a linguagem só se manifesta por um certo contacto reciproco. Assim se entendem as formigas para ensinarem o caminho ou para satisfazerem outras necessidades collectivas. Os vertebrados expressam-se mediante gritos mais ou menos modulados e que geralmente se completam com gestos, como succede com os grandes monos. Outros animaes, como o papagaio e outros passaros, si não possuem a palavra, têm pelo menos uma manifesta aptidão para ella.

A linguagem do homem primitivo não differia da dos animaes superiores, isto é: gritos, exclamações e gestos. As interjeições foram os meios de formação da linguagem humana. Mas o homem, dotado de um aparelho vocal mais rico e de faculdades cerebraes mais vastas, encontrou innumeradas variantes alargando, augmentando e modulando seus accentos. Os gritos de chamada, germens das raizes demonstrativas, preparam os nomes de numero, sexo e distancia. Os gritos de emoção — interjeições simples — são residuos combinados com os demonstrativos e preparam a preposição.

No momento em que os nossos antepassados imitaram os grunhidos da fêra ou o sibilo da serpente para advertir de um perigo a seus semelhantes, nesse momento esboçou-se pela primeira vez a linguagem articulada convencional.

As primeiras palavras do homem foram pequenos sons imitativos e gestos. Os povos civilizados conservam a lembrança destes primeiros ensaios de linguagem na pantomima e sentem ainda a influencia de uma tendencia hereditaria que os conduz a acom-

panhar a palavra com o gesto, tendencia corrigida pela educação, mas que apparece na creança e nas pessoas de temperamento exaltado.

Quando criam as palavras, o papagaio e a creança criam as onomatopéas, as imitações. O homem primitivo adoptou esse methodo. Sendo a voz humana signal e ao mesmo tempo, era natural que se tomasse o som da voz para imitar os sons da natureza. Esta imitação directa ou symbolica dos ruidos terrestres, esta onomatopéa, proporcionou os elementos das raizes attributivas, de onde emergiram os nomes dos objectos, os verbos e seus derivados.

O estudo das linguas primitivas confirma o que acima ficou dito. As raizes de certas linguas reproduzem os sons das cousas que expressam, como os gritos de certos animaes, o ruido da agua, o ribombo do trovão, o sibilo da serpente, etc.

Na realidade, nem todas as raizes são imitativas, mas estas são geralmente mais antigas e formaram o primeiro momento das linguas. Entretanto, esses primeiros elementos não foram sufficientes, e os gestos tornaram-se necessarios e espontaneos.

A primeira phase da linguagem foi o *monosyllabismo*, tambem chamada *phase* das desinencias. Caracterisa-se pelo emprego exclusivo de palavras isoladas ou associadas, de forma que, cada uma conserva seu significado primitivo. Nesta phase falta toda indicação de tempo, modo, genero e pessoa; toda conjuncção e preposição. Traduz-se geralmente uma idéa em forma vaga e indeterminada.

As linguas monosyllabicas comprehendem as linguas *chinezas*, *tibetanas* e *indo-chinezas*, desde o Tibet até o oceano Pacifico e desde a Grande Muralha da China até o oceano Indico. De accordo com os trabalhos dos linguistas, a primeira forma destas linguas parece ter sido a forma agglutinante; muitas palavras que têm a mesma pronuncia tomam significações diversas com auxilio de entonações variadas.

O segundo estado é o da agglutinação (epoca das desinencias) e representa o primeiro passo do monosyllabismo ao estado de flexão e consiste em addicionar uma raiz á outra, conservando a primeira a sua independencia originaria, tendo a ultima o caracter de desinencia.

As linguas agglutinantes comprehendem as *linguas negras* com idiomas muito numerosos, do equador aos limites do Sudão. Ao sul do equador as *linguas bentú* utilizam sobretudo os prefixos; as linguas australianas e da Nova Guiné, empregam de preferencia os suffixos: — as linguas dravidianas são falladas no Decan; as linguas malaie — polyresianas que se estendem desde Madagascar até a ilha da Paschoa e das ilhas de Hawaï á Nova Zelandia; as linguas uralo-altaicas, que utilizam os suffixos, desde a Lapônia até o Japão, do Turkestão á Hungria, e são representadas pelo japonês, o coreano, os dialectos mongóes e turcos, o tunguez, o samoyéde, as linguas filandezas e o hungaro, enfim as linguas do Caucaso.

As linguas agglutinantes filiam-se as linguas polysyntheticas, onde os elementos da phrase, pela suppressão de uma syllaba, tendem a formar uma só palavra muitas de uma prodigiosa extensão.

As linguas polysyntheticas são representadas unicamente pelos dialectos americanos. Contam-se mais de 200 falladas pelos indigenas em alguns districtos costeiros da California, do Oregon, da Colombia britannica e nas regiões de florestas virgens como as selvas da Amazonia.

No periodo da flexão, as raizes que no estado precedente só eram agglutinadas, fundem-se e alteram-se. O significado expresso na palavra assim composta, differe dos elementos constitutivos.

As linguas de flexão são falladas pelo maior numero de homens e representadas por duas grandes familias linguisticas: — os idiomas *hamito-semiticos* e os *aryanos* ou *indo-europeus*.

As linguas *hamito-semiticas* são falladas no norte da Africa até o Sudão e no sudoeste da Asia até o planalto do Iram.

As linguas *indo-europeas* comprehendem as LINGUAS LATINAS ou ROMANAS derivadas do latim: — *franceza*, *italiana*, *hespanhola*, *gallego-portugueza*, *romana* (cantão dos Grisões), *ladin* (sudoeste do Tyrol) e a *rumaica*; as LINGUAS GERMANICAS: — *ingleza* (e de algumas outras partes das ilhas britannicas) idioma dos Frisões, linguas *escandinavas* (*suéca*, *norueguesa* e *dinamarquesa*, estas ultimas muito visinhas uma da

outra), o *alemão* (baixo alemão fallado em Saxe e em Hanover; alto alemão fallado em Baden, Wurtemberg, Baviera e Austria); as LINGUAS CELTICAS (*gallaica*, do paiz de Galles, *gaelica*, da Escossia, *baixo bretão*, do oeste da Bretanha); as LINGUAS SLAVAS, falladas pelos russos, polacos, tcheques, os slavos da região do Danubio e de seus afluentes, os bulgaros, etc. Convem citar ainda a *armenia*, as linguas *iranianas*, emfim aquellas que são falladas no nordeste da India e no valle do Ganges.

Esta evolução, ou melhor, estas evoluções particulares, que variam segundo as linguas, realizam-se em virtude de aptidões cerebraes e vocaes muito diversas e debaixo do imperio de circumstancias naturaes e historicas que têm determinado a marcha das sociedades. Por isso se tem considerado a linguagem e as linguas como organismos que crescem, melhoram ou decahem por suas qualidades ou defeitos.

Das humildes origens que acabamos de delinear, a linguagem se tem elevado ás formas complexas, a esta riqueza de expressão que se admira nos povos mais adiantados. A linguagem é o resultado do trabalho historico-social do povo, a consequencia necessaria da selecção natural e o elemento de cohesão mais potente da sociedade, pois para a formação de uma verdadeira lingua é necessaria á vida social com suas multiplas manifestações. Para o homem, a linguagem tem sido o ponto de partida e a fonte de todos os progressos que pouco lhe têm conferido esta superioridade que tanto o tem separado dos outros animaes.



PROVA DA ADIÇÃO

Tio Ratão

Effectuando addições, principalmente nos casos de lidarmos com parcelas grandes e numerosas, podemos errar.

Vou transcrever um processo bastante rapido, para verificar se o resultado é ou não certo. Seja

4	5	6	7	8	1	9	
3	2	7	6	5	4	3	
2	1	5	1	4	5	2	
3	5	4	7	1	4	1	
5	1	6	1	2	3	2	
<hr/>							
1	8	7	0	4	1	8	7

Verificamos este resultado sommando as mesmas parcelas, porém, da esquerda para a direita, e por columna.

A primeira columna á esquerda dá 17.

A segunda dá 14.

A terceira 28, etc...

Escrevemos assim:

17
14
28
22
20
17
17
<hr/>
18704187

A POESIA DA DOR

(Conferencia realizada no Curso Angela Vargas)

Pereira da Silva

Certa vez tive uma dessas decepções que nos ilustram por toda existencia. E como ao mesmo que me aconteceu qualquer de vós está sujeito afigura-se-me de bôa cordialidade não guardar sigillo de um caso que póde prenenir maiores surpresas.

As lições de coisas são, conforme a moderna pedagogia, as unicas realmente aproveitaveis. Infelizmente a maioria dellas nos passam despercebidas ou quando as recebemos, e são imprevistas, guardamol-as muito connosco, temendo que terceiros dellas tenham noticia. Ha duas poderosas razões para isso: em primeiro logar ninguem se julga ignorante e em segundo logar todos nós, no fundo, temos um só juizo para todas as creaturas. E' a lei do menor esforço, tanto mais imperiosa, quando se trata de materia relevante, como seja essa complicadissima psychologia humana.

Fôra visitar um amigo intimo. Era uma dessas naturezas que inspiam mais adoração do que amor. Naturezas hoje tão raras que bem poderiam consttuir um novo capitulo de anthropologia... subliminal.

São, realmente, individuos de outra especie bem digna de um naturalista que fosse, para o espirito e para o coração, o que foi Darwin para os animaes, propriamente ditos, e para os homens.

Levava, nessa visita, a alma irradiando de regosijo: ia fazer uma surpresa áquelle bonissimo companheiro de infancia e de juventude, cujo character de algum modo arredio nem por isso deixara de exercer continuamente a mais attractva influencia sobre mim. Elle fazia annos, naquelle dia, e aquella data propicia pareciam feliz para visital-o e justificar-me de uma ausencia já longa.

Meu amigo estava só, na sua pittoresca e isolada morada de bairro, onde vivia á sombra dos carinhos maternos, de algumas arvores satisfeitas e de uma profusa multidão de livros raros. Um perfeito retiro, como se vê, á semelhança dos consagrados á penitencia dos padres catholicos.

Ao deparar-me, veiu naturalmente, senão machinalmente ao meu encontro. Estranhei a frieza, principalmente no estado de alma que me levava e pela previsão que todos temos de achar sempre "em festa" os lares em taes dias.

— Mas é a tua pessoa mesma? Que alegria, meu velho amigo! O homem é realmente um animal sociabilissimo!

— Como assim? disse eu.

— Pois não ha ainda uma pessoa que me visita!? Olha que tu tens uma alma extraordinaria!

— Não comprehendo o teu espanto.

— Justamente porque tu és magnanimo. Pois tu não sabes quem sou eu? Seria preciso fazer-te a minha autopsychologia?

— Certamente que não!

— E então? Continúo cada vez peor, isto é, inconformado com a vida e, pois, com os meus semelhantes. Ora, a amizade ou a solidariedade humana não é mais que uma fórmula superior de mutualismo. A moeda aqui é a hypocrisia, as convenções sociaes, os accôrdos tacitos de expressarmos por gestos e palavras precisament aquillo que não sentimos. Ha muito que não tenho vintem, siquer, dessa moeda tão corrente e tão necessaria á vida como a outra. Não podendo offerecer troco, por falta de capital, ninguem me procura.

— E' muito pessimismo. Amamos as creaturas tambem por suas virtudes intimas, contrariei.

— Quando essas virtudes não estão em conflicto com os nossos preconceitos...

— Mas tu estás nestes casos?

— Precisamente, meu caro. E' que nós não nos vemos ha muito tempo. Ignoras, pois, o que se tem passado cá dentro em mim. Eu sou um homem absolutamente inactual.

— Um revoltado...

— Não. Seria uma felicidade: teria amigos e companheiros magnanimos como são todos os revoltados. Mas não: hoje, nem isso sou. Acabei comprehendo a ingenuidade de toda a revolta. Fiz-me, pois, um mero espectador. E' a unica attitude em que me posso ainda conservar de pé sobre o montão de ruinas de meus 35 annos.

— Mas, espectadores somos todos nós.

— Não ha duvida; apenas eu sou o espectador que tem olhos e não vê e ouvidos e não ouve.

— Não comprehendo.

— Eu me explico: o que nós chamamos vida é o interesse que temos por todas as coisas boas ou más, pouco importa. A expressão real desse interesse é o amor ou o odio. Quando, pela analyse, chegamos á evidencia de que não ha ninguem capaz de nos amar por este ou por aquelle motivo, dependente ou não dependente de nossa vontade, a vida já não tem mais finalidade e nos fica apenas a impressão de que somos demais no mundo. E' mais forte que a morte. E' ella quem faz todos os suicidas.

— Perdão! Seria um cobarde o homem que collocasse a sua intelligencia abaixo de suas impressões.

— Mas a cobardia é uma fórma da Intelligencia. O que nós chamamos fraqueza de animo não é mais do que uma ponderação minuciosa, racional, que fazemos dos factos e suas circumstancias, para podermos tomar uma orientação segura. Só os brutos não são cobardes. Ora a intelligencia que temos das coisas nasce das impressões que ellas nos deixam e si essas impressões nos deprimem ou nos abatem, acabam nos creando uma atmospherá moral irrespiravel. Eis-me, assim, em plena infinitude do desolamento. E' o exilio na Terra... Temos olhos e ouvidos, mas como um forasteiro, um estranho, um indifferente.

— E te apraz semelhante attitude?

— Eu já te disse que sou um espectador neutro. A principio quiz ser um estoico. Foi-me impossivel; depois tentei ser um cynico e não me senti bem. Resolvi, então, não ser coisa alguma. Seria o melhor meio de ser alguma coisa: nada, pelo menos.

— Uma boa idéa. Estavas livre de toda e qualquer concorrência.

— Felizmente tenho-me dado bem. Sou hoje, talvez, o unico homem sem queixas. As coisas, para mim, correm da melhor fórma. O Amor e a Fome são as unicas sensações fundamentalmente irreductiveis. O primeiro já é para mim uma saudade; a segunda quasi não me angustia, porque ainda sou um animal que caminha e porque, sobretudo, soffro de uma atonia simplesmente providencial. Como o minimo possivel, porque só assim padeço menos os tormentos de uma função vegetativa emperrada. Qualquer ganho é bastante e sufficiente para a minha subsistencia. Sou, como vês, um soldado fóra de linha.

— Mas fóra tambem do teu tempo...

— Com muita vantagem para mim. O ideal seria justamente este. O nosso tempo é o grande tyranno. Presume muito de si e nada de cada um de nós. Pensa que o mundo vae acabar com elle. Sacrifica-nos, devora-nos como Saturno devorava os filhos. Tem seus principios e suas idéas, que nós outros somos obrigados a manter com o sacrificio de tudo o mais. Ahi tens a conflagração européa como o mais vivo e barbaro culto que ainda a humanidade prestou á Guerra, — esse monstro de cem fauces. Viver fóra do seu tempo é, pois, ser esse espectador de que eu te fallei. Infelizmente não é possivel conseguir este grande bem em toda a sua plenitude. Seria o mesmo que alcançar a Felicidade; mas nem por isso a gente deve deixar de offerecer toda a resistencia possivel a esse holocausto. Quanto a mim, tenho feito o que posso e já me creel este estado d'alma proprio, individual, que me permite viver á parte, com emoções minhas, juizos meus, individualidade authentica. Ha, nisto, uma grande tristeza intima, justamente por não poder ser comprehendida de ninguem. Mas essa tristeza não deprime. Ao contrario, exalta: minh'alma floresce nella como a noite, tanto mais brilhante de estrellas quanto mais escura e profunda. Estou certo de que o homem é um animal que se acostuma. Acostuma-se á Dôr como á Alegria e as volupias que lhe dá a primeira são talvez mais vertiginosas que as sensações da segunda. Passados alguns annos, acabam por ser preferidas. Quem sabe si amanhã ou depois não penderá para o nosso lado a balança da justiça postera? Mas, penda ou não penda, isto é indifferente para uma alma que se descortina a si mesma e prefere os seus horisontes, por muito estreitos que sejam, aos horisontes das outras.

Desde esse dia, senhores, eu comprehendi que havia uma poesia da Dôr e ella sorriu-me na candura amiga daquella bocca sincera. Recordei-me, então, das palavras de Goethe: — Faze da tua dôr um poema...

Qual de nós, meus senhores e minhas senhoras, não reconhece a belleza profunda dessa reflexão? Quem já não sentio esse desejo amargo de fazer da propria dôr um poema? Existe, pois, a poesia da dôr. A' primeira vista, os dois sentimentos parecem antinomicos, Se considerassemos a Dôr em si mesmo, seria realmente assim; entre-

tanto, que diríamos também do Universo considerado intrinsecamente? Toda beleza espectacular do mundo visível, com o rythmo eterno das estações, com o rumor dos dias e a solicitude mysteriosa das noites nada significaria para fosse uma representação viva do nosso espirito. Em si mesmas as cousas realidade esthetica. E' a sua correspondência com o cerebro ou o coração interessantes ao nosso destino. Excluido da vida moral, que é uma volu- feito, o Universo seria um grande nada. E' nossa natureza immortal que as forças latentes, estuda-as e comprehende, como nas folhas de um livro os signos vivos deste Mundo. A poesia, pois, não está nas cousas, mas em realidade viva aquillo que nós sentimos. E' nisto que está a nossa grande- bem nisto que está a nossa grande miseria. E a poesia da dôr é precisamen- logo de esphinge entre o homem e a Natureza. Pouco importa que os espi- dedenhem dessas cogitações. Ellas não são fructos da Vaidade. Por mais, on indifferentes que queiramos ser, nos circulos da vida, dia virá em que emos, inda no apogeo das maiores glorias, como diante de um abysmo imprevis- dizer que só então foi que vimos á luz... Todo o passado não foi mais que usão, agora desfeita. Como, pois, attribuir á Vaidade essa avidéz de conhecer a para gosal-a em toda a plenitude feliz? Esse desejo é a substancia mesma de toda ade. A sciencia é elle realiado ou realisando-se no mundo visível das continger- a Arte e, especialmente a poesia, é elle feito volupia dos sentidos e do espal- tação, blasphemia, desespero, arrependimento, remorso, fome e sede de ade.

E' certo que hoje, mais que nunca, a humanidade parece entregue exclente ás paixões e aos instinctos de ordem inferior. Mas notae bem que ella não era. Pelo contrario, E' uma phase de transição por que está passando a alma ; é uma crise essa cupidez de ouro sonante que faz da vida intensa uma tragedo instanté. Tanto essa conjectura é verdadeira que os homens pensam e sent um modo, agem e realizam de um outro. E' o desaccordo entre a consciencia e o — alarmante symptoma de uma civilisação contradictoria. A vida não é, não pócma feira de todo momento; mas cousa séria e, consequentemente, mais bella. Haeses legitimos como os ha illegitimos. Os primeiros não exigem, nem justificam ar- monia entre os actos e a nossa dignidade de seres livres e nobres. E' essa de humanismo que nos falta. O que todos vemos, no geral, é a simulação, a disão, a hypocrisia, sendo ainda raros os seres animados de sentimentos equanifra- ternos. Todo um systema de pragmaticas e formulas desvirtua nossos intuitos- sas aspirações. Multiplicam-se, assim, as causas de afflicções, os motivos desto e as almas delicadas, inconformistas, teem a sensação de vasio num mundo a todos os bons pendores e onde tudo é instabilidade, inquietude, cupidez, anger- tigem, insatisfação. Por isso mesmo a sensibilidade actual tomou proporções e- cidas dos antigos e a poesia de agora tem acentos de uma melancolia cível sómente á heroica masculinidade dos homens e deuses inspiradores de HOM

O Mundo, senhores, é uma materia plastica para a nossa imaginação. Tra- a camartello, vivel-a na realidade impressiva das tintas, transformal-a nas reos chimicos, transfundil-a no milagre audível da Musica, estylisal-a como Flaur- lhe a eloquencia metaphorica das basilicas e, na syncope delirante do verso, r- lhe o rythmo do proprio coração, — eis o grande dever, a nossa finalidade. es não nos deram sómente a vida; mas esse vasto scenario de maravilhas para ia insatisfeita da nossa curiosidade. A virtude esthetica está precisamente em su- templal-o e exprimil-o. O poeta é esse interprete milagroso da vida. E' um a- mento authentico, um revelador e um reflector do eterno. Para isto, não lhe mestria na composição. E' preciso que esta lhe brote da alma exubere animad- pria substancia dynamica dos rythmos. Como um ser vivo que é, si a composi- lhe trazer da genese espiritual condições intrinsecas de vitalidade, seus veó resistirão á menor vicissitude do tempo. Não ha, pois, logar commum maio que censurar este ou aquelle poeta por ter da vida tal ou qual comprehensão, a tem a finalidade immanente. Como os temperamentos são tantos quantos são mens, a poesia tem necessariamente de apresentar multiplos, indefinidos asp- tão humana a poesia da dôr como a do entusiasmo, como a de quaesquer ou- xões, instinctos ou sentimentos. Na arte, como na Vida, não ha hypocrisia. Illudem-se os intrusos que pensam confundir os outros com uma angustia fit sem raizes profundas em sua propria natureza. Será o mesmo dos temperame- lancolicos que pretendem dissimular seu psychismo sombrio com uma effusã tanto mais debil quanto se suppõe exultante. Não! Procure cada um ser o m'

vivo de si mesmo: optimista, se são taes as suas disposições ingenitas; pessimista, se os seus pendores naturaes, suas tendencias innatas, seu fatalismo organico assim o determinam.

Sem sinceridade é que é impossivel commover, persuadir, exaltar.

O artificio não dura mais que um minuto. Trahe-se a cada instante. Póde, quando muito, crear phantasmagorias verbaes. Nunca fará estylistas e, muito menos, poetas. Deslumbrará ingenuos ou leigos; mas será sempre vaidade, frivolidade, habilidade, invencionice. A poesia não é uma especie de mentira divina. Só os que não são poetas, por fortuna ou infortunio, é que julgam uma sublimidade illusoria.

E' tambem este um dos velhos preconceitos burguezes a que a irreflectida sanção do tempo ha imprimido character axiomatico, mas que só passam como verdade para os que não teem o sentimento da verdade. E' certo que para os poetas as cousas não são o mesmo que para os outros homens. Nem as cousas, nem as suas relações com a divindade interior que ha em cada um de nós.

Sendo assim, as impressões, as emoções, os conceitos do poeta parecem absurdos, extravagantes á retina rasa dos que olham sem ver, ouvem sem escutar, pensam sem sentir. Esses conceitos parecem tanto mais absurdos, quando a fórma em que o poeta se exprime varia, segundo a psychologia de cada um, de maneira original, como tudo que é fecundo. Nessa variação é que está precisamente a riqueza emocional dos poetas, os valores estheticos que as cousas representam ou que nellas existem, mas que só elles nos revelam expressivamente como interpretes directos do mundo intelligivel ou dessa dramaturgia viva que ha no espectaculo apparente das fórmas. Que lhes importam a sciencia, a moral, os dogmas, a moda, as theorias, os applausos ou as criticas? A poesia preexiste a tudo isso e o poeta não vê senão o passado, para que se não afunde no tempo e o futuro para que se não perca o senso divino da perfeição. O presente não lhe interessa e só influe nelle de modo mediato; por que ha sempre entre o dia da sua alma e o dia do mundo o milagre vivo da imaginação creadora. Esta, sim, é que é a sua fonte de vida, como força mirifica, e fecunda da verdade e da Belleza. Esta intuição innata das cousas, esse senso do eterno, essa visão pura da vida, raramente se enganam, porque parecem determinados pelo proprio espirito de evolução indefinida que orienta, por imprescutaveis designios, o genio da nossa especie.

A dôr é uma condição da excellencia do espirito. Não é possivel pensar sem soffrer. Afigura-se-me que é um erro de educação desviar os olhos e o pensamento do que a vida nos offerece de grave. Essa, no entanto, é a norma geral. Está, ahí, talvez, a causa psychologica do desencanto de muitas almas. A melancolia é um producto da inactividade do coração ou da inapetencia dos instinctos. Ao contrario do que se pensa, não é a lucta pela vida que nos faz perder o instincto da conservação. E', sim, o desinteresse pela vida, a carencia de comprehensão da vida, a indifferença pelos seus tumultos, por seus gritos ou suas lagrimas, seus triumphos ou suas injustiças. Ha talvez mais incriminações a fazer á nossa educação frivola e epicurista do que contra a vida com suas vicissitudes, boas ou más. E' que nessa educação nos preparamos para tudo, menos para a intelligencia exacta da verdadeira e unica realidade que é a dôr. Confundimos a vida com suas apparencias e os gosos dos sentidos acabam sendo a unica razão de ser da nossa missão na Terra. Mas esse mundo das apparencias ou nos cança ou não demora muito em nos desilludir. Invertem-se, assim, a subitas, a noção fundamental que tinhamos da nossa finalidade e ou nos fartamos das mesmas volupias que já nos gastaram, e é um suicidio da alma, ou desesperámos dos restos dos nossos dias, por que não atinamos com nenhum objectivo para elles. Estamos, então, em plena crise moral. Para o sabio e, principalmente para o poeta, ahí está a propria razão de ser e a poesia da dôr. Em taes momentos é que o divino delirio das almas abala as solitudes da Divindade com effusões de soluços taes como as estrophes lyricas e lugubres do "Cantico do Calvario" de Fagundes Varella ou com aquellas apostrophes commoventes de desesperação humana que é o "Corvo de Edgard Poe"...

.....

Nessa atmosphaera de humildade divina é que deviamos viver. Para mim o que ha de bello na poesia é o que ella tem de tocante, de lithurgico, de ascencional. Não vejo outro thema que seja mais fertil para as variações magicas do seu septicordium. Tam-

bem a poesia da dôr é a unica que exalta. E' extranha a sua fascinação. Ella não conhece mesmo este ou aquelle instrumento. O seu verdadeiro instrumento é uma alma que ella vibre, invisivelmente, e parta, numa rima, como o crystal ao contacto da claridade.

Possuida dessa embriaguez da Deusa, é que a inspiração de Chopin tem a angustia passional da alma de sua Patria. E' a poesia da dôr que dá rythmo e belles aos corações que se amam e, por isso mesmo, sabem soffrer e quanto mais soffrem mais amam. E' ella, e não a poesia ruidosa, quem preside os gestos, as palavras e as attitudes eternas das almas enamoradas como Romeu e Julieta. E' a poesia da dôr que nos faz perdoar ou esquecer as brutalidades e as ingratições humanas. Ella é a pece, o extase, a saudade. E' o beijo da partida, o ultimo aperto de mão, o derradeiro abraço. Eu vejo, eu sinto, eu ouço a todo instante a poesia da dôr. Eu a vejo nas figuras solitárias, que passeiam, a horas mudas, por silentes recantos, suas maguas anaymas. Sinto-a, em mim, como a companheira que é da viuvez da minha alma; ouço-a nas ruas, escuto-a no meu gabinete, quando, a horas mortas, os livros nos falam na sua linguagem evocadora, — linguagem do odio ou do amor, do orgulho ou da miseria, da melancolia ou da duvida, da vida ou da morte. Ella, a poesia da dôr, é a linguagem das principes do Espirito. Escreveram-na os artistas, os philosophos, os poetas, os inspirados dessa outra região estranha e luminosa do Sonho. Escreveram-na, senhores, não por vaidade, mas pelo desejo de penetrar o segredo da sua propria psychologia; escreveram-na para consolo de suas fraquezas, ou para refugio das suas horas de desespero e para consolo das almas irmãs, senão nas virtudes realisadoras do genio, ao menos nos defeitos irremissiveis e communs da humana contingencia. Ouvi, commigo, senhores, algumas expressões disto que eu chamo a poesia da dôr. No presidio de Reading, perto da cidade, ha um tumulo infamado; dentro jaz um miseravel, devorado por linguas de chammass, envolto num lençol ardente. Esse tumulo não tem inscripção.

O enforcado ahí repousará em silencio até que Jesus Christo chame os mortos no dia de Juizo final.

Elle não carece de lagrimas insensatas, nem de suspiros offegantes.

Elle matou o que amava; por isso teve que morrer. Mas toda gente, afinal, mata sempre o que ama. Alguns (que ninguem deixe de saber) o fazem com um olhar de odio; outros com uma palavra carinhosa; o covarde com um beijo; o homem corajoso com um ferro. (Oscar Wilde.)

Eis uma outra expressão dessa poesia: E' de Anthero de Quental:

NENHUM de vós ao certo me conhece,
Astros do espaço, ramos do arvoredo,
Nenhum adivinhou o meu segredo,
Nenhum interpretou a minha prece...

Ninguem sabe quem sou... e mais, parece
Que ha dez mil annos já, neste degredo,
Me vê passar o mar, vê-me o rochedo
E me contempla a aurora que alvorece...

Sou um parto da Terra monstruoso;
Do humus primitivo e tenebroso
Geração casual sem pae nem mãe...

Mixto infeliz de trevas e de brilho
Sou talvez Satanaz; — talvez um filho
Bastardo de Jehovah; — talvez ninguem!

Assim como essa poesia toma, ás vezes, tão grave eloquencia pathetica, assume, éo raro, a mais doce attitude evangelica.

Aonde quer que vamos o rio da vida corre abundantemente sob a abobadade celeste. Elle passa entre as paredes de uma prisão, embora o sol ahí nada illumine, e não passa ao pé de um palacio de gloria e de felicidade. A nós o que importa, não é a extensão, a profundidade e violencia do rio que pertence a todos e que corre sempre, na a pureza e a capacidade da taça que nelle mergulhamos. (Maeterlink).

— Mas por que mamamos sempre o que nos deve fazer soffrer? E' o segredo do destino. Elle não quer que sejamos felizes, porque a desgraça é a regra e, conquistança a felicidade, intimidariamos os outros homens.

Nossa Vontade comprehende tudo; quer-nos salvar, fazendo uma escolha. Mas o destino é mais forte e corremos ao encontro da Desgraça!

Vêde as excellencias espirituaes da poesia da Dôr nas suggestões nocturnas destes versos de Alberto de Oliveira:

“O MURO”

Horas mortas, a lua o véo desata,
Solta o collar; a solidão se estrella
Toda de um vago scintillar de prata
E o velho Muro, alta a parede nua,
Olha em redor, espreita a sombra e vela
Entre os beijos e em lagrimas da lua.

Por vezes ella, a poesia da Dôr, tem tons pitorescos e ao mesmo tempo tocantes:

Na alcova sombria e quente
Pobre de mais, se não erro,
Repousa um moço doente
Sobre uma cama de ferro.

Vem uma loura figura
Com a colher de tintura
Que elle recusa num — ai!
Mas o solícito diz-lhe com riso:
Bebe que é doce, papae!!

Pede-lhe baixo e inclinada
Sua mulher que adormeça,
Em cuja perna encurvada
Elle reclina a cabeça.

tambem o soneto: “Francisco; — meu pae”:

“Como que o vejo: — O chapelão cahido
Sobre a cabeça branca de algodão...
Buscando o campo, — o dia mal nascido
Voltando á casa, — o dia em escuridão.

Lavrador, fez da terra o ideal querido.
“Meu filho, a terra é que nos dá o pão”
Dizia-me. E, cavava, commovido,
Toda a varzea sulcada em plantação.

Um dia, eu, pequenino, vi cavando
Sete palmos de campo, soluçando,
Uns homens rudes... (Tempo que já vae!...)

“Francisco, adeus!... Ouvi-os repetindo.
Meu pae desceu de branco... Ia dormindo...
Fechou-se a terra, e eu não vi mais meu pae!...”

Eu vos disse que só se sabe o que se sente. Tenho como certo que a unica escola efficaz é a do soffrimento. E' a ella que devemos quanto de bello, de util e de nobre nos legou o genio humano. Em geral, quando exultamos a maravilhosa alma da Grecia, esquecemos que as suas obras primas foram inspiradas nas tragedias reaes da sua historia. Sem ellas não teriamos Phidias, Homero, Eschilo, Euripedes, Platão, Socrates — que sei eu? Todas as figuras que os seculos veem augmentando e assombram cada vez mais o nosso espirito, justamente porque melhor symbolisaram os homens, as idéas, os sentimentos e as paixões do seu tempo. Que de angustia humana não representa, senhores, a Cathedral, — essa symphonia visivel, essa metaphisica dos vitraes, esse poema ogival da pedra, essa rosacea das afflicções interiores, essas agulhas da Fé penetrando as nuvens com as nossas aspirações de eternidade!! Eu creio que a Cathedral é a expressão mais eloquente da poesia da Dôr. Deus fez o Universo.

O homem, á sua semelhança, fez a Cathedral. E' a sua maior realisação. E' a these da sua sciencia, da sua Arte, da sua esthetica. E' o extase petrificado. E' o absolutismo da FÉ, o unico que salva, o unico que redime e deante do qual se perterna a nossa consciencia mortal. Não é impunemente que o homem lhe dá as costas. Tivemos a prova disso com a conflagração mundial. Ella não foi, no fundo, senão conflicto, a ferro, a fogo e a sangue, entre o homem — Machina e o homem — Inégnia. Vistes o epilogo do drama. Foram os arautos do panico e do incendio, os incendiaram as Cathedraes os vencidos. Era fatal. A evolução é continua como a Continuas, indefinidas, eternas, uma e outra. As transições na Historia como na do homem se fazem pelos estremecimentos do coração e não pelo rythmo dos bores. Por desconhcerem esta realidade ou, melhor, por não ter ella ainda entrado na circulação do seu sangue, é que os estadistas continuam a considerar sonhados os poetas e precipitam os povos e as nações na sangueira das batalhas. E' mais a aventura sangrenta que aborta numa decepção. Faz-se a confusão, faz-se a anarquia, desmoram todas as fortalezas, abatem, com fragor, todos os castellos. E' o processo da civilisação para os historiadores. Para nós outros, os sensitivos, é a perda da dôr. Elles encontram nessas vicissitudes motivos de desespero.

O poeta, ao contrario, descobre themes para novas attitudes lyricas. E' que os poetas sabem que a sciencia e a historia são outras tantas vicissitudes necessarias á perfeição do Homem e do Mundo.

Terminando esta palestra, permittida pela vossa benevolencia, quero deixar presente a minha gratidão á Sra. Barboza Vianna.

Faço-o, não só individualmente, mas tambem como expressão dos meus sentimentos artisticos. Tenho como certo que o seu curso de declamação era um complemento necessario dessa revivencia civica que deve a nossa Patria á palavra evocada de Olavo Bilac, Paulo Barreto e Coelho Netto.

O nacionalismo é mais um problema sentimental do que politico. Não creio que tenha maiores resultados sem a influencia directa da mulher no destino das novas gerações. Estimulando-as como vem fazendo a fundadora desse curso, já instruído a juventude feminina na interpretação do verso, já o tornando communicativo ás almas indifferentes, a Sra. Barboza Vianna não realiza nos seus salões e em nossas bibliothecas uma obra de simples recreio decorativo. Ella se faz o ponto central de uma pedagogia nova, que é a declamação livre e espontanea das bellezas lyricas de nossa raça. O espirito nacional ou nacionalista existe por si mesmo. O que é preciso saber é que elle está menos no cerebro do que no coração, menos nas palavras do que nos actos, menos nas idéas do que na ternura. Cultival-o, recitando-o ou interpretando-o, é obra de benemerencia e a persuasão da palavra evocativa, isto é, pronunciada como expressão tonica do que ella exprime litteralmente, é sem duvida alguma um dos seus mais poderosos elementos de victoria. Nós estamos, ainda, num paiz em que tem prestigio toda gente, exclusão unica dos homens de mentalidade. Creio que em parte alguma a actividade intellectual foi e continúa a ser tão malsinada. O jornalista, o poeta, o chronista, o simples reporter são outros tantos propulsores do nosso prestigio de nação culta. Nossa Patria não lhes deve menos reconhecimento que a qualquer outro profissional. Ha tanto valor num clinico eminente quanto num grande poeta. Este, num soneto, ausculta, examina ou faz a anatomia de uma emoção com o mesmo cuidado, a mesma argucia e a mesma pericia de um neurologista. Empenha, nesse fervor, a dignidade de seu nome, a vehemencia, o paroxismo de suas faculdades creadoras. Aquelles quatorze versos valem pelo ouro puro do seu espirito.

Elle o adquire, o grande obreiro, com a mesma coragem, o mesmo suor de agonia, as mesmas ambições e as mesmas decepções, a mesma intelligente sondagem dos outros garimpeiros extenuados no inferno subterraneo das minas sem ar e sem luz, na procura expectante da matriz milagrosa. E' clamante injustiça contemplar indifferentemente a profusa riqueza arrancada aos veieiros dessa cabeça vulcanica.

Para nós este curso tem a mais alta significação. E' um conforto, é um alento esse alvoroço de vivas sympathias. Uma tão espontanea audiencia, como a vossa, compensa, de algum modo, a angustia de viver num momento singularmente utilitarista como este e tão grosseiro que os mais bellos espiritos mal resistem ao tedio ou á desesperança absoluta. Esta palavra — Dôr — nunca teve maior curso no mundo; pois, com o desenvolvimento do espirito, augmentou o tormento da consciencia, ampliou-se a imaginação, descortinaram-se á cupidez materialista perspectivas phantasmas. E' talvez um mal, talvez um bem; porque sem isto não viriamos essas floreações miraculosas de bellezas intimas, christaes partidos das almas sonhadoras, depois que nellas foram bebidas todas as grandes e edificantes melancolias desta hora.

Licção de Economia Domestica

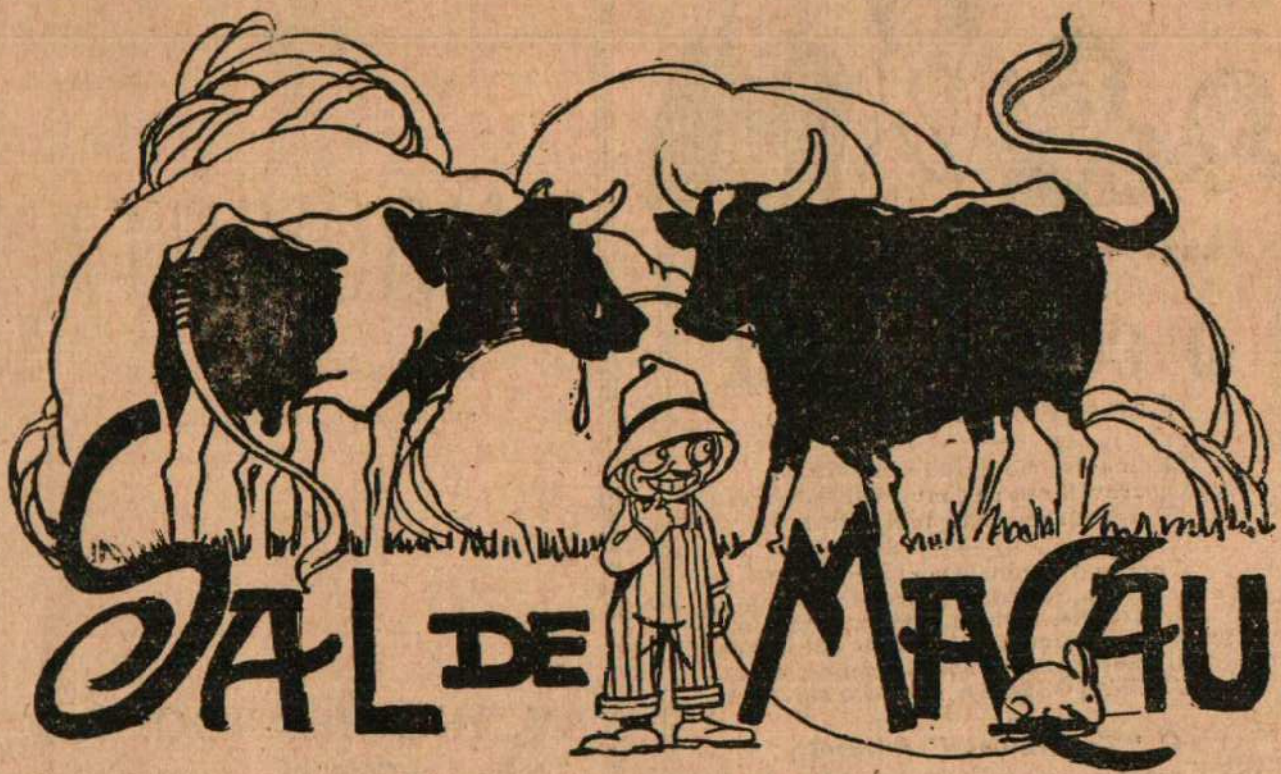
O que todas as moças devem saber

Qual o melhor sal de cosinha?

deduzamos a resposta

DA

observação do garoto



Olha, meu coelbinho si não tomares o "SAL DE MACAU"
ficarás magro como o boi malhado...



VERMULINA

VERMIFUGO IDEAL



Tosse da Grippe?
da Tuberculose?

O CONTRATOSSE

É DE EFEITO SENSACIONAL

Eficacissimo e poderosissimo!
Acção maravilhosa nas molestias do peito!
Agradavel e não tem diéta!

Tosses da bronchite chronica, da
Tuberculose, (efeito surpreendente), da
coqueluche, Asthma, emfim, quando
trazem escarros sanguineos, dôres nos
pulmões, falta de somno, febre, etc.
o CONTRATOSSE é o remedio salvador.

O "Contratosse" é barato:
Vidro 2\$800 ou 3\$000-Duzia 28\$000 ou 29\$000
em quaesquer pharmacias ou drogarias
Pacheco, Huber, etc.



"MIROVISTA"

Esplendida e muito breve
sahirá da nossa Alfandega



AV. RIO BRANCO, 12

Edificio d' "A CAPITAL" — 3.º andar - sala

ESQUINA DE OUVIDOR

Phone 6464

Rio de Jaír

UM CONTO PARA CRIANÇAS

O Homem que tudo achava

Malba Tahan

Ao sahir do “Leão Dourado”, a ultima hospedaria de Palekin, fiz conhecimento com um cavalheiro alto, de barba loura, que devia ser o meu companheiro de viagem durante o longo e fatigante trajecto até S. Petersburgo.

Chamava-se Sergio Navensk e era natural de Moscow.

— “O Sr. tambem nasceu em Moscow? — perguntou-me elle de repente, quando já iamos a caminho pela estrada do Vogt.

Respondi-lhe que não. E comecei a contar-lhe então, como se falasse a um velho amigo, toda a historia da minha vida, desde a minha infancia atribulada em Vladivostok, até mesmo as minhas ultimas aventuras, com os bandidos vermelhos do Japão.

O meu companheiro parecia ouvir, cheio de interesse, as façanhas e peripecias que eu lhe contava, mas, de quando em vez, interrompendo delicadamente a minha narrativa, dizia-me: — “Com licença !” — e, parando um momento, abaixava-se para apanhar do chão um objecto qualquer.

A principio não dei importancia a esse facto, mas a sua repetição constante começou a chamar a minha attenção.

Reparei, então, que o meu curioso companheiro era de uma sorte incrível para achar objectos perdidos; pude observar que, em menos de uma hora, elle havia achado duas carteiras com documentos, tres aneis, uma corrente de relógio, cinco ou seis moedas, varias chaves e outros objectos de menor valor.

— “E’ incrível! — pensava eu — como pode esse homem achar tanta cousa, enquanto que eu, por mais que arregale os olhos, não consigo achar uma simples ferradura ?”

Devia ser naturalmente algum dom extraordinario que o cavalheiro da barba loura possuia, e que lhe facultava a posse de todos os objectos perdidos pelo mundo. Ao vel-o, finalmente, arrancar do meio da areia da estrada um lindo collar de contas avermelhadas, não me contive e observei, com um sorriso de inveja :

— “Nunca vi sorte como a sua para achar objectos perdidos!”

“Não é questão de sorte, meu amigo — respondeu-me Sergio Navensk — é apenas uma simples habilidade que possuo, e que consegui adquirir com auxilio de seis alfinetes durante o tempo em que estive preso!”

— — “Habilidade ? Seis alfinetes? — murmurei, sem entender o sentido das palavras que acabava de ouvir.

— “E’ a pura verdade — replicou elle, com calma — E’ a pura verdade.

E procurando satisfazer a minha immensa curiosidade, contou-me, então, a sua historia:

— “Quando eu tinha vinte annos, mais ou menos — começou Sergio Navensk — levado por alguns companheiros da Universidade, tomei parte em uma conspiração revolucionaria contra o governo imperial. Inutil será dizer que os nossos planos foram descobertos e que todos os conspiradores foram presos.

Graças a intervenção de um rico fidalgo, muito amigo de minha família, escapei de ser fuzilado. Condemnaram-me, apenas, a quinze annos de prisão em Moscow. Nos primeiros mezes de prisão fui torturado por um tédio terrível. Não tinha nada que fazer durante o dia inteiro. Passava horas e horas, estupidamente sentado em uma lage do presidio, procurando inventar alguma cousa com que me distrahir ou com que me occupar. Um dia afinal, descobri seis alfinetes na minha roupa. Ajuntei os seis alfinetes na palma da mão, e estava procurando descobrir alguma habilidade que pudesse fazer com aquelle precioso achado, quando, distrahindo-me, deixei cahir os alfinetes no chão. E esse insignificante incidente, suggeriu-me um passa-tempo interessante — *procurar os alfinetes*. E assim, depois de ajuntar os seis alfinetes na mão, fechava os olhos e atirava-os com força para o ar. Isso feito ia procurar os alfinetes, e não parava enquanto não os tinha apanhado um por um. Repeti essa proeza uma ou mais vezes por dia durante os quinze annos que estive preso. Esse passa-tempo innocente fez com que se desenvolvesse em mim um golpe de vista extraordinario, proporcionando-me a preciosa habilidade de descobrir objectos perdidos.”

E, diante do meu espanto bem natural, o antigo prisioneiro do Tsar accrescentou :

— “Hoje vivo exclusivamente dessa habilidade que adquiri na prisão de Moscow. Tenho, em S. Petersburgo uma grande agencia de “*Achados e Perdidos*”, que grandes serviços presta á população. Espero fazer a fortuna se...”

E, interrompendo as suas palavras abaixou-se mais uma vez para apanhar do chão uma bolsa escura de couro, cheia de dinheiro, que estava perdida na estrada.

Meditei, naquelle momento sobre o curioso caso de Sergio Navensk. E conclui então, que um homem activo e intelligente, mesmo no fundo escuro de uma prisão, pode adquirir, com auxilio de seis alfinetes, uma extraordinaria habilidade, capaz de se transformar, mais tarde, em uma util e rendosa profissão.



Sedas e roupas brancas

Antes de comprar, ide a

GASA ISIDORO

Rua 7 de Setembro N. 99



Parnaso Infantil



M I N H A F I L H A

Minha filha... Que magia
Tem a sua natureza
Que accorda tanta alegria
Na minha tanta tristeza !

Minha filha... Minha gloria...
Mais que gloria, meu amor.
Victoria extranha, victoria
Do meu prazer contra a dôr.

Minha filha... Céu na Terra
Sonho, aroma, estrella, aurora;
Bem, que os bens todos encerra;
Bem, que os bens todos melhora.

Minha filha... Meu thesouro:
Minha musa rosicler.
Botão, que, em tempo vindouro,
Não será flor, mas mulher !

Minha filha... Não me cança
Ir-lhe assim contando a idade:
O dia de hoje — esperança;
O dia de hontem — saudade.

Minha filha... Minha palma...
Meu sobresalto... ai de mim!
Filha, filha de minh'alma!
Não sei de outra filha assim.

Luiz Carlos



“A Escola Normal” das alumnas

Problemas de Chimica

(Exercicio escripto da turma de Prof.
Pedro Augusto Pinto)

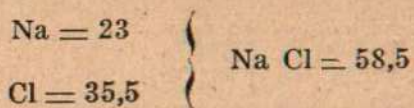
Nair Granja Machado Vieira
Alumna do 4º anno

“Tenho uma mistura homogenea de chloreto de sodio e de potassio. Peso 5 grammos desta mistura, dissolvo em agua distillada, trato por um excesso de nitato de prata, obtenho um precipitado. Lavo, secco, peso e obtenho 11,21 de chloreto de prata. Quanto ha nos 5 grammas de chloreto de sodio e de potassio?”

As formulas do chloreto de sodio, de potassio e de prata são:

Na Cl, K Cl e Ag Cl.

e seus pesos molares, são:



Chamando p o peso da mistura (5 grammas), x e x_1 os pesos de Na Cl, K Cl e, p_1 , o peso de Ag Cl, que, como sabemos, é 11,21, temos:

$$5 \text{ g} = p$$

$$x + x_1 = p \quad (1)$$

$$11,21 = p_1$$

Representando por y a quantidade de Na Cl e por z a de KCl, temos:

$$y + z = p_1$$

Nestas condições, teremos:

$$\text{Na Cl} : \text{Ag Cl} :: x : y$$

e

$$\text{K Cl} : \text{Ag Cl} :: x_1 : z$$

Donde, tirando os valores de y e z , das expressões acima, acharemos:

$$Y = \frac{\text{Ag Cl}}{\text{Na Cl}} x$$

$$Z = \frac{\text{Ag Cl}}{\text{K Cl}} x_1$$

Fazendo as expressões numericas $\frac{\text{Ag Cl}}{\text{Na Cl}} = m$ e $\frac{\text{Ag Cl}}{\text{K Cl}} = n$, e substituindo

estes valores nas expressões acima, teremos:

$$Y = mx$$

$$Z = nx_1 \quad \text{ou}$$

$$y + z = mx + nx_1$$

Substituindo, $y + z$, pelo seu valor p_1 vem:

$$p_1 = mx + nx_1 \quad (2)$$

Substituindo $\frac{\text{Ag Cl}}{\text{Na Cl}}$ e $\frac{\text{Ag Cl}}{\text{K Cl}}$, pelos seus respectivos pesos molares e effe-

ctuando as operações, temos:

$$\frac{\text{Ag Cl}}{\text{Na Cl}} = \frac{143,5}{58,5} = 2,45 = m$$

e

$$\frac{\text{Ag Cl}}{\text{K Cl}} = \frac{143,5}{74,5} = 1,92 = n.$$

Tomemos as equações (1) e (2)

$$x + x_1 = p$$

$$mx + nx_1 = p_1$$

e resolvamol-as em relações a x e x_1 , o que nos dará:

$$x = p - x_1$$

Substituindo na segunda x pelo seu valor, vem:

$$m(p - x_1) + nx_1 = p_1$$

Effectuando as operações, teremos:

$$mp - mx_1 + nx_1 = p_1$$

Pondo x_1 em evidencia, e passando mp para o segundo membro, vem:

$$x_1(n - m) = p_1 - mp$$

donde:

$$x_1 = \frac{p_1 - mp}{n - m}$$

Determinamos deste modo o valor de x_1 . Substituindo esse valor na equação,

$$x + x_1 = p$$

teremos:

$$x = p - \frac{p_1 - mp}{n - m}$$

Effectuando as operações, teremos:

$$x = \frac{np - mp - p_1 + mp}{n - m} = \frac{np - p_1}{n - m}$$

o que nos dá o valor de x .

As equações que vimos de resolver e que escrevemos abaixo

$$\left\{ \begin{array}{l} x = \frac{np - p_1}{n - m} \\ x_1 = \frac{p_1 - mp}{n - m} \end{array} \right.$$

nos permitem resolver o problema. Para isso basta substituirmos p , n , p_1 e m , pelos seus valores respectivos, já determinados — 5 grammas — 1^o,92 — 11^o,21 e 2^o,45, o que nos dará:

$$X_1 = \frac{11,21 - 5 \cdot 2,45}{1,92 - 2,45} = \frac{11,21 - 12,25}{-0,53} = \frac{-1,04}{-0,53} = 1^{\circ},97$$

$$X = \frac{5 \cdot 1^{\circ},92 - 11,21}{1,92 - 2,45} = \frac{9,60 - 11,21}{-0,53} = \frac{-1,61}{-0,53} = 3^{\circ},03$$

Estes valores de x e de x_1 nos mostram que ha na mistura, 3^o,03 de sodio e 1^o,97 de potassio.

HYGIENE PARA TODOS

DR. BARBOZA VIANNA

PREÇO 5\$000

== A VENDA NESTA REDACÇÃO ==

23, Rua S. Christovam, 23

Perfumarias finas

Artigos para toilette

Objectos para presentes

Joias e phantasias

O mais completo sortimento

PERFUMARIA AVENIDA

Avenida Rio Branco, 142

Phone C. 1318



João de Carvalho
CONSTRUCTOR

Construção e Reconstrução
de prédios por
administração ou empreitada

OFFICINA E ESCRITORIO:

Rua Buenos Ayres, 230

Telephone Norte 372

RIO DE JANEIRO

CAPAS

— PARA SENHORAS

SOB MEDIDA

PREÇOS DA FABRICA

ARTHUR N. GONÇALVES

RUA DO LAVRADIO, 96

— 1º Andar —

Telephone

Central 2127

TODA SENHORA DEVE USAR

GYROL

(Em caixas com 20 papeis)

PARA SUA HYGIENE INTIMA
DEPOSITARIOS:

E. T. MELLO & C.—Caixa postal 2475
RIO DE JANEIRO

LIVRARIA FRANCISCO ALVES

Paulo de Azevedo & C.^{ia}

(LIVREIROS EDITORES E IMPORTADORES)

—166 — Rua do Ouvidor — 166 —

— RIO DE JANEIRO —

END. TELEG. ALVESIA — CAIXA POSTAL N. 658

FILIAES:

Rua Libero Badaró, 129

S. PAULO

Rua da Bahia, 1055

BELLO HORIZONTE

Salutaris

A MELHOR AGUA MINERAL NATURAL

A RAINHA

DAS

AGUAS DE MESA

A' venda em toda a parte

Curso Normal de Preparatorios

RUA DO OUVIDOR N. 15-1º andar

Tel. Norte 6713

Rio de Janeiro

O VINHO

RAPOSEIRA

é recommendado pelos exmos. medicos

RUA DA QUITANDA. 33

Escritorio tecnico F. K. G.

Projectos de predios, palacetes e BUNGALOWS

Rua da Quitanda, 19, 1º andar.

EMPRESTIMOS

Menores juros — Maior Rapidez

RUA DO CARMO, 71-(1.º andar) Tel. Norte 766

SIQUEIRA CAVALCANTI & C.

(Casa bancaria sob a fiscalisação do governo)

DE AGULHA E LINHA

Gloria Swanson

Os dias de céu azul e sol ardente que o mez de Dezembro nos tem proporcionado, leva-nos a prescindir das *toilettes* pesadas e escuras; isto é, obriga-nos a seguir rigorosamente os preceitos da moderna Hygiene. Si continuasse o tempo inconstante, como aconteceu no mez anterior, seriamos, por certo, obrigadas a desobedecer á sciencia. Ver-nos-íamos nas contingencias de trajar um vestido escuro, e até mesmo pesado, ou carregar uma capa dos tempos invernoses, porque a indecisão do tempo, ora turvo, ora luminoso, a isso nos obrigaria.

Felizmente o mez que corre, fez-me esquecer os *manteaux*, e por isso, vou hoje falar dos vestidos vaporosos preferidos na estação.

Estes, como os dias de Novembro, são tambem inconstantes no que diz respeito a côres, tecidos e feitios, porém, quanto á leveza, obedecem rigorosamente á constancia que até hoje Dezembro tem mantido.



O algodão e a seda existem numa variedade espantosa quanto aos ornatos: as riscas ou listas de variadas posições formam um todo interessante; as pintas, symetricas ou não, os quadrados maiores ou menores, os triangulos, as linhas rectas, curvas, quebradas ou sinuosas, dão ao tecido um certo realce que agrada.

O linho está sendo o tecido preferido e, como novidade, appareceu o linho *Demoiselle*, procurado pela maciez e delicadeza e, portanto, o mais proprio ao contacto da pelle.

Condurier fez surgir o crepe *Muscandin*, de variadissimo colorido e tambem muito procurado na actual estação. Tambem o tecido de algodão traçado por fios brilhantes, isto é, o *Resocrépe Roumaïä*, o tecido *Panecla*, *Roumecla* e outros de terminação *écla*, como já disse um acatado jornal de modas, tem sido relativamente preferido pelo gosto apurado da sociedade.

Não devemos esquecer, entretanto, que, se fôr o tecido de um só colorido poderá ser combinado com um outro, cuja côr forme com a delle um mesclado aceitavel. E as rendas, bainhas e bordados deixam nos tecidos lisos um certo *que* proporcionador, auxiliar ou complemento, do que a mulher já possui por excellencia — a elegancia.

A CARIDADE

Myrthes Angelica Rebello

Na immensa e bellissima alameda que ia dar ao pateo do castello, cercada por um pequeno numero de creados, que a ouviam attentamente, achava-se a duqueza Branca, celebre pela fabulosa fortuna que possuia.

Apezar da inegalavel belleza de que era dotada essa creatura, tinha o seu rosto o frio glacial de que se reveste a physionomia das pessoas más e orgulhosas.

Nunca, desde que no castello habitava a formosa duqueza, se falára numa só esmola, que a sua prodigalidade bem podia fazer.

Entretanto, Branca occupava-se sómente de festas e passeios, em que gastava os dias e as horas, deixando entregue, ao tratamento nem sempre tranquillizador das governantes e preceptoras, a sua unica filha Virginia, linda creança de 12 annos de idade.

Os bailes, corridas e demais festas absorviam inteiramente o tempo da duqueza, que nem sequer se lembrava de que tinha uma filha, e que devia velar-lhe pelo futuro.

Habituada a soffrer sosinha os desgostos que tinha e a não ter uma creatura que se compadecesse della, a linda duquezinha crescia, dedicando sua vida aos pobres, seus unicos amigos.

Inimiga das festas e passeios onde a queria levar a mãe, todos ignoravam que tinha uma herdeira a bella Branca, pois nunca haviam conhecido esse anjo, que era sua filha.

Desde pequena a duquezinha vira-se só e abandonada, rodeando-a unicamente a estima dos pobres das cercanias, e offerecendo a Deus todo o amor que seu bello coraçãozinho, isento de qualquer outro sentimento, encerrava.

Achava nas orações o lenitivo para a sua dôr incuravel, que cada vez mais se dilatava na alma da pobre mocinha, que sómente legára da mãe a belleza incomparavel, e não o character altivo e orgulhoso da duqueza.

Sobre a sua linda cabelleira loira, jamais pousara o rico diadema que ornava frequentemente a frente de Branca; e em suas mãos aristocraticas, de longos dedos finos e bem feitos, nunca um desses diamantes, a pedra preferida da mãe, sonhara pousar.

Vestia-se simplesmente, e toda a sua pensão, que importava em avultada quantia, empregava-a em socorrer os necessitados, seus unicos amigos.

*
* * *

Voltavam da caçada.

A' frente, a duqueza, ostentando orgulhosa um bello traje de amazona, regia o grupo, montada num soberbo corcel. Dava ordens á criadagem mandando-a abrir os salões de recepção, para onde se dirigia a companhia.

— Onde está Virginia? — perguntou Branca, que, por brincadeira, fustigava o cavallo.

— Sahiu pela alameda, afim de visitar uns doentes, senhora duqueza.

Branca, dando uma chicotada no cavallo, dirigiu ao grupo, acompanhada por um sorriso ironico, a seguinte phrase:

— Senhores, vamos procurar a minha gentil duquezinha, que sahiu a socorrer uns enfermos, de quem é protectora.

E, elevando num donaire sem igual o bello corpo, galopou até uma pequena casinha, que se erguia á beira de uma estrada.

— E' aqui.

E já se ia dirigindo para a porta, quando se lhe deparou uma scena commovente. Virginia, com a bella cabeça inclinada, ouvia o que lhe dizia um moribundo, que lhe pedia que velasse pelos filhinhos, que ficariam ao desamparo.

A companhia, ao ver esta scena sublime, estacou; e não houve olhos que se não enchessem de lagrimas ao presenciar este grandioso espectaculo.

Sumiu-se dos olhos da duqueza o brilho máo que ha pouco os enfeitava; e por aquella face branca, assetinada e bella rolou uma lagrima, talvez a primeira, que á caridade fazia verter.

E esse sentimento, tão bello e tão puro, que havia entrado pela vez primeira no coração dessa mulher, derreteu para sempre a massa compacta de gelo que fazia uma barreira intransponivel no coração da duqueza!

O ENSAIO DO BALÃO



Adelina Picanço da Costa

Alumna do 4.º anno

— Pelo bem que me queres, minha amiga, dá-me uma idéa para o novo vestido... Já me enfastia olhar assim com indiferença para esses magazines tão falhos de gosto e novidades...

— Uma será pouco, Ritinha, dar-te-hei quantas precisares, si é que a minha opinião pode concorrer de algum modo para o teu agrado.

Aqui temos um rico modelo que te agradará bastante. Nada ha tão bello e tão leve como a moda actual. Já não tememos desvirtuar o gosto das nossas *toilettes* com as côres violentas e as extravagancias importadas do Oriente. Abandonadas as phantasias bulgaras que irmanavam matizes tão ridiculos, hoje, ao contrario, procura-se a harmonia no sobrio e delicioso contraste do branco e do preto...

Em verdade, a moda tem tido neste anno um periodo de relativo descanso.

As transformações mais sensiveis foram, sem duvida, as operadas sobre as cabelleiras, os brincos, as sombrinhas, os chapéos e os sapatos.

Quanto ás tunicas, babados, *plissés*, laçarotes e o mais, não chegam a constituir novidades...

— E' essa a verdade que me preocupa, minha amiguinha: Já me vae inquietando a falta de mangas e as saias colantes com que a Avenida se vem enfeitando (modestia a parte) nestes ultimos tempos...

— Já sei, queres certamente uma transformação radical, não é?

Não duvides em que o 1925 te mande da *rue Saint-Honoré, Royale*, ou dos *boulevards* de Paris a gorda e enfatuada saia balão.

Talvez te alegre mais, modernissima carioca, o apparatuso balão que haverás de cingir; talvez terá mais encanto o *trottoir* dos sabbados com as fartas rodas de farfahante tafetá ou mesmo dos crepes varios que se despedem a rôdo das vitrines.

Não foi sem razão que as companhias theatraes europeas nos trouxeram uma amotra, e... não leves a mal, appareceram os elegantes *abat-jours* de biscuit.

Barboza Vianna

HYGIENE PARA TODOS

Encontra-se nesta redacção

Preço : 5\$000

BIBLIOGRAPHIA

A ESCOLA

O numero de Novembro dessa revista faz em seu primeiro artigo algumas apreciações ao Dr. Alfredo Gomes — o grande educador ha pouco desaparecido — e entre outros trabalhos do summario destaca-se "A dissertação geographica" por Delgado de Carvalho.

A ESCOLA PRIMARIA

E' o seguinte o summario do numero 9 dessa revista :

Missão do Professorado — Nelson Senna; A' margem dos ultimos concursos; Entidades geometricas — Correggio de Castro; Do M. C. D. de varios numeros — Abilio B. de Alencar; Tres Palavrinhas — Mestre Escola; Educação do homem e do cidadão — Othelo Reis; Língua Materna — Noemia Eloya e Inah Martini; Arithmetica — Olypia do Coutto.

REVISTA PEDAGOGICA

Recebemos o numero tres deste interessante Orgão de Professorado Espirito-Santense, com o seguinte summario:

Alfredo Gomes; Os molluscos — Maria Stella de Novaes; Conselhos uteis — Arnulpho de Mattos; A Modestia — J. B.; Palestras sobre Hygiene applicadas ás Escolas Rurales — Arthur C. de Souza Couceiro; Bons Exemplos — Jayme Abreu; Grupo Escolar "Gomes Cardim"; Discurso — Placidino Passos.

MANON

Temos sobre a mesa o numero dois desta revista illustrada dedicada á alta sociedade carioca e dirigida pelos Srs. Carlos Alberto e Leon Petit. São optimas as photographias e a colaboração deste apreciado mensario.

REVISTA DE MEDICINA E HYGIENE MILITAR

Com interessante summario, dedicado a cousas militares nas suas relações com a hygiene, recebemos e agradecemos o n. 9 de Setembro de 1924, no seu 13.º anno.

PALAVRAS A' JUVENTUDE

O Dr. Daltro Santos procurou reunir em volume as conferencias e discursos que pronunciou nos Collegios Baptista e Militar e na Bibliotheca Nacional.

O illustre Professor do Collegio Militar e da Escola Normal, fez nesse volume um verdadeiro cathecismo civico, orientando pela palavra os seus discipulos para o caminho do dever, que não é differente da estrada da bondade.

E' este livro uniforme no estylo de verdadeiro mestre da lingua vernacula, porém muito desigual nos varios discursos, onde em cada um se encontra a idéa central apropriada ao auditorio e á natureza da solemnidade. As orações encaixadas neste volume hão de servir de estímulo aos moços, que, espelhando-se no Mestre, poderão ser, como o seu modelo, um ex-poente de sua classe.

Renato Kehl — A DEUSA HYGIA — 1.º Livro de Hygiene — Rio, 1924

O Dr. R. Kehl é um decidido apostolo da hygienização do Brasil e faz a mais continuada campanha nesse sentido, notavel pelo desinteresse de seus intuitos.

Excellent escryptor, pelo estylo incisivo e leve, onde se distingue sempre solida cultura litteraria, tem recebido o Dr. R. Kehl a acolhida que merece em nosso meio culto, esgotando-se as edições de seus livros.

Dedicado aos alumnos das escolas primarias, genero novo ao autor, é, pode-se dizer, um dos melhores livros que existem hoje no meio escolar pela clareza e brilho da linguagem.

Somos gratos ao autor pela delicadeza da offerta.



Escola Normal do Districto Federal

FESTA DAS NORMALISTAS

Realizaram-se varias solemnidades para commemorar a feliz terminação dos cursos do corrente anno.

Na sessão litteraria, levada a effeito no Instituto Nacional de Musica o Dr. José Rangel, Director da Escola pronunciou o seguinte discurso:

Solicitado para concorrer a esta solemnidade, com algumas palavras dirigidas aos meus alumnos, não me fiz esquivo á injunção; reservei-me, porém, o direito de escapar á responsabilidade de um discurso, preferindo dar a uma meia duzia de phrases o feitiço de palestra desprestenciosa, no estylo desataviado que a intimidade requer.

— A actual geração de normalistas elegeu uma data especial para as suas expansões de affecto e cordialidade, fazendo desse dia um dos maiores do seu Kalendario escolar; tal iniciativa, por sua origem, e pela alta e suggestiva significação com que se annunciou, viu desde logo abertos todos os corações para applaudil-a, nesta demonstração de encantadora realidade.

Nos fastos da nossa Escola ha, pois, a registrar, em assignalado relevo, o successo desta commemoração, que promete reproduzir-se annualmente, cada vez mais attrahente e mais convidativa. E não seria admissivel que nos alheiassemos a um movimento espontaneo de fraterna e grata camaradagem, mostrando-nos indifferentes a essa vibração de entusiasmo e de vitalidade que é mais um vinculo a irmanar as almas dos moços, e justo motivo para rejuvenescer a dos velhos, já mordida pela ferrugem da idade.

Tendes, na successão das horas, desde o inicio destes festejos, fruido as mais deliciosas sensações da mocidade e bem sentis o despertar de todas as fibras do nosso ser, em accordes, cujas sonoridades vão repercutir mesmo no animo daquelles que hajam apenas conseguido salvar, do torvelinho das vicissitudes, uns raros vestigios de idealismo, ultimos remanescentes de quadra longinqua, já desfeita nas brumas do passado.

Ainda este dia é todo vosso, todo de lindas visões e formosos sentimentos, de galas primaveris, aqui profusas e patentes.

Commigo, porém, reclama o inverno umbroso, um logar de indulgencia ao vosso lado, para que possa mais de perto, se embevecer, com inveja, na radiosa alegria de viver, que resplandece em vossas frentes, em vossos olhos e em vossos labios, atravez dessa sympathia inebriante que satura todo o ambiente, perfumando-o com o effluvio espirital emanado de almas boas, puras e generosas.

A juventude, dizem poetas entendidos nesses segredos, é, realmente, risonha primavera, em toda a sua plenitude: têm, ambas, attributos communs e dotes semelhantes — viço, frescura, seducção, promessas, esperanças, dias risonhos e duração ephemera.

Uma, escriptorio de crengas; outra, thesouro das pompas da natureza; uma e outra a primasia pretendem, mas em harmonico entendimento.

Assim, a festa dos moços muito se ha de affeiçoar ao ritual pantheista, reconstituindo-se o culto, celebrado outrora, da estação dos verdes tons, das campinas estrelladas de flores e dos céus floridos de estrellas; culto reservado á quadra em que o mundo parece ter sido feito exclusivamente para a delicia dos sentidos, para as preces ardentes e agonia das tristezas; para se ouvirem os canticos da creação pelas vozezs de todos os seus éstros — na terra e nas alturas.

Mas as boas lettras compartilham igualmente, e com alvoroço, da deliciosa festa de hoje, e, com ellas, o livro, que é o companheiro dilecto da normalista, o seu amparo e o seu confidante, o seu cumplice nas travessuras da imaginação, e o manancial inexhaurivel para a saciedade do seu espirito, ambicioso de saber e avido de emoções.

A normalista aprende, impressiona-se, deleita-se, distrahe-se, ri, chora, aneia e, por vezes, cochila e dorme, com o livro, no seu doce aconchego.

E é de vel-o — humilde, submisso, solícito, prestimoso, indulgente, discreto e enamorado, a supportar todas as oscillações do bom e do mau humor, todas as fantasias em que são fer-teis a sensibilidade apurada e a cabecinha caprichosa de Eva civilizada.

O livro dispensa, a quantos o procuram, consolo e sabedoria, da mesma sorte que o sol prodigaliza a todos os seres a caridade régia do seu calor e do seu brilho; tratadas com cari-nho e folheadas com interesse, parece que as paginas do livro se illuminam em conjunção com a intelligencia e os seus caracteres se destacam e avultam, para mais perfeita comprehensão do leitor attento.

Si, porém, desdenhado, por indolencia, ou ingratamente esquecido por artes de um con-currente mais amavel, da sua especie, ou de um rival de carne e osso, com encadernação de luxo, cerebro vasio — o livro, amigo conformado e silencioso, não se agasta, não faz scenas de ciúmes, nem revela despeitos; mas, pacientemente, aguarda confiante que, passadas a ver-tigem e a fascinação de momento, volte a volúvel creatura aos seus legitimos e primitivos amores.

Celebremos, tambem, com esta ephemeride, o prestigio dos laços da amizade e da fra-ternidade de classe; é no meio escolar que se alicerçam as mais fundas, sinceras e duradou-ras affeições; é na communhão dos mesmos sentimentos e ideaes que se aprimoram as deli-cadezas do feitio moral; é nesse grato convívio que surgem as affirmações positivas da fé na bondade humana e na revelação da particular ventura que consiste no viver em intimi-dade com os espiritos de eleição.

Os moços, quando emancipados da ignorancia e dos viciosos pendores, entram pela vida, de alma inteira, confiados nas proprias energias, tendo por armas a bravura dos fortes, levando consigo a provisão de alegria requerida para os gastos da jornada, accumulada du-rante os dias felizes, passados na casa que lhes foi doce abrigo e generosa fonte de ensi-namentos.

E' nesta phase do despontar consciente das suas rsponsabilidades, que a mocidade começa a se aperceber da singular nobreza da vida, manifesta na liberdade de pensar, amar e querer.

Na expansiva nobreza do pensamento, do amor e da vontade, consiste, realmente, a grande força dos moços; integrados na aspiração unica do Bem, não ha barreiras que resistam aos embates do seu militante ardor.

A normalista é um elemento de feição muito distincta e original, entre os estudantes pa-trícios; não fôra ella mulher e mulher brasileira, com todos os seus encantos e attractivos...

Constitue, essa joven estudiosa, apesar de todas as contingencias da sua condição de collegial, um typo requintado da natureza feminina, revestido de todos os característicos do seu sexo — vaidade, sentimentalismo, malicia, affectividade, humor vario e impulsos de gene-rosidade, realçados pela desenvoltura da idade e pela insubmissão á logica utilitaria con-temporanea.

Na vida escolar, é espirituosa, por vezes irreverente em face das fraquezas e ridiculos alheios, juiz severo dos mestres, de quem tem a habilidade de tomar o pulso á primeira appro-ximação intellectual, exacta nos seus deveres e dotada, regra geral, de lucida e magnifica percepção; adora os elegantes atavios, a moda, a Avenida e os mostruarios tentadores.

Mas, a alegria, é a nota habitual do seu estado d'alma; e é essa alegria communicativa e exuberante que dá vida e encanto áquella casa estreita e inconfortavel em que, ha muito, vivemos de emprestimo; a certas horas, nos intervallos do trabalho, quem ali chegar, mal poderá distinguir si a alacridade reinante vem dos pardaes, em bando, que chilream nos ga-lhos dos oitys ramosos, si das normalistas irrequietas em trinados e risos, á sombra das ar-vores, em agitação sadia.

A normalista é espiritual, crente, devota, e, ás vezes, mystica e supersticiosa; ouve missa aos domingos, tranquillisa a consciencia, perante o confissionario, uma ou duas vezes por anno, responsa a Santo Antonio, accende velas a Santo Expedito, e faz promessas a Soror Therezinha, variando, porém, a intensidade do seu fervor religioso conforme as ancias do cora-ção e as exigencias das bancas, nos exames do fim do anno.

Para muitas das nossas estudantes, os quatro annos do curso deslisam suavemente, entre sorrisos perennes, e caricias da fortuna, que as vem favorecendo desde o macio e tepido berço. Para tantas, e estas se contam por dezenas, a conquista do diploma de professora significa um continuo desfiar de bagas de um rosario de sacrificios; mas, para alcançal-o, não ha diffi-culdade de ordem economica a que não antepõem a mais decidida energia; não ha intem-perie ou distancia que não affrontem; não ha insuccesso que as leve ao desalento; não ha vicissitude domestica ou enfermidade minaz que as faça desfallecer; são essas, todavia, entre centenas, as unicas creaturas de apparencia timida e de attitude recolhida; verdadeiras he-roinas, specimens palpitantes do vigor feminino mantido pela chamma de uma vontade in-quebrantavel.

A normalista, com muito senso, e uma precoce intuição das conveniencias de attitude, em face das questões sociaes sobre as quaes se confessa pouco versada, não entra em discussão

sobre a prioridade dos sexos, convencida, que está, das muitas vantagens que leva a mulher sobre a outra metade do genero humano, encarado o problema no ponto de vista esthetico e sentimental.

O que ella aspira, com ardor e convicção — mas sem dispensar o *báton de rouge*, o minuscúlo arminho e o espelhinho de crystal — é que se abrem horizontes á capacidade, sem distincção de sexos, e se não embaracem os surtos das suas faculdades, com as quaes qur lidar e vencer, em livre e leal concorrência.

Accentuemos, porém, de relance, uma verdade de si incontestavel — o diploma que tanto cobicam milhares de normalistas, não as habilita tão sómente para o ingresso no quadro do magisterio municipal; a portadora desse titulo traz comsigo as credenciaes de um espirito culto e bem orientado; é a affirmacão implicita da mentalidade enriquecida com preciosos conhecimentos; é, ainda, uma garantia para o desempenho intelligente das suas funcções, mais que todas relvantes, no dominio conjugal; e, si a professora se não torna, desde a consecucão dos seus laureis, uma especialista em pedagogia, em physiologia, ou em psychologia infantil, dispõe, entretanto, ao termo do curso, de elementos mais que sufficientes para beneficiar as novas gerações, em qualquer ponto do paiz, com a educação integral, pela qual tanto suspiramos, visando a felicidade dos nossos filhos.

A normalista está destinada a constituir uma *élite* que, pelo seu merecimento real, conseguirá, como já o tem feito, com astuta galhardia, em numerosos prelios, reudir a empafia do concorrente masculino ás suas justas proporções.

A Escola Normal, tantas vezes injustamente apreciada, é, não obstante, um viveiro de moças valorosas, animadas de grande ancía de aperfeicçãoamento, preocupadas com o se elevarem moral e intellectualmente, no proposito de se collocarem á altura da sua patriotica missão de futuro, de serem assim, uteis aos seus, á sua terra e á sociedade em que terão de viver.

E, uma casa de educação e ensino que, apezar de todas as suas deficiencias tem conseguido proporcionar á causa da instrucção publica nacional essa legião de professoras que é uma gloria para o Brasil, e que o seria para qualquer povo da mais requintada cultura, com esse pugillo de servidoras da civilisação pôde offerecer o attestado, palpitante da obra patriotica com a qual tem conquistado o seu prestigio, e resistido impavida á insensata campanha de descortino com que, por vezes, se ha tentado alvejal-a, como se fôra a instituição responsavel pelos desvarios de um, ou outro, raro elemento, menos digno della.

Vou terminar, formulando os mais carinhosos votos pela sorte venturosa das queridas normalistas e para que os Céos illuminem as suas consciencias indicando-lhes o caminho do dever, fazendo dellas creaturas virtuosas e compassivas, zelosas do seu nome e da propria dignidade, lembrando-lhes eu que “os dotes do espirito poderão fazer invejosos; mas os do coração só sabem captivar amigos”.

E, para remate, uns lindos e conhecidos versos de poeta extinto, irmão pelo sangue e pelo inspirado sentir do excelso artista Luiz Carlos:

A primavera é uma estação florida,
Cheia de immenso, divinal fulgor!
De flores enche o coração da vida
E enche de vida o coração da flor!

A mocidade é uma estação ditosa,
Cheia de risos, de ideal prazer!
E as almas sentem um viver de rosa
Na mocidade — a rosa do viver.

Na primavera ha profusão de côres,
As flores brotam no rochedo bruto!
Depois... o fructo que ha de vir das flores
E as novas flores que hão de vir do fructo!

Na mocidade ha melopéas calmas,
Tremem dos labios os vermelhos frisos!
Os risos cantam no brotar das almas,
Cantam as almas no brotar dos risos!

Ambas se adornam de um viver risonho,
Iguaes parecem — ambas são de amor!
Se a mocidade faz nascer o sonho,
A primavera faz nascer a flor!

Iguaes parecem quando a vida as solta,
E, no entretanto, ellas não são iguaes!
A primavera passa e depois volta
E a mocidade não nos volta mais!

Escolas Normaes de S. Paulo

ESCOLA NORMAL DE CAMPINAS

No dia 14 de Novembro realizou-se nessa Escola a demonstração pratica dos processos e methodos do ensino de musica e desenho pedagogico, ministrados nas Escolas Normal e Complementar pelos professores das respectivas cadeiras, sr. Maestro Elias Lobo Netto, sra. d. Giudice Lobo e sr. Marcellino Vélez.

Assistiram á demonstração os srs. director e professores dos grupos escolares e escolas reunidas locais.

No amphitheatro da Escola o Orpheon da Complementar, sob a regencia da professora sra. d. Giudice Lobo, executou varias composições, que agradaram extraordinariamente.

Em seguida numa das salas do edificio, as alumnas dos 2.º, 3.º e 4.º annos fizeram no quadro negro, sob a direcção do sr. professor Marcellino Vélez, varios desenhos pedagogicos sendo todos muito apreciados.

O côro orpheonico da Normal, sob a direcção do sr. Maestro Elias Lobo Netto, deu cabal desempenho ao programma organizado.

A sra. d. Giudice Lobo cantou o solo "Luar de amor", sendo muito applaudida.

ESCOLA NORMAL DE PIRACICABA

Esteve em Casa Branca o Orpheon dessa Escola.

Os excursionistas vieram de Palmeiras até Casa Branca em automoveis postos á sua disposição.

A' tarde, realizou-se na praça Dr. Barreto, uma partida de bola ao cesto entre as turmas do Gremio Esportivo Normalista de Piracicaba, e da Associação Normalista "7 de Abril", desta cidade.

A' noite o Orpheon Piracicabano realizou uma audição no Flor Theatro, sendo muito apreciados e applaudidos todos os numeros do programma.

A pedido da assistencia, o Orpheon executou varios numeros extra-programma.

Em seguida realizou-se na residencia do sr. José Caetano de Figueiredo um grande baile offerecido aos nossos hospedes.

Os excursionistas visitaram os principaes pontos da cidade, seguindo depois para Ribeirão Preto.

ESCOLA NORMAL DE PIRASSUNUNGA

— Foi exonerado o sr. Luiz de Arruda Camargo da 2.ª cadeira — francez e noções de latim — da escola complementar, annexa á escola normal de Pirassununga, por ter sido nomeado para a 1.ª cadeira — lingua vernacula e calliphasia — da escola complementar, annexa á Escola Normal de São Carlos.

Escolas Normaes de Minas Geraes

ESCOLA NORMAL DE PALMYRA

— Collaram gráo, no dia 1º do corrente mez as normalistas que terminaram, este anno, o curso da Escola Nossa Senhora de Lourdes, tendo servido de paranympho á turma o senador João Pio.

Em beneficio do mesmo estabelecimento de ensino realizou-se, á noite, no Cine-theatro local, um festival litterario, em que tomaram parte os srs. Franklin Magalhães, Narciso Ferreira e Romualdo Barros, causando grande successo.

ESCOLA NORMAL DE UBA

— Realizou-se, no dia 3 do mez corrente, a cerimonia solemne de entregas de diplomas ás alumnas da Escola Normal do Sagrado Coração de Maria. Paranymphou a turma o deputado Dr. Celso Machado, tendo proferido o discurso official a senhorita Maria de Lucca. As familias das novas normalistas e grande numeros de convidados, compareceram ao acto, que se revestiu de grande brilhantismo.

As jovens diplomadas são as seguintes: Maria da Conceição Martins, Maria de Lucca, Alcemira Miranda, Edith Côrtes, Carlota de Mendonça Motta, Maura Leal, Jandyra Fernandes Lima, Geraldina Sant'Anna, Luiza Lisboa Braga, Lydia Baptista, Aminta Thomazzi, Nadyr Rocha, Maria Guarino, Maria de Lourdes Brandão, Argentina de Castro, Rita Cascardo, Antonio Lopes Coelho, Emilia Cunha, Dolores Barroso, Henriques e Marietta Infante Vieira.



Use Palm Beach e... Zombe do calor!

mas...

Use somente o **GENUINO** que traz a marca na orelha:



Cuidado com as imitações que não produzem o efeito desejado.

Novíssimos padrões para o verão de 1924-1925.

Em cores escuras, medias e claras.



Uma roupa leve e clara, no Verão, refresca as idéas de um bom professor. Use Palm Beach genuino.

UNICOS DISTRIBUIDORES PARA O BRASIL:

SILVA MASCARENHAS & Cia. — Rua da Quitanda 159

Certain-tee'd

O verdadeiro linoleum para residencias distintas



Tapetes' passadeiras e para forrações completas

A VENDA SÓMENTE EM CASAS DE 1ª ORDEM

Quereis ser feliz nos vossos amores?
Quereis ganhar dinheiro e serdes feliz nos vossos negocios?

A vossa vida está atrazada ou os vossos negocios estão correndo mal?

O vosso noivo ou noiva não vos quer mais?

Emfim, tendes algum embaraço na vida?

E' facil, facilimo, uzae hoje mesmo o grande e infallivel.

TALISMAN DE JERUSALEM

(DEFUMADOR INDIGENA)

O mais completo

Preço 5\$000, pelo correio 6\$000

Para destruição dos mosquitos e maus cheiros nas casas e camaras mortuarias, etc., etc.

Representante: **A. J. HENRIQUES**

Rua Theophilo Ottoni, 163 — RIO DE JANEIRO

Não aceitai, sobre qualquer pretexto, outro defumador, a não ser o

Talisman de Jerusalem

(Defumador indigena)

O unico verdadeiro e que dá resultados.

GABEÇAS LIMPAS

Acabaram-se os piolhos, as lendias, as parasitas e a queda dos cabellos

COM O USO DO

Oleo Indigena

Perfumado

Este oleo, é um grande tonico do couro cabelludo e combate com efficacia não só a queda do cabelo, como extingue por completo os piolhos, as lendias, a caspa e as parasitas na cabeça das creanças e dos adultos.

Vende-se em todas as drogarias, farmacias, perfumarias, barbearias, armarinhos e no Parc Royal. Representante geral: **A. J. Henriques**, Rua Theophilo Ottoni, 163 — Rio de Janeiro.

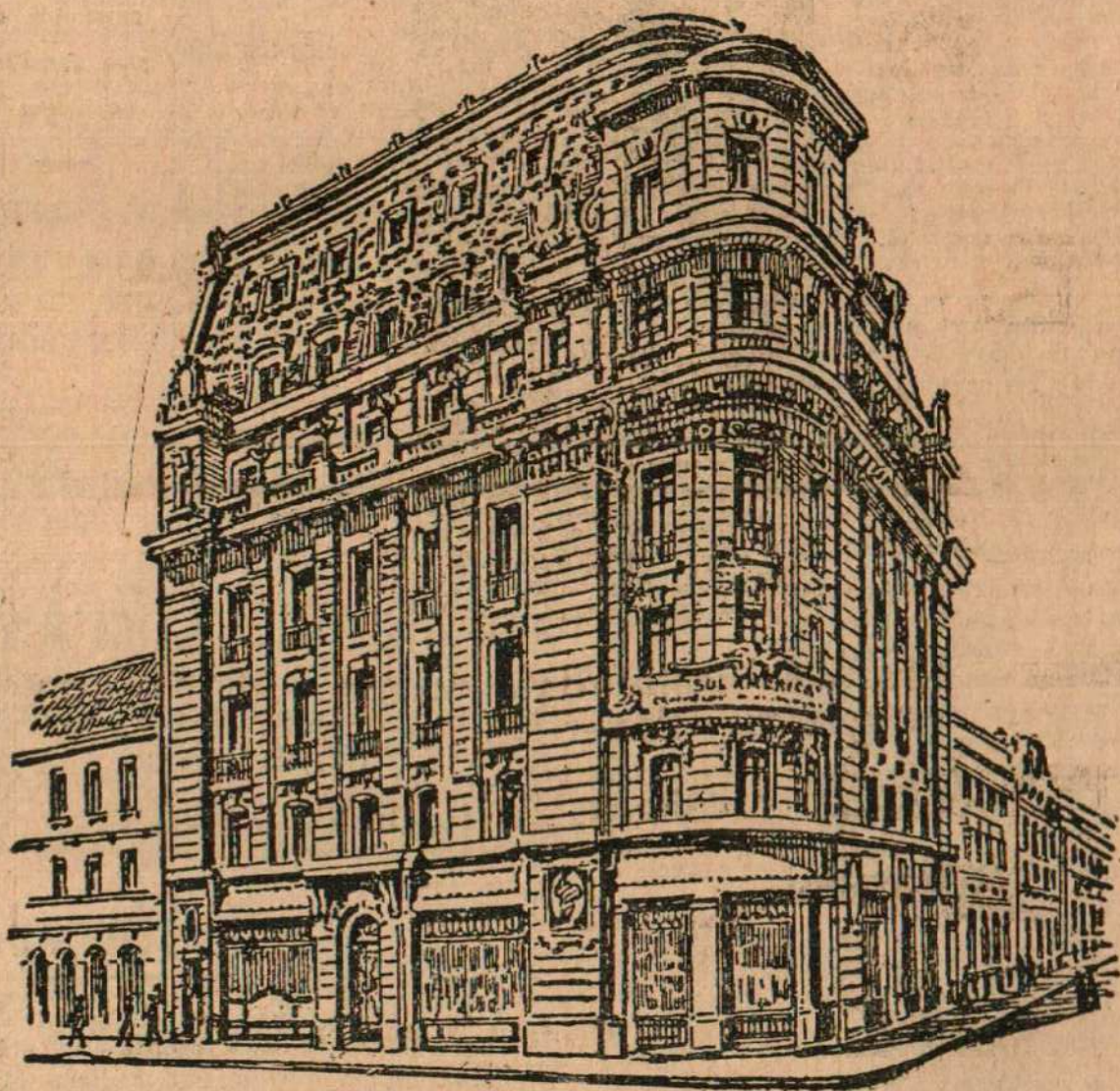
Preço 3\$000, pelo correio 4\$500

"SUL AMERICA"

COMPANHIA NACIONAL DE SEGUROS
FUNDADA EM 1895

Com a transferencia da carteira brasileira da "New York Life Insurance Company" a "Sul America" terá:

Seguros em vigor, mais de	550.000	contos de réis
Fundos accumulados, mais de.	100.000	" " "
Receita annual, mais de	34.000	" " "



EDIFICIO EM CONSTRUCCÃO PARA A SÉDE DA "SUL AMERICA" À

RUA DO OUVIDOR

:: :: :: :: ESQUINA DE QUITANDA :: :: :: ::

Séde Provisoria:

RUA BETHENCOURT DA SILVA, 15

RIO DE JANEIRO

PRODUCTOS DE BELLEZA
GENEURA



Crème — Branco — Brilhantina — Agua de Colonia
Agua de Alfazema — Loção.

PHARMACIA E DROGARIA MEM DE SÁ



Brinde d' A ESCOLA NORMAL

10% de Abatimento
a quem trazer este anuncio

J. Freitas & Cia.

AV. MEM DE SÁ N.º 80

Tel. Central 1447

RIO DE JANEIRO

LABORATORIO CLINICO SILVA ARAUJO

*Analyses clinicas em sangue, urina,
escarros, fezes, etc.*

*Vaccinas autogeneas para infecções
diversas.*

Colheita por medicos, a domicilio.

VACCINAS DE WRIGHT

Estaphylococcica — furunculose, abcessos, pyodermites, antrazes, etc.

Acne — acne, espinhas do rosto, etc.

Estreptococcica — erysipella, infecção puerperal, septicemia, etc.

Pneumococcica — pneumococcica e broncho-pneumonias, abcessos, nephrites, etc.

Colibacillar — infecções colibacillares do intestino, das vias urinarias e genitais, etc.

Pyorrhéa — pyorrhéa, gengivites, etc.

Asthmatica — asthma bronchica.

Coqueluche — tosse, coqueluche.

Bronchica — bronchites e broncho-pneumonia, grippe, etc.

Grippe — uso curativo — grippe e suas complicações no aparelho respiratorio.

Grippe — uso preventivo — prophylaxia da grippe.

Dysenteriforme — dysenteria bacillar, infecções dysenteriformes, diarrhéas, etc.

Typhica — T.-A.-B. — uso curativo — febre typhoide e infecções paratyphicas.

Typhica — T.-A.-B. — uso preventivo — prophylaxia das infecções typhicas e paratyphicas.

Pyocyanica — infecções cirurgicas, otites, etc., com pus azul (b. pyocyanico).

Puerperal — (Coli-estaphylo-estreptococo) — suppurações cutaneas, infecções do aparelho urinario, infecção puerperal, etc.

Coli-Typhica — T.-A.-B.-C. — infecções intestinaes de caracter typhico com diagnostico etiologico incerto, para-typhismo, colibaciloses, etc.

Coli-Estaphylococcica — Pyelites, infecções genito-urinarias, etc.

Acne-Estaphylococcica — acne purulenta, pequenas espinhas no rosto, no dorso, etc.

Ozena — Rhinite atrophica ozenosa, rhinites chronicas diversas, catarrho nasal, etc.

Otite — Otites externas agudas e chronicas, otite média, sinusites, phlegmões das amygdalas, anginas, osteo-myelites, infecções agudas dos olhos, etc.

FERMENTO LACTEO

Bulgaro-Zymase — fermento bulgaro purissimo para coalhada — em caixas de 6 empôlas.

Bulgaro-Zymase — idem — em estojos de 1 empôla.

Bulgaro-Zymase — idem — sob a forma de comprimidos de facil desagregação — (4 a 6 por dia) e de granulado. Antiseptico intestinal nas infecções diversas, prisão de ventre chronica, intoxicação intestinal, gastro-esclerose, eczemas, urticaria, furunculose, acne, dermatoses diversas, diathese arthritica, etc.

Carlos da Silva Araujo & Cia.

End. Telegr.: "BIOLABO"

Rua 1.º de Março n. 13 - Tel. Norte 5303

e Rua Zeferina, 201 (Todos os Santos)

Caixa Postal, 163 — RIO DE JANEIRO